

2022

Um brinde a Saussure e Bakhtin com Licor de Piqui

vol 1

Organizador:
Claudio Alves Benassi



CLAUDIO ALVES BENASSI
(Organizador)

UM BRINDE A
SAUSSURE E BAKHTIN
COM LICOR DE PIQUI
VOLUME 1

EDITORA PASCAL
2022

2022 - Copyright© da Editora Pascal

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho

Edição e Diagramação: Eduardo Mendonça Pinheiro

Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira

Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Dr. José Ribamar Neres Costa

Dr. Raimundo Luna Neres

Dr. Fabio Antonio da Silva Arruda

Dr. Diogo Gualhardo Neves

Dr. Gabriel Nava Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B456u

Coletânea Um brinde a Saussure e Bakhtin com licor de piqui / Claudio Alves Benassi (Org). São Luís - Editora Pascal, 2022.

133 f. : il.: (Um brinde a Saussure a Bakhtin com licor de piqui; v. 1)

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-86707-97-7

D.O.I.: 10.29327/563375

1. Linguística. 2. Visografia. 3. Libras. 4. Pesquisa. I. Benassi, Claudio Alves.
II. Título.

CDU: 81'221.24"2020/2022"(817.2)

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2022

www.editorapascal.com.br

contato@editorapascal.com.br

PREFÁCIO

Agradeço ao organizador desta obra pela oportunidade de unir a minha escrita, na forma de prefácio, aos demais autores e autoras que estão presentes nesse livro. Essa obra é produto de alguns anos de estudo do recém-formado Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem – Licor de Pequi (GEFIL). Embora formado em 2022, o grupo de pesquisa em questão já existe, em sua essência, a partir do projeto de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Claudio Alves Benassi, projeto este em que se desenvolveram as investigações linguísticas aqui reportadas.

Em sua primeira versão (Fase I), iniciada em 2019, o projeto de pesquisa tinha como título principal *“VisoGrafia: aprendizagem de língua de sinais escrita no atendimento educacional especializado (AEE) por meio do quarto momento pedagógico”*. Na ocasião, os pesquisadores filiados a este projeto desenvolveram pesquisas que tratavam, essencialmente, da Escrita de Língua de Sinais. Um ano depois, em maio de 2020, o projeto dá início a sua segunda fase de investigação (Fase II), agora reformulado sobre o título de *“Caminhos para o registro histórico da libras falada em mato grosso e das reminiscências do iorubá e da língua bantu presentes nas linguagens de terreiro”*. Essa segunda fase amplia o mote de investigação dos pesquisadores pertencentes ao projeto de modo a incluir (i) o registro, de um ponto de vista estrutural, das línguas de sinais fala no Brasil e (ii) o mapeamento das reminiscências do Iorubá e da língua Bantu em espaços religiosos de matriz africana.

Com o desenvolvimento das pesquisas no âmbito do projeto, a nova fase (Fase III) a ser implementada ao projeto de pesquisa, relaciona-se ao tratamento da língua/linguagem de um ponto de vista filosófico, mais especificamente adotando a abordagem da filosofia hermética. Os estudos desenvolvidos neste âmbito integrarão a última fase do projeto de pesquisa iniciado em 2019 e cujo título será *“Estudos filosóficos herméticos da língua(gem): práticas textuais discursivas e registros de língua Libras e reminiscências iorubás e bantos em terreiros”*.

O desenvolvimento do projeto de pesquisa em questão deixa claro que os pesquisadores estão agindo em direção ao que queriam, com desejo de transformação (BLOCH, 2005). Tal aspecto aponta para o fato de que é possível instaurar o *novo* como um processo aberto, dinâmico, inacabado, como escreve Bloch (2005, p. 194):

“Nenhum objeto poderia ser reelaborado conforme o desejo se o mundo estivesse encerrado, repleto de fatos fixos ou até consumados. No lugar deles, há apenas processos, ou seja, relações dinâmicas, nas quais o existente dado ainda não é completamente vitorioso. O real é processo e processo é a mediação vastamente ramificada entre o presente, o passado pendente e, sobretudo, o futuro possível”

O livro em questão mostra-nos seu desejo em dialogar com o novo na medida em que materializa resultados do projeto de pesquisa que desde 2019 vem se reinventando. Outro aspecto a ser mencionado e que endossa a busca pelo novo é o fato de que a obra assume como o fio condutor do livro uma visão de língua/linguagem tanto saussuriana

quanto bahktiniana. Isso deixa claro a inovação por trás da obra, uma vez que esta considera que, em linguística, não há assunto encerrado ou repleto de fatos fixos e consumados. Ao contrário disso, há sempre um convite à pesquisa.

Por essa razão, de um lado, ao se proporem registrar as línguas de sinais faladas no Brasil, os autores alinham-se a uma concepção de língua como estrutura, a ser analisada por si mesma e em si mesma (SAUSSURE, 1916), ou seja, os elementos que compõem uma língua só podem ser propriamente caracterizados a partir de uma organização global em que se integram (BORGES-NETO, 2004). Enquanto do outro lado, apresenta-se uma visão de língua associada ao fenômeno social de interação verbal, de práticas discursivas. Na concepção de Bakhtin (1997), a língua é uma atividade social, fundada na necessidade de comunicação, assim a natureza da língua é essencialmente dialógica. Isso significa dizer que a língua não é sistema/estrutura, mas atividade social.

Sendo assim, o capítulo que abre essa obra tem por título *Filosofia hermética e linguagem: aproximações conceituais* e trata da Filosofia Hermética e linguagem e foi escrito por Claudio Alves Benassi, doutor em Estudos de Linguagem pela UFMT, líder do grupo GEFIL. O objetivo é propor uma aproximação da filosofia hermética com a filosofia da linguagem. O ímpeto para a aproximação desses conceitos está na tese de doutorado do autor deste capítulo. Com essa aproximação, o pesquisador se propõe a dar luz a pontos em Saussure ainda obscuros como a utilização dos termos espírito, psique e corpo que podem estar relacionados a concepção filosófica grega de corpo e a concepção triádica normas, forma e substância que pode se relacionar ao triplo logos que segundo a filosofia, está em tudo o que existe.

O próximo texto de autoria de Áurea de Santana Bueno cujo título é *“Escrita de Sinais: efeitos e potencialidades no processo de ensinagem”* busca apresentar a Escrita de Sinais destacando seus efeitos e potencialidades no processo de “ensinagem” – termo empregado pela autora – de futuros docentes de Libras. Para realização de tal feito, a pesquisadora se vale de dados obtidos em uma atividade realizada para sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes – da graduação de Letras - Libras, Licenciatura – acerca da Escrita de Sinais. Esse trabalho se destaca não só por fomentar discussões sobre o tema supramencionado, mas também por ampliar o conhecimento da área da Língua de Sinais, especificamente a VisoGrafia - escrita de sinais criada pelo Dr. Claudio Alves Benassi.

Na sequência, o capítulo três em que o título é *“Método para o registro de dados linguísticos da Língua de Sinais”*, também de autoria de Claudio Alves Benassi, conta com a apresentação de um método para o registro de dados linguísticos advindos da língua de sinais. O método em questão é baseado na tese de doutorado do pesquisador e que, para este artigo, se propõe a apresentar algumas inovações metodológicas para o processo de registro de dados linguísticos da língua de sinais. O capítulo quatro de título *“Registro de regionalismo na Libras em Cuiaba, Mato Grosso”*, de autoria de Rayane Thaynara Santos, apresenta os resultados do registro gráfico realizado da língua de sinais utilizada no município de Cuiabá – MT. O método utilizado para registro é a VisoGrafia e os dados foram retirados de vídeos disponibilizados em site de domínio público Youtube.

O capítulo cinco sobre o título *“Leitura e identidade, tendo como fundamentos, os conceitos triádicos de convergência, insurgência e divergência”*, e de autoria de Quézia Mary da Silva, registra um projeto de pesquisa, orientada pelo professor Claudio Alves Be-

nassi, que visa discutir sobre a formação do sujeito pós-moderno e as influências que recebem no convívio social. Para essa compreensão, a prática de leitura literária é assumida como ponto de partida para a construção de identidades. Essa reflexão é ancorada nos conceitos de Bakhtin ([1979]2010; 1996) e Guattari (1977; 1989_a; 1989_b) sobre convergência, insurgência e divergência.

No capítulo seis, de autoria de Jislaine da Luz, cujo título é "*Bilinguismo de memória e identidade: reflexões acerca dos sentidos da língua materna indígena para a comunidade Terena do norte de Mato Grosso*" apresenta as marcas do bilinguismo de memória encontradas na comunidade indígena Terena. Para o campo de discursivo de registros, a autora apresenta conceitos de língua materna, cultura e sociedade, uma vez que estes ganharam novos sentidos, além de também propor a ressignificação acerca da formação das identidades e memórias interligadas nessa comunidade. De modo geral, os resultados se destacam por evidenciarem que a língua materna indígena Terena irrompe o fluxo das interações sociais diversas, as quais conectam contextualmente na vida, na cultura e nos saberes historicamente construídos.

O capítulo "*Bakhtin e Saussure: a vida da língua*", de autoria de Franciele de Jesus Ferreira Leite, é o sétimo capítulo. Neste, a motivação inicial é elencar saberes tanto bakhtinianos quanto saussurianos que compactuem com a vida da língua sob um viés sociológico. O interesse é reconhecer o posicionamento acerca da língua e linguagem dos autores de modo a verificar de que maneira eles podem contribuir para o ensino-aprendizagem de uma segunda língua, na ocasião desta pesquisa a Libras. O oitavo capítulo sobre o título de "*Dupla articulação na Língua Brasileira de Sinais: uma análise descritiva, reflexiva dos aspectos semânticos e gramaticais*", de autoria de Derli Aparecida Freitas Afonso, reflete sobre a dupla articulação da Libras. Para isso, alguns sinalemas (sinais) de Libras são articulados tanto na primeira quanto na segunda articulação para depreender como se dá o processo de incorporação de outras informações semânticas a esses sinais. Esse capítulo contribui, então, para os avanços teórico-prático do campo da linguística da Língua de Sinais.

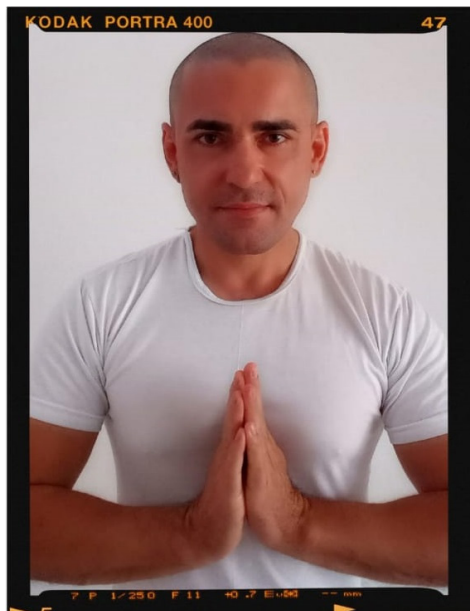
No capítulo nove, sobre os "*Prolegômenos teóricos acerca do registro das línguas indígenas e das Línguas de Sinais Brasileiras (LIBRAS)*", Jislaine da Luz e Maria Emília Novaes dos Santos, apresenta-se uma revisão bibliográfica tanto das línguas indígenas e línguas de sinais brasileiras destacando a invisibilidade linguística tanto no registro dessas línguas quanto nas políticas públicas voltadas a elas. O trabalho se destaca ao documentar as línguas oficiais, cooficiais e emergentes das línguas indígenas e da Libras. O artigo também reflete sobre as ações que impulsionam a prática e a valorização do registro das línguas em questão e a realidades dessas comunidades de fala minorizadas.

Ao fim, o capítulo dez, que fecha a obra, é de autoria de Sidney Lopes de Oliveira Filho e Claudio Alves Benassi. O capítulo de título "*Reminiscências das Línguas Banto e Iorubá nas linguagens de terreiro: levantamento bibliográfico de referências para pesquisas em registro e documentação de línguas faladas no Brasil*" apresenta resultados relativos a uma investigação que reuniu produções científicas que contém relação com a temática central "reminiscências do Iorubá e da Língua Banto nas linguagens de terreiro". Após a apresentação desse levantamento, discute-se sobre dois trabalhos realizados em 2018 pelos autores sobre o tema comida de santo e relações de fundamentos da Umbanda e seus vínculos com preceitos bíblicos.

Como é possível observar, as duas fases do projeto de pesquisa elaborado em 2019 são aqui materializadas em diferentes produções acadêmicas segmentadas em dez capítulos - contemplando a fase I, já encerrada, a fase II ainda em andamento e em estágio de relatoria. Convido nossos leitores a conhecerem as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem – Licor de Pequi e a se integrarem a investigação linguística desenvolvida no âmbito deste grupo.

Desejo que essa publicação alcance e interesse não só aos que já investigam sobre o tema ou aspectos correlatos, mas também a aqueles que estão iniciando seus estudos em linguística geral. Desejo, ainda, que todo o conteúdo aqui presente cumpra a função de multiplicar os trabalhos desenvolvidos sobre a temática central aqui tratada.

ORGANIZADOR



CLAUDIO ALVES BENASSI

Professor, pesquisador, músico compositor, filósofo. Atualmente é professor do Departamento de Letras, do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), compõe o corpo de docentes do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL), da mesma universidade. Dedicar-se à pesquisa sobre o registro escrito da língua de sinais, bem como de sua linguística, além da análise do discurso, tendo como aporte os teóricos Saussure e Bakhtin e a filosofia hermética, com os quais desenvolve uma abordagem da linguística que intitula “linguística hermética”. Fundador e editor das revistas acadêmicas

Diálogos (RevDia) e Falange Miúda (ReFaMi). Criou e implementou, a partir de pesquisa científica, o sistema de escrita de sinais VisoGrafia. Coordena o Grupo de Estudos em Filosofia da Linguagem Licor de Pequi (GEFIL).

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	4
ORGANIZADOR.....	8
CAPÍTULO 1	11
FILOSOFIA HERMÉTICA E LINGUAGEM: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS Claudio Alves Benassi	
CAPÍTULO 2.....	24
ESCRITA DE SINAIS: EFEITOS E POTENCIALIDADES NO PROCESSO DE ENSINA- GEM Áurea de Santana Bueno	
CAPÍTULO 3.....	37
MÉTODO PARA O REGISTRO DE DADOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA DE SINAIS Claudio Alves Benassi	
CAPÍTULO 4.....	51
REGISTRO DE REGIONALISMOS NA LIBRAS EM CUIABÁ, MATO GROSSO Rayane Thaynara Santos	
CAPÍTULO 5.....	68
LEITURA E IDENTIDADE FUNDAMENTADA NOS CONCEITOS TRIÁDICOS DE CON- VERGÊNCIA, INSURGÊNCIA E DIVERGÊNCIA Quézia Mary da Silva Reis Claudio Alves Benassi	
CAPÍTULO 6.....	78
BILINGUISMO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFLEXÕES ACERCA DOS SENTIDOS DA LÍNGUA MATERNA INDÍGENA PARA A COMUNIDADE TERENA DO NORTE DE MATO GROSSO Jislaine da Luz	
CAPÍTULO 7.....	91
BAKHTIN E SAUSSURE: A VIDA DA LÍNGUA Franciele de Jesus Ferreira Leite	

CAPÍTULO 8 100

DUPLA ARTICULAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA, REFLEXIVA DOS ASPECTOS SEMÂNTICOS E GRAMÁTICAIS

Derli Aparecida Freitas Afonso

CAPÍTULO 9 112

PROLEGÔMENOS TEÓRICOS ACERCA DO REGISTRO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS E DAS LÍNGUAS DE SINAIS BRASILEIRAS (LIBRAS)

Jislaine da Luz

Maria Emília Novaes dos Santos

CAPÍTULO 10 121

REMINISCÊNCIAS DAS LÍNGUAS BANTO E IORUBÁ NAS LINGUAGENS DE TERREIRO: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE REFERÊNCIAS PARA PESQUISAS EM REGISTRO E DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS FALADAS NO BRASIL

Sidney Lopes de Oliveira Filho

Claudio Alves Benassi

AUTORES 129



CAPÍTULO 1

FILOSOFIA HERMÉTICA E LINGUAGEM: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

HERMETIC PHILOSOPHY AND LANGUAGE: CONCEPTUAL APPROACHES

Claudio Alves Benassi

Resumo

Nesse capítulo, apresentamos uma aproximação da filosofia hermética com a filosofia da linguagem. A origem dessa “empreitada” está ligada à nossa tese doutoral, na qual propusemos que abstrato e concreto na língua/linguagem, são “duas faces de uma mesma moeda”. Ao nos despertarmos para a filosofia hermética de “O Caibalion”, diversos pontos em Saussure, para nós ainda obscuros, recebem luz e assim iniciamos essa aproximação filosófica. Temos publicado uma obra sobre essa temática intitulada “Três ensaios teóricos-filosóficos” e uma disciplina de mestrado ministrada como principais resultados desse nosso empreendimento.

Palavras-chave: Filosofia hermética, Filosofia da linguagem, Linguística hermética, Filosofia hermética da linguagem.

Abstract

This chapter presents an approximation of the hermetic philosophy with the philosophy of language. The origin of this “agreement” is part of the doctoral thesis that proposes that the abstract and the concrete in language are “two sides of the same coin”. Observing the hermetic philosophy from “The Kybalion”, although several points made by Saussure are obscure, it also allows for a philosophical approach. In this way, “Three theoretical-philosophical essays” was published and a master’s level subject was taught as the main results of the research.

Keywords: Hermetic philosophy, Philosophy of language, Hermetic linguistics, Hermetic philosophy of language.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo expor as bases de um pensamento originado em nossa pesquisa doutoral, cuja tese intitulada "*VisoGrafia: o problema do conteúdo material e forma na escrita de sinais*" apresentou um sistema de escrita com baixo número de caracteres, que permite o registro gráfico da língua de forma visual satisfatória, além de apresentar uma característica importante: a rápida aprendizagem do sistema observada nos cursos de extensão voltados à escrita e em disciplinas de dois cursos de Letras-Libras – Licenciatura, que compuseram os lócus de produção de dados da pesquisa.

No Brasil, à época, circulavam três outros sistemas gráficos da Libras. A constituição desse novo sistema de escrita de sinais justificou-se a partir as dificuldades encontradas na prática de ensino-aprendizagem nas disciplinas e cursos ministrados por mim. O sistema de escrita aplicado não atendia à expectativa de parte dos acadêmicos, especialmente os surdos, e, além disso, o outro sistema que, em tese, poderia substituir o utilizado possuía 982 caracteres, segundo Stumpf (2005, p. 150), o que tornava sua aplicação inviável numa disciplina de apenas 32h.

Apesar de não haver na área da Libras um consenso quanto ao ensino da escrita de sinais e ainda persistir um profundo desconhecimento da mesma como potencializadora da alfabetização dos surdos em sua própria língua, o ensino da escrita de sinais – como já provado cientificamente por inúmeras pesquisas, incluindo a nossa (BENASSI, 2019) – contribui para o desenvolvimento cognitivo do surdo. Lembrando Vygotsky (2007, 2008), e o tomando como base, a aprendizagem da escrita contribui para que a criança desenvolva as estruturas superiores da mente, levando-a a um patamar superior de representação simbólica, algo chamado pelo teórico de "segundo nível de representação simbólica", que obviamente admitimos em relação à criança surda e à aprendizagem da escrita de sinais por analogia.

As especificidades de nossa pesquisa nos levaram a utilizar como principais bases teóricas o pensamento de Vygotsky, no que tange a importância da aprendizagem de uma escrita de sinais pela criança surda; Bakhtin e o Círculo, em relação às questões valorativas em torno da escrita de sinais; Saussure e Martinet, no que se refere à língua como sistema e à dupla articulação da língua de sinais, respectivamente. Assim, acabamos por iniciar uma concepção própria de língua e linguagem que compreendia o concreto e o abstrato delas como sendo o todo de uma mesma coisa.

Nesse sentido, esboçamos uma abordagem teórica que abarcava o abstrato e o sistêmico da língua, explorado por Saussure; e o concreto, enunciativo e dialógico da linguagem preconizado por Bakhtin e o Círculo. Esta ideia ficou em latência após a defesa de nossa tese. Foi retomada em 2020, quando fizemos uma série de alterações na proposta original em virtude das demandas apresentadas pelos participantes do projeto de pesquisa por mim coordenado. Passamos então a focar no registro, documentação e análise da Libras falada no estado de Mato Grosso, bem como nas reminiscências das línguas Banto e Iorubá nas linguagens de terreiro.

Nessa fase do projeto, retomamos o estudo da obra "Escritos de linguística geral"



(SAUSSURE, 2004), que foi extremamente produtivo. No entanto, por se tratar de uma obra baseada em notas originais do próprio autor, muitas delas incompletas – e, também, por conter diversos exemplos de línguas que não temos acesso – a leitura se tornava às vezes demasiadamente complexa, prejudicando assim a nossa compreensão. Além disso, a utilização de alguns termos como *psique* e *espírito*, fazia com que, em determinadas passagens, não tivéssemos uma compreensão mais próxima daquilo que talvez pensara Saussure.

Certa feita, numa de minhas andanças pelo YouTube, encontrei um audiolivro chamado “O caibalion” (TRÊS INICIADOS, [1978] 2020). Foi o “pontapé” inicial para uma melhor compreensão acerca de algumas assertivas saussurianas. Uma delas, como veremos em momento oportuno, é a afirmação de que língua e linguagem são uma mesma coisa. Uma é generalização da outra, conforme é possível comprovar quando nos reportamos às Leis Universais. E, especificamente, à lei das polaridades, segundo a qual tudo tem dois polos, que vibram em graus diferentes.

Após toar consciência desses princípios primordiais e de cogitar a sua aplicação na linguística, surgiu em mim a necessidade de aprofundar esses conhecimentos por meio do estudo da filosofia hermética, o que me levou a saberes a respeito da concepção septenária do homem, tão conhecida dos antigos gregos e orientais. Dessa forma, adquirimos mais uma chave para melhor compreensão do pensamento saussuriano e o porquê do uso reiterado dos termos físico, psique e espírito.

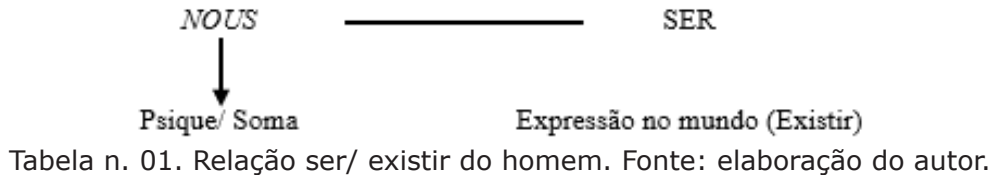
Iniciada assim a incursão deste eterno aprendiz no caminho do pensamento hermético, convém dizer que nossa reflexão ganhará um tom bastante filosófico a partir de agora. Para não me prolongar muito neste preâmbulo, o presente texto é guiado basicamente por um olhar filosófico à maneira clássica sobre a linguística e também sobre a linguagem. Embasam nosso pensamento os estudos saussurianos sobre a obra “Escritos de linguística geral”; os estudos bakhtinianos; os estudos herméticos e gnósticos, bem como outras filosofias que utilizamos para dialogar com as filosofias citadas anteriormente, tais como as filosofias da Índia e do Tibet.

Nossa reflexão está estruturada nos seguintes tópicos: introdução, concepção septenária e triádica do homem, a linguística hermética, pressupostos sobre aquisição de linguagem e considerações finais. Consagremos nosso ato à sabedoria do Caibalion: *Quando os ouvidos do discípulo estão prontos para o conhecimento, os lábios do mestre se abrem para enchê-los com sabedoria.*

2. A CONCEPÇÃO SEPTENÁRIA E A CONCEPÇÃO TRIÁDICA DO HOMEM

Somos constituídos por três aspectos totalmente diferentes, os quais estão indissoluvelmente ligados. Deveríamos conhecê-los desde a mais tenra idade, ou seja, desde o despertar de nossa consciência. Somos seres manifestados, logo, somos seres duais, embora constituídos por uma tríade composta por espírito, psique e corpo. O espírito corresponde à unidade e era chamado pelos gregos de *nous*. Ele se traduz pela essência daquilo que somos e é conhecido sem a ajuda dos sentidos: disso decorre o nosso total desconhecimento, tendo em vista nosso alto grau de materialismo.

Contrapondo o *nous* temos a psique e o soma, fenômenos do mundo manifestado, o qual reúne todos os aspectos que podem ser explicados cientificamente. No caso da constituição do homem, enquanto o *nous* é o ser, psique e soma correspondem ao existir, a nossa expressão no mundo e tudo o que for relativo à aparência dessa expressão. Entre o *nous* e o soma temos a psique, que corresponde à mente e, ao lado do *soma*, constitui o aspecto dual manifestado do homem, ao passo que a duplicidade da natureza humana é explicitada pelo par *nous*-psique/ soma, que corresponde ao espírito-eterno-sem forma/ matéria-transitório-com forma.



O *nous* (espírito) não possui forma. É tão somente energia sutil e, por assim ser, temos uma grande dificuldade em admitir a sua realidade. Essa realidade está ligada ao plano espiritual (daqui por diante, chamaremos de *metafísico*) justamente por não apresentar uma forma palpável, tangível. Somos sempre levados a nos determos na parte inferior do ser humano, ou seja, na matéria. Encontraremos nela uma outra dualidade que é expressa pelo par psique/ soma (corpo).

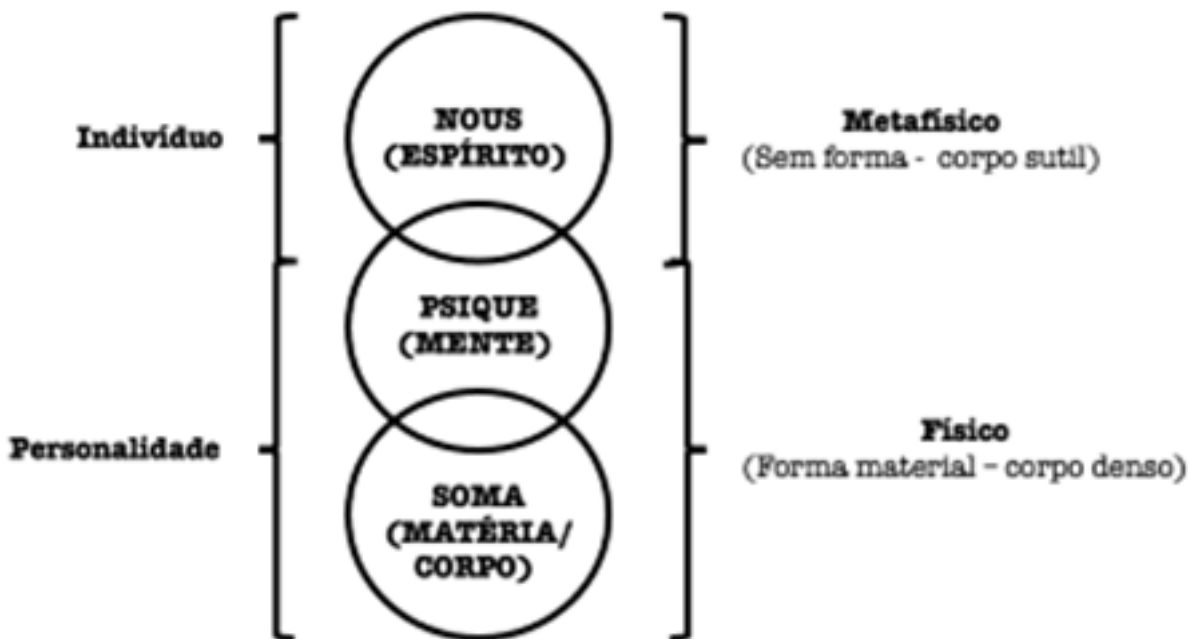


Figura n. 01. Concepção grega do homem. Fonte: elaboração do autor.

O ser – nossa real essência – possui seu reflexo no mundo manifestado. Isso se configura como a sua expressão no mundo ou sua aparência. O ser é uno, individual e indivisível, enquanto existir é composto por inúmeras facetas que são condicionadas pelo meio. O idealismo (ou o mundo das ideias) seria o meio para se conhecer o *nous* (espírito) e o empirismo/ materialismo daria a conhecer a psique e o soma (corpo), conforme o esquema a seguir.

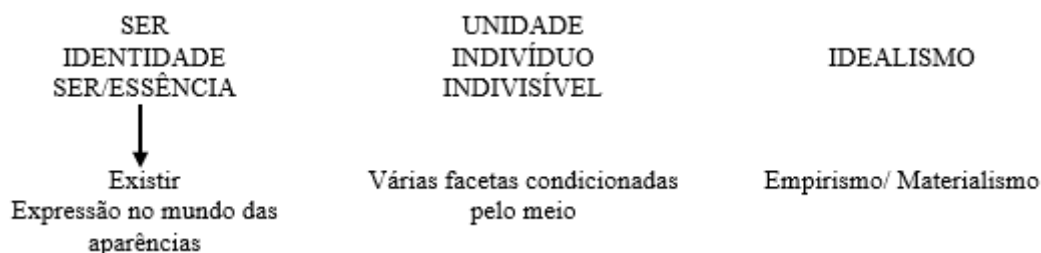


Tabela n. 02. Relação ser/ existir do homem e as formas pelas quais pode ser conhecida. Fonte: esquema elaborado pelo autor.

O *nous* é caracterizado por ser a essência do ser, logo é um corpo sem forma, composto exclusivamente por energias de ordem sutil. A psique e o soma, que são sua expressão no mundo, são densos e dominados pelas aparências, quase sempre condicionadas pelo meio. Levados a crer que somos essa expressão, acabamos por nos confundir com uma infinidade de experiências fragmentadas, resultado de opiniões do meio sobre nós e, conseqüentemente, das respostas que damos a isso, sem, no entanto, darmos coesão a essa colcha de retalhos que pensamos ser a nossa real identidade.

O *nous*, que também é concebido como espírito, é um corpo caracterizado pela energia extremamente sutil que apresenta. É desconsiderado, pois vivemos na era do sensível na qual somente aquilo que pode ser visto e tocado pode ser concebido como real. A seguir apresentamos uma pequena tabela elaborada com base nas ideias da filósofa brasileira Lúcia Helena Galvão.

Tabela de critério de realidade		
	ESPÍRITO	MATÉRIA
ANTIGO	REALIDADE	ILUSÃO
ATUAL	ILUSÃO	REALIDADE
CRITÉRIO DE REALIDADE ANTIGO		ETERNIDADE
CRITÉRIO DE REALIDADE ATUAL		SENTIDOS

Tabela n. 03. Critérios de realidade na antiguidade e na atualidade. Fonte: tabela elaborada pelo autor, com base na proposta da professora Lúcia Helena Galvão.

Contrariamente ao que hoje concebemos, os antigos tinham o corpo manifestado como algo temporário, transitório, finito, algo que apenas existe. O espírito, por sua vez, era compreendido como algo eterno, perpétuo, perene, que jamais deixa de ser. Com base nessa concepção, a natureza humana para ser plena necessitaria expandir sua consciência, utilizando-se dos meios manifestados, elevando o domínio da mente para aquilo que é de ordem metafísica. Ou seja, o homem se realiza mediante a manifestação daquilo que é próprio do plano espiritual.

A percepção de que o homem é constituído por diversos corpos, desde os mais densos até aqueles que não possuem formas, ou seja, que são sutis, está presente nas mais diversas culturas. Apesar da pluralidade na manifestação dessa ideia, claramente uma, nos deteremos na concepção septenária, pois a concepção já foi apresentada no primeiro "ensaio". Vejamos um exemplo disso na tabela a seguir.

	GREGO	CRISTÃO	ISLAM
ESPÍRITO	Nous	Spiritus (Animus vel Intellectus)	Ruh
PSIQUE	Psyque	Anima	Nafs
CORPO	Soma	Corpus	Jism

Tabela n. 04. Correspondência de uma ideia manifestada por diferentes culturas. Fonte: quadro elaborado pelo autor.

Segundo a sabedoria oriental, o ser humano é dotado de duas mentes: uma ligada diretamente ao ser espiritual e outra relacionada ao existir material. Conforme os orientais, o homem é concebido como um conjunto de sete corpos, daí a denominada concepção septenária. O quaternário manifestado é um conjunto de quatro corpos composto por:

- 1) *Sthula sharira* – corpo etéreo-físico, cuja consciência é a mineral e se realiza na inércia. Seu domínio pode conduzir o homem à preguiça e à negligência;
- 2) *Prana sharira* – corpo energético, cuja consciência é vegetal se realiza na vitalidade, no alento. Seu domínio tende a tornar o ser avarento;
- 3) *Linga sharira* – corpo emocional, cuja consciência é animal, é instintiva, ou seja, se realiza na sobrevivência e na reprodução. Seu domínio pode dar origem a um ser colérico ou emocionalmente instável, por exemplo;
- 4) *Kama-manas* – mental concreto: corpo mental de desejos, cuja consciência é hominal, e se realiza no pensamento ou no desejo. Seu domínio resulta num ser atormentado pela mente que cria uma teoria de passado, que lhe condiciona o presente e o faz projetar no futuro a sua concretização;

O ternário sagrado que forma o espírito é composto por três corpos, sendo estes:

- 5) *Manas* – mente pura: corpo espiritual, cuja consciência é o altruísmo. Sua realização está num comportamento que propicia ações voluntárias e beneficiam outrem;
- 6) *Budhi* – intuição: corpo espiritual, cuja consciência é a inteligência. Sua realização está presente num saber involuntário ou inconsciente que conduz o indivíduo às conclusões sábias;
- 7) *Atma* – vontade corpo espiritual, cuja consciência é o eu verdadeiro. Sua realização está numa força que atravessa os movimentos da vida de forma inata e impulsiona o homem para a realização daquilo que lhe é próprio, ou seja, a harmonização entre todos os corpos e a conquista da real condição humana.

2.1 Uma breve reflexão: por que não aceitamos atualmente esse conhecimento como real e apenas o admitimos como misticismo?

Se tudo o que foi exposto anteriormente é um conhecimento real, por que não o admitimos como sendo algo que compõe nossa natureza e nos voltamos para ele como algo totalmente místico? Os fatores que nos levariam a compreender essa questão são va-

riados. No entanto, queremos aqui voltar nossa atenção um pouquinho para a dimensão humana da vida, assim pensamos que também conseguiremos compreender a questão.

O filósofo francês René Descartes pronunciou uma frase que ficou extremamente conhecida no mundo e, com o passar do tempo, sofreu um empobrecimento e, eu diria, uma deturpação de seu sentido original. Disse Descartes: “penso, logo sou”, *cogito, ergo sum*, do verbo latino *essere*, que significa ser e não existir, e expressa a ideia de uma mente voltada, tal qual um espelho, para o espírito e para tudo o que é de ordem elevada. Ou seja, para os valores humanos, como virtude e sabedoria: neste aspecto, aquilo que comandava o pensamento e colocava o ser acima do mesmo. Esse pensamento é idealista e está ligado à concepção de que o plano das ideias ilumina o pensamento dando origem à razão.

Com o passar do tempo, as tendências iluministas – que perduram até os dias atuais – fizeram com que essa frase fosse distorcida e transformada em “penso, logo existo” e o processo espírito/ psique foi invertido: assim, a mente foi colocada a serviço da existência, condicionando essa existência ao pensamento. Nasce então uma espécie de culto ao racionalismo empírico que é predominante na metodologia científica na atualidade. A existência condicionada pelo pensamento não determina apenas o existir do “eu” que pensa. A partir do pensamento condicionante dá-se a existir também o “outro” e tudo aquilo que o rodeia por meio da projeção de si para o exterior. Assim sendo, diante do mundo manifestado, inúmeras são as projeções que seu defrontador pode realizar.

Condicionado pelo pensamento, o eu que pensa e que existe é levado a expandir seus conhecimentos a partir de uma mente materialista horizontal, cuja extensão pode ultrapassar a de um oceano, mas, em termos de profundidade, pode-se atravessar de um lado ao outro sem molhar os tornozelos, pois a profundidade desse conhecer é tal e qual a de uma poça formada por um leve chuvisco outonal.

Neste aspecto, o eu que pensa e que existe é levado imediatamente a realizar uma série de conjecturas e projeções exteriores, exotópicas, portanto, para separar, comparar (julgar) e excluir na tentativa de angariar um vir a existir do mundo e do outro. Noutras palavras, rotula-se para conseguir interagir minimamente como os mesmos. Como isso é apenas uma identificação exterior, todas as atitudes e comportamentos do eu representador terá como base as limitações, pois somente uma mente voltada para o espírito, refletindo dele aquilo que é, pode de fato olhar através das limitações e, por trás delas, como se fosse transparente tal qual um diamante e enxergar as possibilidades do surdo.

Como então adquirir essa capacidade de ir além das projeções exotópicas e retirar os véus que encobrem a visão do plano das ideias? O caminho é único para cada caminante: mergulhar nos porões da própria consciência e iluminar cada beco por mais recôndito que seja, domesticar suas feras e utilizá-las para sua elevação. Todo esse processo é exotópico, está dentro de si e é também endotópico, posto que está voltado para o seu interior. Quanto mais dentro de si, mais fora, ou seja, quanto mais se conhecer, mais conhecerá o universo, *pois tudo o que está fora é como o que está dentro*.

3. A LINGUÍSTICA HERMÉTICA

Alguns apontamentos de Saussure (2004) nos chamaram a atenção durante nossos estudos e, após adquirir a chave da filosofia hermética, os relacionamos com o pensamento hermetista. Um exemplo disso está contido na Lei Universal do mentalismo, a qual diz que *o Todo é mente, o universo é mental*. Uma outra Lei diz que *assim como é em cima, é embaixo. Tal como é dentro, é fora*. Saussure em diversas passagens de sua obra (também da obra a ele atribuída pela influência de seu pensamento) referencia que uma dada palavra só pode ser considerada um ente linguístico se relacionada a uma ideia. Ou seja, uma palavra é exterior à psique, mas corresponde a uma entidade linguística interior a ela. Eis a lei.

Antes de sua manifestação, uma palavra só existe na mente do falante: frente a necessidade de comunicar aquilo que Saussure denomina “Espírito”, porção vibratória mais elevada de nosso Ser (algo chamado pelos antigos gregos de *nous*, numa fração denominada “intuição”, componente do corpo sem forma, do corpo metafísico, também chamada de “inteligência”), projeta na mente um pulso eletromagnético semiotizado que se relaciona a algo presente na mente (psique, para Saussure), captado e caracterizado pelo linguista como um ente dual, ou seja, de duas faces: a imagem acústica e o conceito. Ou, o significante e o significado.

Veja que por este prisma, Saussure até hoje continua a ser um ilustre incompreendido. Quando fala de Espírito do falante, Saussure certamente fala do *nous*, do Eu superior. Psique para o linguista, ao que nos parece, está relacionado ao termo que na acepção grega corresponde à mente, parte de nós na qual reside toda a abstração da língua, sendo que sua manifestação – a linguagem – está ligada ao plano da matéria, ou seja, à esfera do *soma*.

Saussure, na obra “Escritos de linguística geral”, apresenta termos como “ideia”, “espírito”, “psique” ou “mente” e “físico”. Tais termos podem estar relacionados com a concepção de corpo dos antigos gregos. Como já abordamos anteriormente, o corpo é formado pelo *nous* (parte mais sutil e sem forma), pela *psique* e pelo *soma* (parte densa e com forma). O *nous* é tido como espírito. Para Platão, era o plano das ideias, termo também muito utilizado por Saussure e que nos leva a supor que ele, por ter sido um estudioso de grego, conhecia tal concepção. A *psique* intermedia. É pontífice entre *nous* e *soma*, que é, portanto, o plano da matéria: o órgão de impacto daquilo que é construído tanto no plano das ideias quanto na psique. O plano das ideias é real. O da matéria, não. Enquanto a matéria existe por um período e deixa o plano manifestado em seguida, o espírito, o mundo das ideias, continua a ser.

Um exemplo disso é o avião. Como nós o conhecemos hoje, não era possível ser pensado cem anos atrás, pois ainda não se manipulava a matéria num grau que permitisse tais manifestações. No entanto, muito antes disso o avião já existia no espírito, no plano das ideias captadas por Leonardo da Vinci. Isto prova que o espírito não deixa de ser, pois é eterno, ao passo que tudo o que é manifesto no plano material, depende da habilidade e da competência de manipulação da matéria cujo corpo será manifestado transitoriamente. Em dado momento, é manifestado. Noutra, deixa de existir.

Saussure concebe a língua e a linguagem como sendo uma só coisa. Uma é genera-

lização da outra: eis o meu “fio da meada”. Pressuponho que ele conhecia a filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia. Passo então a interpretar essa definição à luz da Lei das Polaridades, segundo a qual, “tudo o que está em cima é como o que está embaixo; tudo o que está embaixo é como o que está em cima; tudo o que está dentro é como o que está fora; tudo o que está fora é como o que está dentro”. Logo, língua e linguagem são tão somente uma mesma coisa: polos vibrando de formas diferentes.

Assim sendo, a língua é mente, é sutil, sem forma, abstrata como a tratava Saussure, e linguagem é mental, projeções exotópicas, ou seja, para fora, que são adensadas e que no plano físico ganham forma. Neste plano, o das coisas manifestadas, é que se enquadram os estudos bakhtinianos. Com essa compreensão, definimos então língua e linguagem naquilo que estamos chamando no manuscrito “*Três ensaios teóricos-filosóficos*” de “linguística hermética”. De acordo com as Leis Universais, língua é mente. Linguagem é mental. Ou seja, a língua é um ente de origem espiritual.

A vontade (aspecto da trindade que compõe o espírito) presente no plano das ideias, ilumina a psique com “ideias linguísticas”, que são interpretadas e traduzidas em “imagens psíquicas” – aquilo que Saussure chama de “imagem acústica/ significante”. Estas imagens não são coisas distintas: são tão somente as ideias manifestadas num plano da existência inferior àquele no qual foram geradas. A partir da psique e, dependendo da competência e da habilidade do falante de manipular a matéria sobre a qual se manifesta, a língua se adensa e é exteriorizada ganhando forma.

Toda a criação manifestada nos multiversos são criações mentais na/ da mente dO Todo. Para a linguagem, aplicando a lei da correspondência, se tudo manifestado é uma criação da mente dO TODO, na mente DELE está. Assim, no mais elevado e sutil âmbito do nosso Ser existem ondas eletromagnéticas que são captadas por nossa psique, na qual há uma semiose transformando-as em imagens que estão relacionadas indissolivelmente a uma cadeia sonora (ou viso-espacial), a qual manifesta então a língua por meio de linguagem verbal humana. Logo, a língua é mente e a linguagem é mental.

Afirma Saussure (2004), que “língua e linguagem são uma só coisa, uma é generalização da outra”, ou seja, língua e a linguagem são aspectos, níveis ou graus de uma mesma coisa. Quanto mais elevada, mais vibra, mais sutil é. Quanto mais adentra os corpos densos, menos vibra e mais densa se torna. Expliquemos melhor: a língua é de origem sutil, vem do plano das ideias. Assim sendo, o espírito ilumina a psique com ideias Verbais, que são traduzidas em imagens psíquicas, o que Saussure chamou de “imagens acústicas”, as quais corresponderiam a “imagens visuais” nas línguas de sinais. Estas imagens são atadas à ideia por algo que Saussure concebe como arbitrariedade.

A psique iluminada realiza então a tarefa da tradução da ideia em imagens e as transfere para o plano físico. Nele, essas imagens são novamente traduzidas, ou seja, sua vibração é adensada e transformada numa cadeia de elementos linguísticos exotópicos, exteriores, e se transformará então na manifestação da língua, se transformará em linguagem.

Esses elementos se distinguirão em sistemas linguísticos particulares de acordo com a geografia, cultura e história do homem, além de suas condições físicas. Em um ouvinte, os elementos se constituirão como partículas sonoras, enquanto num surdo, esta projeção

será viso-espacial.

3.1. Alguns pressupostos sobre aquisição da linguagem

Segundo Saussure, nascemos preparados para a linguagem, no entanto, sem ela. No nosso atual cronotopo de compreensão, admitimos a proposição apresentada pelo linguista, pois a criança ainda não é hábil e competente para manipular a matéria e assim manifestar aquilo que está no plano das ideias e na psique: isso implica dizer que o ser, nos primeiros momentos de vida, é a pura essência dO TODO.

Por ter pré-disposição a despertar a consciência na linguagem, a manifestação pura da vontade do espírito, ou seja, a ideia que é iluminada na psique, é manifestada no físico de forma igualmente pura como reações instintivas que, aos poucos, também vão servindo a outros fins, como, por exemplo, demonstrar ou comunicar apreço, reprovação, entre outros sentimentos.

Esses rudimentos, dos quais só vemos a vibração da língua como manifestação da linguagem verbal, não são percebidos como integrantes dessa complexa teia de comunicação chamada língua/ linguagem, porém são. Para compreendermos, invoco a Lei Universal do Ritmo: *tudo tem o seu ritmo, tudo se move, tudo tem fluxo e refluxo* e do Paradoxo Divino: *toda verdade contém meias verdades, todo paradoxo pode ser reconciliado*.

Segundo a Lei do Ritmo, tudo vibra. Segundo a Lei das Polaridades, tudo tem dois polos. E, segundo a Lei do Paradoxo Divino, os paradoxos podem ser reconciliados. Assim, podemos explicar que em um bebê a manifestação da linguagem rudimentar é a língua vibrando tão lentamente, que nem pode ser percebida como tal, do mesmo modo que um adulto, em pleno domínio linguístico, ao não conseguir materializar uma determinada ideia – pois a língua em seu auge vibracional, vibra com tamanha rapidez, tornando o homem material incapaz de dar forma à psique iluminada pelo pensamento – é acometido pelo indizível. Eis a conciliação do paradoxo da vibração linguística.

Logo, a aquisição da linguagem por uma criança passa por um primeiro momento no qual serão manifestados apenas rudimentos comunicacionais, que a farão interagir com o meio e com isso elevar gradualmente a consciência da comunicação. À medida que amadurece, a autoconsciência é despertada e com base na iteração, para lembrar Bakhtin e o Círculo, a habilidade e a competência para manipular a matéria linguística, é expandida. Neste processo, não se adquire somente substâncias e formas linguísticas: imagens psíquicas a elas relacionadas também são adquiridas.

Dessa forma, aquilo que era antes iluminado pelo espírito, captado pela psique e transmitido ao físico como rudimentos comunicativos instintivos-afetivos, ganham novos contornos. A criança passa então a expandir gradativamente sua consciência e, quanto mais se esforçar na subida da pirâmide civilizatória, maior será o grau de simbolismo linguístico, bem como a habilidade e competência da manipulação da substância e forma linguística – som e palavras, nas línguas orais; visualidade e sinais, no que tange às línguas de sinais. Consequentemente, maior será o domínio da linguagem.



Assim sendo, pressuponho que o espírito carrega a luz linguística, entretanto, como nascemos prontos para a linguagem, mas sem ela, a consciência precisa despertar na linguagem, e, a partir daí, começar o processo de aquisição da substância e forma linguística (som/ palavras – visualidade/ sinais), bem como das imagens psíquicas a elas associadas. Logo, quanto mais se esforçar o ser, criando sua realidade linguística, maior será a expansão dessa consciência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar esta reflexão, ressalto que o aprofundar no hermetismo e na gnosis me trouxe chaves importantes para desvendar o pensamento saussuriano, o que me leva hoje a afirmar que o pensamento do linguista genebrino não foi totalmente compreendido. Por trás do seu abstrativismo sistêmico está, quase que intocado, um pensamento guiado pelo ser e não pelo existir. Grande homem, grandes pegadas. Um século depois de sua morte, o tempo não as apagou.

O que chamei aqui de linguística hermética está se delineando a partir do pensamento saussuriano e também dos ensinamentos de Bakhtin e o Círculo, embora ultimamente tenho me concentrado mais no primeiro – o que demonstra certa maturidade intelectual. Ainda existem muitos pontos a serem explorados e os que já estão sendo precisam, obviamente, de aprofundamentos. No entanto, posso afirmar que a semente foi plantada e já começa a germinar.

Até o momento, consegui aprofundar o pensamento dual, que na tese chamei de minha concepção de língua(gem), transformando o tópico da tese no livro “Três ensaios teóricos-filosóficos” (no prelo). Além dos debates no Grupo de Estudos Licor de Pequi e de apresentar palestra com a temática em evento de análise do discurso, ministrei uma disciplina no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL-UFMT) sobre o tema. Por último, se apresenta o capítulo desta obra que também é bastante significativa para a nossa empreitada.

Por fim, espero que as raízes desse empreendimento cresçam, se aprofundem e se fixem em minha mente. Pois ela, aos poucos, começa a se voltar para o alto, de tal forma que já é seguro afirmar: trema, sacuda ou revolva-se a terra, estaremos em pé, pois minha cabeça toca o céu e é do alto, é das coisas elevadas, é do plano das ideias que vem a minha firmeza.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BENASSI, C. A. **VisoGrafia**: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais. Tese. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

SAUSSURE, F. de. [2002] **Escritos de linguística geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo, 2004.

TRÊS INICIADOS. **O Caibalion**. Pensamento-Cultrix LTDA: São Paulo, [1978]2020.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita da língua de sinais pelo sistema *SignWriting***: línguas de sinais no papel e no computador. Tese. Doutorado. Programa de Pós-graduação em Informática na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos superiores. Orgs. Michael Cole... [et al.]; tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Psicologia e pedagogia).

_____. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Nelo. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2008. – (Psicologia e pedagogia).



CAPÍTULO 2

ESCRITA DE SINAIS: EFEITOS E POTENCIALIDADES NO PROCESSO DE ENSINAGEM

SIGN WRITING (ES): EFFECTS AND POTENTIALITIES IN THE
TEACHING PROCESS

Áurea de Santana Bueno

Resumo

Nas últimas décadas, não há como negar que conhecimentos a respeito da Escrita de Sinais (ES) têm sido divulgados e ampliados, ainda que a passos lentos. Para contribuir com esse processo de disseminação de conhecimento desse campo do saber, o presente capítulo tem por objetivo apresentar a ES enfatizando seus efeitos e potencialidades na ensinagem de futuros docentes de Libras. Para tanto, faremos uso de dados obtidos em uma atividade realizada para sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes – da graduação de Letras-Libras, Licenciatura – acerca da Escrita de Sinais. Os materiais utilizados foram disponibilizados pelo professor do componente curricular Escrita de Sinais. A referida atividade contempla 10 questões das quais 4 são baseadas em conhecimentos teóricos sobre a ES, enquanto as demais (6 questões) estão voltadas ao conhecimento prático referente ao sistema de escrita VisoGrafia (VG). Com o intuito de embasar nossa análise, dialogaremos com as teorias saussuriana, bakhtiniana, dentre outras teorias ou estudiosos que contribuam (ainda que por inferência) com a nossa reflexão acerca da aprendizagem da ES enquanto uma modalidade da língua(gem). No desenvolvimento deste estudo, serão apresentadas, por meio de tabelas, apenas as atividades que envolvam a ES nas respostas. A relevância deste trabalho se dá não apenas por fomentar discussões acerca da temática, mas também por contribuir para a ampliação do conhecimento da área da Língua de Sinais, mais especificamente da ES VisoGrafia. Esperamos também despertar o interesse de novos pesquisadores para a área.

Palavras-chave: Escrita de sinais; VisoGrafia; Libras; Ensinagem da ES.

Abstract

In recent decades, knowledge about Sign Writing (ES in the Portuguese abbreviation) has spread at a slow pace. In this way, to contribute to this field of knowledge, this chapter presents the ES emphasizes its effects and strengths in the teaching of future LIBRAS teachers. Thus, it inquires from the data obtained about the previous knowledge of the students of the Letras-LIBRAS and Bachelor's degree, about ES. Therefore, the Sign Writing teacher makes the materials of the curricular component available. The activity has 10 questions four (4) of theoretical knowledge about ES and six (6) focused on practical knowledge, about the writing system: VisoGraphy (VG). Consequently, this chapter mainly dialogues with Saussurean and Bakhtinian theories, and academics to contribute (inferential analysis) to reflect on learning SE as a language modality. In addition, the activities that involve ES in the answers are presented in tables. Also, this work promotes more discussions about the aforementioned topic and it contributes to the field of knowledge in the area of ES, specifically: VisoGraphy. Finally, this is expected to increase to others researches in the area.

Keywords: Sign Writing; VisoGraphy; LIBRAS; Teaching Sign Writing.



1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, não há como negar que conhecimentos a respeito da Escrita de Sinais (ES) têm sido divulgados e ampliados, porém isso vem ocorrendo a passos lentos, considerando que, desde Bébien (em 1825) até Benassi (em 2017), ainda hoje não conseguimos efetivar o ensino da ES nas escolas de ensino regular. Aquele foi o primeiro professor-pesquisador a idealizar uma forma de registro escrito para a LS (nesse caso, a Língua de Sinais Francesa - LSF), a saber o *Écrire Les Signes Mimographie*. Já o segundo foi o mais recente que, também sendo professor-pesquisador, idealizou e criou o mais recente sistema de ES, a VisoGrafia.

Assim, buscando contribuir para o processo de disseminação de conhecimento desse campo do saber, o presente capítulo tem por objetivo apresentar a Escrita de Sinais na perspectiva dos seus efeitos e potencialidades na ensinagem¹ de futuros docentes de Libras. Para isso, faremos uso de dados obtidos em uma atividade de sondagem realizada para 'mensurar' o nível de conhecimento comum e/ou científico dos acadêmicos da turma de licenciatura em Letras-Libras acerca da ES. Vale destacar que os materiais foram disponibilizados pelo professor do componente curricular Escrita de Sinais.

Desse modo, os dados que serão analisados se tratam de respostas da atividade acima mencionada, a qual contempla 10 questões, das quais 4 são baseadas em conhecimentos teóricos sobre a ES, e as demais (6 questões), voltadas ao conhecimento prático referente ao sistema de escrita VisoGrafia. Após esse registro sistematizado, também foi feita uma consulta prévia aos acadêmicos para saber quais deles já haviam tido algum contato com a ES, constatando-se que apenas um possuía a informação da sua existência, por intermédio de um curso realizado, no qual foram abordados apenas os aspectos teóricos da modalidade em questão.

Para sistematização da nossa análise, no desenvolvimento deste estudo, apresentaremos em tabelas apenas as atividades que envolvam a ES nas respostas. Desse modo, com base nas teorias saussuriana, bakhtiniana, dentre outras teorias ou estudiosos que contribuam com a nossa reflexão acerca da ensinagem da ES (ainda que por inferência) enquanto uma modalidade da língua(gem), traçaremos um diálogo a fim de embasar nossa análise das respostas dos alunos. A relevância deste trabalho se dá não apenas por fomentar discussões acerca da temática, mas também por contribuir para a ampliação do conhecimento da área da Língua de Sinais, mais especificamente da ES VisoGrafia. Esperamos, também, despertar o interesse de novos pesquisadores para a área.

¹ Termo apresentado por Anastasiou (1998), em sua pesquisa de doutorado "Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica", para referir-se à situação de ensino em que, necessariamente, decorra a aprendizagem.

2. DIALOGANDO COM AS TEORIAS E COM OS ESTUDIOSOS DA ES

Para contextualizar a temática e situar nossos leitores, consideramos pertinente apresentar uma linha temporal a fim de demarcar o cronotopo² em que se insere nossa discussão. Como já mencionamos em nossa introdução, no que tange à ES, os caminhos do conhecimento percorridos de Bébian a Benassi não foram nada suaves, além de configurarem um processo extremamente moroso. Além dos referidos pesquisadores, outros tantos deixaram seus legados científicos, contudo, para caracterizar nossa linha temporal, faremos apenas três paradas em nosso percurso histórico: em 1960, trazendo para nosso debate o renomado professor-pesquisador Willian C. Stokoe, responsável por tirar do anonimato as LS e por criar mais um sistema de escrita para as línguas visuais, conhecido por *Notação de Stokoe*; em 1974, ano que a bailarina Valerie Sutton, incentivada por pesquisadores da Língua de Sinais Dinamarquesa, criou o sistema de escrita *SignWriting* (SW) – a partir de seus registros de movimentos de dança denominado de *DanceWriting* – que atualmente é o sistema de ES mais conhecido e usado no mundo (BARRETO, 2015); em 1997/1998, quando surge mais um sistema de ES – Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS) – criado pela professora-pesquisadora Mariângela Estelita Barros (BARROS, 2015).

Talvez o leitor esteja se perguntando o porquê das três paradas histórico-temporais em destaque. Pois bem, consideramos pertinente essa demarcação por se tratarem das referências teóricas que motivaram a criação do sistema de ES representado neste trabalho e em nossas pesquisas, a VisoGrafia, o qual nasceu da junção entre o SW e a ELiS. Para aprofundar conhecimento acerca de outros sistemas criados por diferentes autores espalhados pelo mundo, sugerimos leitura em Benassi (2019) e Santana Bueno (2020). Esta, com base em outros pesquisadores, em especial Benassi, apresenta 16 autores, seus respectivos sistemas de escrita e ano de criação. Partindo desse conhecimento, podemos, sem dúvida, afirmar que, depois de 16 sistemas de ES criados para registro das LS, não é concebível que estas, ainda, sejam rotuladas como ágrafas. No entanto, essa discussão envolve outros fatores de construção social presentes em todas as línguas.

É justamente aí que chamamos para o debate os teóricos com os quais dialogaremos. *A priori*, parece dicotômico tal diálogo. Porém, tudo depende da lente que será usada para fomentar tais discussões. Bem sabemos que essa aparente inadequação teórica foi disseminada por conta de diversos equívocos de interpretação dessas teorias. Hoje, porém, com o desenvolvimento de vários campos do saber, podemos distanciar nossas lentes para nos apropriarmos de conhecimentos mais holísticos e menos fragmentados. Dessa forma, pensando em conhecimentos linguísticos, vale destacar o pensamento da Ecolinguística, pautado no tripé conceitual “Língua-Povo-Território” (COUTO, 2009). Nessa concepção,

a língua é fruto das relações dos seres humanos entre si de modo a fazerem parte do meio ambiente, assim como o meio ambiente é parte intimamente ligada a cada sujeito falante, ou seja, ecolinguisticamente, língua é a rede de interações ou inter-relações que se dão no interior de um ecossistema linguístico (COUTO E FERNANDES, 2013, p. 290).

² “É o espaço compreendido e apreendido por meio do espaço social e pelo tempo historicamente constituídos, sendo a dimensão móbil no campo das mudanças e dos acontecimentos” (BENASSI, 2019, p. 91). Em outras palavras, é o aqui (lugar) e o agora (tempo) de todos os acontecimentos.

Em relação à língua escrita, o aprendizado não acontece pela simples exposição ao mundo letrado, pois são necessárias práticas pedagógicas intencionalmente sistematizadas. Nesse sentido, tomamos a expressão de Soares (2021): “um todo em três camadas”, a qual concebe que “a simples escrita de um nome depende de três aprendizagens que se sobrepõem, como *camadas*” (SOARES, 2021, p. 18). A nosso ver, embora a autora faça a afirmação em relação à escrita da Língua Oral (LO), a assertiva vale também para o aprendizado da LS, considerando que as camadas a que ela se refere estão relacionadas: aos contextos culturais e sociais de uso da escrita; às habilidades de ler e de escrever e ao conhecimento do sistema de escrita.

Basicamente, os três aspectos acima mencionados estão presentes no processo de ensino-aprendizagem da ES. Todavia, não há nada de básico no processo de aprender a ler e escrever. Pelo contrário, trata-se de um processo complexo que demanda o desenvolvimento de diversas habilidades dependentes de comandos neurais específicos. Em Vigotski (2017) encontramos a fundamentação para tal afirmação, já que uma de suas premissas teóricas é que o aprendizado da escrita faz com que o indivíduo desenvolva suas “funções psíquicas superiores”. Vale destacar que o autor se refere ao aprendizado da escrita da língua nativa de cada indivíduo, logo, entende-se que, para os VISUAIS³, é a ES que potencializará um salto no desenvolvimento cognitivo desses sujeitos (BENASSI, 2019; SANTANA BUENO, 2020). Em relação às dificuldades enfrentadas pelos visuais no aprendizado da língua oral escrita, Bózoli (2021, p. 34) reitera que “é recomendável que seja alicerçado pela escrita de sua própria língua, ou seja, a escrita de língua de sinais, cuja aquisição pode ocorrer simultaneamente à aquisição da língua de sinais (sic.), uma vez que ambas se complementam”. No entanto, aqui não entraremos no mérito desta discussão.

Como já mencionado, nosso capítulo propõe discutir os efeitos e potencialidades da ES no processo de formação de futuros professores (ouvintes) de Libras, considerando que nossa análise será feita com base nos dados obtidos em uma atividade avaliativa/sondagem de uma turma – composta apenas por alunos ouvintes – do curso Letras-Libras Licenciatura. Discutir o ensino-aprendizagem de ES na formação de professores de LS é de extrema importância, uma vez que uma das grandes lacunas presentes no processo formativo desses profissionais é, justamente, a falta de prioridade dada a essa área de conhecimento.

Podemos constatar esse fato a começar pela ínfima carga horária destinada à disciplina de ES presente nos cursos de Libras como um todo. Para testificar essa afirmação, aponto que em um curso de “Especialização *Lato Sensu* em Libras e Educação Inclusiva” que conclui, a ES foi ligeiramente mencionada apenas como conteúdo (e apenas um dos diversos sistemas existentes). Além disso, na licenciatura em Letras-Libras, na qual sou graduada, a carga horária total da referida disciplina corresponde a 96h do total da grade curricular do curso, que é de 3280h (PPC, 2017). Ainda assim, tal disciplina só foi inserida na grade após a reformulação do Projeto Pedagógico de Curso, em 2017.

Do ponto de vista da discussão linguística, novamente tomando Soares (2021, p. 19), que categoriza o ensino da escrita em “três camadas”, vale ressaltar que essa perspectiva é para fins didáticos, pois na análise dessa autora:

³ Apropriamo-nos do referido termo – criado por Duarte (2016) – em referência às pessoas que não ouvem, comumente chamadas de surdas. Para esse autor, tal conceito faz sentido por caracterizar o potencial linguístico desses sujeitos, que ocorre pela VISUALIDADE.

Cada aprendizagem diferencia-se das demais por processos próprios, mas interdependentes – cada aprendizagem depende das demais, como a aprendizagem do sistema de escrita para que se possa ler e escrever, usando a escrita nas situações culturais e sociais em que a escrita está presente.

Muito bem enfatizado pela autora, concordamos com o entendimento de que tanto no aprendizado da escrita em si como da língua enquanto sistema mais amplo, as aprendizagens estão intrinsecamente articuladas, constituindo o TODO da linguagem. É nesse aspecto que justificamos nosso diálogo com as teorias saussuriana e bakhtiniana. Como já mencionamos, as respectivas teorias se completam no sentido de entendermos a língua em suas diferentes facetas: linguística, interativa e sócio-cultural. Desse modo, em Saussure, buscamos compreender a língua enquanto sistema abstrato regido por normas que possibilitam seu pleno funcionamento. Já em Bakhtin, apoiamos-nos em sua faceta concreta, para a qual igualmente existem regras combinatórias de significação contínua no processo de interação. Nesse sentido, cada teórico em questão fez uso do seu objeto de estudo de acordo com a ênfase que coube a cada um dar, mas isso não quer dizer que eles tenham ignorado qualquer outro aspecto não estudado.

Em Benassi (2019, p. 49), encontramos a desmitificação do paradoxo que se pensava haver entre essas duas teorias, tendo em vista que o processo de criação do sistema de ES VisoGrafia fundamenta-se nos pressupostos saussuriano e bakhtiniano. Na acepção desse autor,

os lugares dos quais a língua(gem) pode ser vista são diversos e múltiplos. Cabe ao linguista escolher onde estar para contemplá-la. É evidente que, de cada um desses lugares, a visão/percepção da mesma será diferenciada. No meu caso, a construção, por assim dizer, do sistema de escrita VisoGrafia exigiu estar em dois lugares linguísticos diferentes, talvez em até mais, para que eu pudesse mergulhar a fundo nas questões linguísticas da língua de sinais.

Sendo mais enfático, em suas proposições e convicções teóricas, Benassi argumenta que não dá para apoiar em Bakhtin discussões acerca da dupla articulação da linguagem humana, senão em André Martinnet, da mesma forma, em Saussure não se pode discutir a faceta dialógica da linguagem, a não ser em Bakhtin. E com este, fica inviável abordar a língua enquanto sistema abstrato, senão em Saussure. Todavia, todos os aspectos mencionados são partes constituintes do todo, a LINGUAGEM.

3. APRESENTAÇÃO DO CORPUS PARA ANÁLISE

Nesta seção, apresentam-se as atividades a serem analisadas, organizadas nas tabelas 01 e 02, para melhor visualização e organização das questões conforme a comanda do enunciado. Observe-se na tabela 01 a escrita dos sinais utilizados como opções de resposta, sendo 3 alternativas por questão, das quais apenas uma corresponde à resposta certa. Nesse sentido, pode-se afirmar que se tratam de atividades de tradução, visto que o estudante deveria reconhecer qual dos sinais escritos (em Libras) corresponderia à escrita do vocabulário (em LP) de cada questão. Destaca-se que as respostas corretas, ou seja, a tradução de cada palavra em LP são as que aparecem circuladas nas respectivas colunas da tabela a seguir.



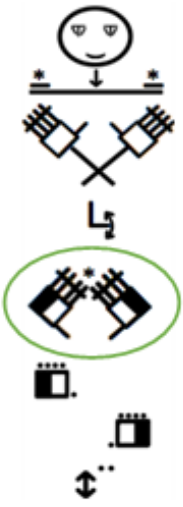


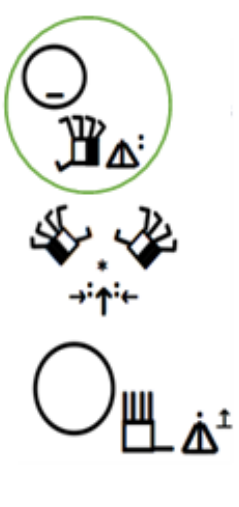
RECONHECER QUAL DAS OPÇÕES DADA E A ESCRITA DOS SINAIS SOLICITADOS			
QUESTÃO 5	QUESTÃO 6	QUESTÃO 7	QUESTÃO 9
CASA	CARRO	BOI	SÁBADO/LARANJA
			

Tabela n. 01. Apresentação dos sinais das questões 05, 06, 07 E 09. Fonte: elaborado pela autora.

Como se pode constatar na tabela de sistematização das respostas (tabela 03), do total de 44 respostas das questões acima apresentadas, apenas 9 foram assinaladas incorretamente, havendo um saldo de 35 respostas corretas. Sem dúvida, é um resultado extremamente positivo, considerando que a atividade buscava averiguar o nível de conhecimento dos estudantes acerca da ES. Com base nesse resultado, podemos inferir que tais acertos devem-se ao caráter VISUAL da escrita VisoGrafia, que é uma das suas principais características; é também uma das justificativas que, conforme Benassi (2017; 2019), levaram à criação desse sistema.

A nosso ver, é pela relação da visualidade dos sinais com a “imagem” criada que os estudantes, mesmo sem conhecimento do sistema, conseguem identificar acertadamente os sinais apresentados (CASA, CARRO, BOI, SÁBADO/LARANJA) entre as demais alternativas. Todavia, a visualidade da escrita não deve ser o único fator a ser considerado, afinal, ela não existe por si só, pois, conforme teoria saussuriana, a língua é um sistema de termos solidários (SAUSSURE, 2012). Podemos, então, dizer que se deve à relação solidária entre os elementos linguísticos constituintes dos sinais, paremas e morfemas, os quais funcionam de forma bem-organizada, fazendo com que a transparência do funcionamento da língua seja refletida na escrita dos sinais.

Na tabela a seguir, apresentam-se as respostas das questões 08 e 10, assinaladas corretamente. Por se tratarem de atividades de comanda diferente das questões da tabela anterior, fez-se necessário organizá-las em outra tabela. Todavia, apesar de mudar o formato da questão, estas atividades, em tese, mobilizariam não apenas conhecimentos do sistema de ES (no caso da VG), mas também habilidades tradutórias, uma vez que o estudante deveria relacionar as escritas de duas línguas diferentes, Libras e LP. Na tabela abaixo, optamos por apresentar as respostas corretas, até porque, pelo formato das questões, não houve resposta totalmente errada, apenas certas e parcialmente corretas.



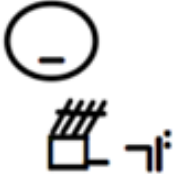
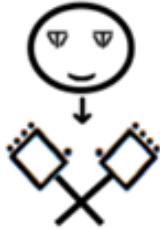


RELACIONAR A ES VISOGRAFIA COM A ESCRITA DA LP E MARCAR A OPÇÃO CORRETA.	
QUESTÃO 08	QUESTÃO 10
 <input type="text" value="DIA"/>	 <input type="text" value="AÇÚCAR"/>
 <input type="text" value="COMER"/>	 <input type="text" value="ABRAÇAR"/>
 <input type="text" value="ESCOLA"/>	 <input type="text" value="ÁGUA"/>

Tabela n. 02. Apresentação dos sinais das questões 08 e 10. Fonte: elaborado pela autora.

Nas questões apresentadas acima, os estudantes deveriam assinalar qual das palavras em LP corresponderia ao sinal escrito em VG. Desse modo, apresentam-se os sinais escritos em Libras e, ao lado de cada um, as respectivas traduções em LP.

3.1. Analisando os aspectos de ensino-aprendizagem

Ressalta-se que a análise será feita com foco nos aspectos de ensino-aprendizagem da atividade mencionada. Para tanto, apresenta-se a tabela abaixo contendo a sistematização das respostas das 10 questões respondidas pelos 11 estudantes. Para melhor compreensão das informações da tabela abaixo, apresenta-se: à esquerda, a coluna referente as questões de 1 a 10, seguida das colunas referentes aos alunos, os quais estão representados pela letra A, seguida de um algarismo numérico em representação à quantidade dos estudantes (indo do A1 ao A11). Para compreensão da legenda, leia-se:

- ✓ – para respostas corretas;
- X – para respostas incorretas e
- + - – para respostas parcialmente corretas.

QUESTÕES	ALUNOS										
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11
01	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
02	✓	✓	X	✓	X	✓	✓	✓	X	✓	X
03	✓	✓	✓	+ -	✓	✓	✓	✓	✓	+ -	✓
04	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
05	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
06	X	✓	X	X	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
07	X	✓	X	X	✓	✓	✓	✓	X	✓	✓
08	✓	✓	+ -	+ -	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
09	✓	✓	X	X	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
10	+ -	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	+ -	✓	✓

Tabela n. 03. Apresentação das respostas das questões de 1 a 10. Fonte: elaborado pela autora.

Na tabela acima, por um lado, considerando a proporção dos acertos, é, sem dúvida, motivador pensar nesse resultado um tanto satisfatório para uma atividade de sondagem para levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes acerca da ES. Por outro lado, chamou nossa atenção perceber que na questão 02 houve 4 respostas incorretas para o seguinte enunciado:

Segundo seus conhecimentos, escolha as afirmativas "verdadeira" ou "falso", sobre a seguinte informação: a escrita da Libras é o português como segunda língua.

Escolha uma opção:

Verdadeiro

Falso

Figura n. 01. Apresentação da questão 02. Fonte: print do arquivo digital cedido pelo professor da disciplina.

Pela resposta assinalada, percebe-se, apesar deste estudante estar cursando uma disciplina de ES, o quanto o senso comum ainda está arraigado em sua mente, afinal, para muitos, infelizmente para a maioria, as LS são ágrafas. Pensamentos como este fazem parte das construções discursivas que há séculos travam um embate linguístico a favor das línguas orais, consideradas dominantes.

Voltando à questão acima, se para estes alunos em formação docente é difícil (des) construir o conhecimento de que a Libras ou qualquer outra LS tem seu sistema próprio de escrita, imaginemos então para aqueles que ainda nem tiveram acesso a esse conhecimento. Nesse sentido, faz-se necessário que trabalhos como esse sejam divulgados com maior frequência.

Similarmente à questão 02, temos na questão 03 também duas respostas parcialmente corretas que apontam para a mesma discussão que levantamos acima. Veja a questão na qual o estudante deveria relacionar/assinalar as respostas de acordo com o que se pede na coluna à esquerda:

A escrita de sinais é importante para:	registrar os modos de ser e existir do surdo
A escrita é um recurso gráfico que serve para:	imobilizar a linguagem verbal humana
A escrita de sinais é um sistema gráfico:	próprio para escrever as línguas de sinais
A escrita da L2 é a escrita da:	língua de sinais
A escrita de sinais é a escrita da:	língua portuguesa
A escrita de sinais deve ser ensinada como escrita da:	primeira língua

Figura n. 02. Apresentação da questão 03. Fonte: print do arquivo digital cedido pelo professor da disciplina.

Como é possível notar, houve um equívoco ao responder os itens 4 e 5 (destacados pelo retângulo em vermelho). Isso pode ter acontecido por simples equívoco, visto que no item anterior da mesma questão a resposta foi correta na afirmação de que “a ES é um recurso gráfico próprio para escrever as LS”. O erro também pode ter acontecido pela falta de compreensão total em relação aos conceitos de L1 e L2, por exemplo, os quais são bastante divergentes na área da LS. Comumente, tem-se um entendimento de que todo visual tem a LS (no nosso caso, a Libras) como L1. Da mesma forma que um ouvinte não pode ter a LS como L1. Apesar de considerar o assunto pertinente, este não faz parte da nossa discussão neste trabalho. Mencionamos as questões 2 e 3 por chamarem-nos a atenção as respostas incorretas, relacionadas ao conhecimento teórico da ES.

Na tabela a seguir, apresentam-se duas respostas parcialmente corretas das questões 08 e 10. Nestas, os estudantes deveriam marcar qual palavra da LP corresponderia à tradução da escrita em LS, das quais apenas uma resposta (para cada questão) foi marcada corretamente (em destaque na tabela abaixo) e as outras duas foram assinaladas incorretamente. Contudo, dos 11 acadêmicos, apenas dois deles (para cada questão) marcaram respostas parcialmente corretas, os demais acertaram todas as alternativas, como apresentado na tabela 2.

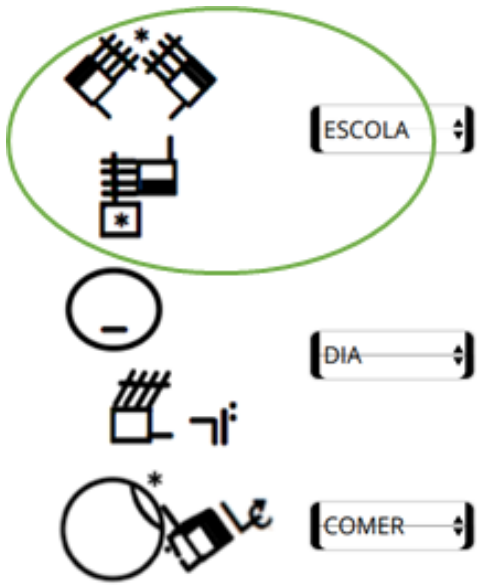
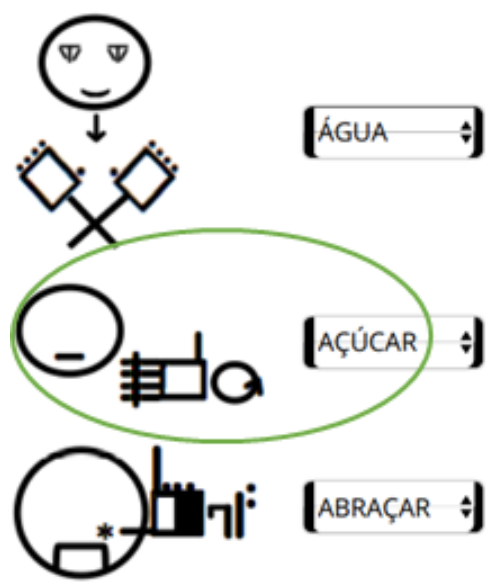
RELACIONAR A ES VISOGRAFIA COM A ESCRITA DA LP E MARCAR A OPÇÃO CORRETA.	
QUESTÃO 08	QUESTÃO 10
	

Tabela n. 04. Apresentação das respostas (parcialmente corretas) das questões 08 e 10.
 Fonte: elaborado pela autora.

Em se tratando de escrita, “se tomarmos isoladamente a grafia de cada palavra, não faz sentido falar em grafias fáceis ou difíceis” (FARACO, 2015, p. 54). Desse modo, fazemos a mesma inferência na observação do aprendizado da ES, *a priori* o “erro” parece-nos inaceitável pensando que os sinais grafados são sinais comuns presentes na comunicação do dia a dia. Além disso, por se tratar de uma língua visual, pode-se equivocadamente pensar que o processo de codificação e/ou decodificação acontece de forma mecânica. Todavia, como já mencionado, o aprendizado tanto da leitura quanto da escrita são processos cognitivos que demandam conhecimentos linguísticos, discursivos e sistemáticos.

Vale destacar que, mesmo antes do contato escolar, as crianças já formulam hipóteses para a escrita das palavras (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999), conforme estudos referentes às línguas orais. Desse modo, apropriamo-nos dessa afirmação também para a LS, embora neste estudo os nossos sujeitos não sejam crianças, e sim alunos em formação docente. Para Smolka (2012, p. 31),

as crianças não revelam “conhecimentos metalinguísticos”, no sentido de um “distanciamento” da linguagem. Pelo contrário, revelam tentativas de aproximação e interpretação, levantando hipóteses e suposições (o que não é considerado pela escola, pois essas tentativas implicam “erros”, e a escola não aceita erros).

Sendo assim, possivelmente, são essas hipóteses que também conduziram os acadêmicos a assinalarem suas respostas (certas ou erradas), mesmo antes do contato com a ES, como no caso dos nossos sujeitos. Contudo, essas hipóteses não se constroem por si só, de certa forma há um conhecimento internalizado, o qual está relacionado ao fato de os sujeitos estarem de alguma forma em contato com a língua e/ou com falantes dessa língua. Nesse sentido, apoiamo-nos em Bakhtin (2016), inferindo que essa interação dos aprendentes com a essência da linguagem fornece elementos que possibilitam aos estudantes acessarem conhecimentos do mundo simbólico da escrita, uma vez que a

interação no convívio diário com a língua e com outros interactantes da LS faz com que concreto e abstrato se retroalimentem. Daí, por inferência, por relação, o aluno consegue hipotetizar e até mesmo acertar o sinal escrito.

4. REFLEXÕES FINAIS

Em síntese, vimos que o percurso da existência da ES vem sendo conhecido e divulgado desde Bébian, há quase dois séculos. O mais recente sistema de ES – VisoGrafia – foi criado pelo professor-pesquisador Benassi em 2016 – 2017. Contudo, apesar do longo caminho trilhado por esse conhecimento, ainda ouvimos a afirmação de que as LS são ágrafas. Afirmação essa que ora é feita por desconhecimento dessa área do saber, ora por se desconsiderar a importância desse conhecimento.

Sabemos que a existência da escrita constitui um grande marco no desenvolvimento da humanidade, considerando a escrita das línguas orais. Da mesma forma, em relação às LS, a criação de um sistema de grafia que possibilitasse o registro das línguas viso-espaciais, sem dúvida, também representa um marco histórico. Porém, nosso capítulo focou no sistema de escrita VisoGrafia, representado nesse trabalho pela escrita dos sinais utilizados na atividade de sondagem por nós analisada.

A opção por esse sistema de ES se deu em virtude da sua característica imagética, o que, a nosso ver, potencializa o processo de ensinagem dos aprendizes da LS, nesse caso, dos futuros docentes de Libras. Como efeito, podemos dizer que o caráter altamente visual da escrita possibilita aos aprendentes da língua escrita fazer inferências e correlações com a visualidade da LS que é refletida nos sinais escritos. Destacamos, ainda, que tais inferências, manifestadas nas respostas dos estudantes, foram possíveis devido à relação de solidariedade entre os elementos linguísticos, postulado por Saussure. Diante do exposto, consideramos de extrema importância que trabalhos como esse sejam divulgados a fim contribuir para a ampliação de conhecimentos voltados à discussão da temática ES.

Referências

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos. **Metodologia do Ensino Superior**: da prática docente a uma possível teoria pedagógica. IBPEX, Curitiba, 1998.

BARRETO, Madson. Escrita de Sinais sem mistérios / Madson Barreto, Raquel Barreto. 2. ed. rev. atual. e ampl. – Salvador, v. 1: Libras Escrita, 2015.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. Tese. Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Org. trad. posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. – São Paulo: Editora 34, 2016.

BENASSI, Claudio Alves. **O despertar para o outro**: entre as escritas de língua de sinais. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

_____. **Visografia**: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais. Tese (Doutorado) –



Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), Cuiabá, 2019.

BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa. **Educação bilíngue de surdos**: o uso da escrita de sinais SignWriting na aprendizagem do português como segunda língua. Tese (Doutorado) –Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. Aquisição de língua: uma perspectiva ecolinguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 290-298, jul./set. 2013.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística, ecologia e ecolinguística: contatos de línguas. – São Paulo: Contexto, 2009.

DUARTE, Anderson Simão. **Metáforas Criativas**: processo de aprendizagem de ciências e escrita da língua portuguesa como segunda língua pelo estudante visual (surdo). Tese (doutorado), REAMEC, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e Alfabetização**. 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2015. – (Repensando a Língua Portuguesa).

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emilia. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**: seleção de textos de pesquisa. Tradução de Rosana Malerba. – São Paulo: Cortez, 2013.

SANTANA BUENO, Áurea de. **Aprendizagem de Escrita de Sinais**: aquisição da escrita e da leitura de Língua de Sinais por meio da VisoGrafia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), Cuiabá, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Charles Bally e Albert Sechehaye (Orgs.); Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. – 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Escritos de linguística geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: A alfabetização como processo discursivo. – 13. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetizar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. – 1. ed. 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação de Letras-Libras, Licenciatura**. Cuiabá, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Orgs. Michael Cole... [et. al.], Trad. José Cipolla Nelo, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAPÍTULO 3

MÉTODO PARA O REGISTRO DE DADOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA DE SINAIS

LINGUISTIC DATA REGISTRATION METHOD IN SIGN LANGUAGE

Claudio Alves Benassi

Resumo

Este trabalho tem como finalidade apresentar um método para o registro de dados linguísticos da língua de sinais desenvolvido a partir de nossa tese de doutoramento. Os primeiros estudos tiveram como foco principal a dupla articulação da língua de sinais e, a *posteriori*, o registro dos dados linguísticos obtidos no processo de articulação da língua por meio da escrita de sinais. Benassi e Santos (2021) publicaram um artigo em que comunicam os passos necessários para esse registro. Por meio do presente trabalho, reapresentamos estes passos com algumas inovações metodológicas para o processo de registro de dados linguísticos da língua de sinais.

Palavras-chave: Língua de sinais. Libras. Escrita de sinais. Estudos linguísticos.

Abstract

This chapter exposes a method of registering linguistic data from sign language (this was developed from the doctoral thesis). Thus, the first studies focus on the double articulation of sign language, and later, on the registration of linguistic data obtained in the process of language articulation, through sign writing. Benassi and Santos (2021) published an article about the steps necessary for this registration. Therefore, the steps are presented with some methodological innovations in the process of linguistic data registration from sign language.

Keywords: Sign language; *LIBRAS*; Sign-writing; Linguistic studies.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais – Libras, vem crescendo e se diversificando com o passar dos anos, desde a sua regulamentação como disciplina obrigatória na formação de professores e profissionais da saúde. Algumas áreas da linguística da Libras como a morfologia e paremologia¹ têm sido abordadas sob diversos aspectos, o que contribui para consolidação desse campo do conhecimento.

Em nossa tese doutoral intitulada *VisoGrafia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais* (BENASSI, 2019) iniciamos um estudo sobre a dupla articulação (morfologia) da língua de sinais, a qual aprofundamos posteriormente. Publicamos um artigo (BENASSI; SANTOS, 2021), cujo teor aprofunda o pensamento iniciado em nossa tese e propõe uma metodologia para o registro paremológico da língua de sinais em pesquisas linguísticas.

Nosso livro *Três ensaios teóricos-filosóficos* (BENASSI, 2022) dedica um capítulo inteiro para a redefinição dos achados presentes no capítulo 3 da nossa tese doutoral anteriormente referenciada. Além de redefinirmos e aprofundarmos as noções conceituais de morfema e de suas partições, apresentamos uma aplicação conceitual de morfe e alomorfe em língua de sinais que reproduzimos aqui.

Como sempre, nossa aplicação das teorias linguísticas estruturalistas na língua de sinais respeita sua constituição espaço-visual e os pressupostos teóricos presentes em Martinet ([1968] 1971; [1975] 2014), por exemplo, que defende que todas as línguas concordam em fazer a dupla articulação. Ele, porém, enfatiza que cada língua a faz de forma própria – fato observado na língua de sinais quando ela apresenta uma articulação intermediária entre o parema (mínima parte) e o morfema.

Essa articulação é o parâmetro, uma espécie de unidade de medida presente nos estudos linguísticos de Stokoe (1919-2000). Ele não possui sentido em si, mas é essencial para a constituição do léxico da língua de sinais. Devido à importância desse elemento linguístico, muitos linguistas acabam por admiti-lo como sendo a mínima parte da língua de sinais. Nós, por outro lado, visualizamos a divisão dos parâmetros em partes menores, o que faz deles não as mínimas partes, mas um conjunto específico dela (BARROS, 2015; BENASSI, 2019).

Com base em nossos estudos linguísticos, apresentamos novamente a metodologia para análise e registro paremológico do léxico da língua de sinais. Diferentemente de Benassi e Santos (2021), iremos apresentar uma abordagem da paremologia, levando em consideração as suas possibilidades de produção e articulação, além de apresentar uma forma de registro gráfico.

Posteriormente, apresentaremos o desenho da metodologia do registro paremológico da língua de sinais que ora propomos. Lembrando Benassi e Santos (2021), existem três

¹ Refere-se à área de estudos linguísticos que se ocupa do estudo das mínimas partes da língua de sinais. Essas mínimas partes constituem partes maiores chamadas parâmetros. Disso advém o termo parema, que significa a mínima parte de um parâmetro.

possibilidades para a articulação e registro dos paremas de um determinado sinalema². Por último, apresentaremos a metodologia de análise com exemplos práticos.

Nossa fundamentação teórica vem dos achados em Saussure ([2002] 2014) e Martinet ([1968] 1971; [1975] 2014). Corroboram ainda nossos estudos: Barros (2015); Benassi (2019); Benassi e Santos (2021); Benassi (2022). Esperamos contribuir para a ampliação do pensamento científico não dogmático na área da língua de sinais.

2. ABORDAGEM DA PAREMOLOGIA

A linguística de Libras vem se consolidando como uma importante área de estudos. Diversas são as abordagens que ela tem assumido desde os primeiros estudos divulgados sobre dela. Como grande baluarte desses estudos, ainda figuram enquanto referência, obras como "Por uma gramática da língua de sinais", publicada pela pesquisadora Lucinda Ferreira em 2010.

Segundo a autora:

Estudos sobre a Libras ou sobre qualquer outra língua de sinais podem contribuir não apenas para um maior conhecimento do que possa ser considerado universal linguístico e de traços culturais da língua, como também permitir a separação entre estes dois aspectos e aqueles restritos pela modalidade da língua (espaço/visual ou oral/auditiva). (FERREIRA, 2010, p. 35).

A autora não apresenta uma definição da fonologia nem faz uma aplicação desse princípio na Libras, no entanto, nos apresenta os aspectos estruturais da Libras que podemos deduzir como sendo os parâmetros da língua de sinais. Sem adentrar a polêmica das mínimas partes da Libras, a autora cita como exemplos a C.M. – formato que a mão adquire na sinalização, o movimento (doravante Mv.) e o ponto de articulação (doravante P.A) (FERREIRA, 2010, p. 24).

Segundo a autora (*op. cit.*), "a orientação pode ser um quarto parâmetro fundamental, mas, até o momento, isso ainda continua a sendo uma polêmica". A incorporação de informação léxico-sintática também aparece como sendo um dos aspectos estruturais da Libras para a autora. Dentre os diversos aspectos citados pela autora, achamos conveniente retomarmos aqui a orientação da ponta do dedo para o ponto de articulação, porque nos interessa as mínimas partes da língua de sinais, por isso a queremos explorar minuciosamente conforme nossa visão.

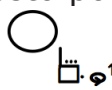
Do nosso ponto de vista, as mínimas partes da língua de sinais não podem ser os parâmetros C.M., Locação (doravante Lc.), como afirma Campello (2011). Em nossos estudos articulatórios da Libras, provamos que a C.M. se divide em elementos menores, conforme nos dá a entender Barros (2008, 2015). Esses elementos menores que formam a C.M. são as Configurações de Dedos (doravante C.D.), sendo elas: C.D. do polegar; C.D. do indicador; C.D. do dedo médio; C.D. do anular e C.D. do mínimo, juntamente com a

² Refere-se ao sinal; item lexical considerado na Libras como sendo a parte mínima de um enunciado que carrega um sentido em si mesmo (BENASSI, 2019, 2022).

orientação da palma (doravante O.P) (BENASSI, 2019, 2022).

A Lc. também se divide em partes maiores, sendo essas o P.A. e o ponto de contato (doravante P.C.). Alguns sinalemas da Libras não possuem P.C., logo, a Lc. é formada apenas pelo P.A. Assim como a C.M e a Lc., que se dividem em partes menores, o movimento também pode ser particionado.

Tomemos como exemplo o movimento em espiral. Ele é uma somatória de duas forças: uma que se desloca circularmente e outra que impulsiona o movimento circular numa direção qualquer provocando o que chamamos de espiral. Logo, o referido movimento é composto por um movimento circular e outro direcional, como grafado a seguir, no sina-

lema  (IMPORTANTE).

Conforme exposto até o momento, o item lexical na Libras é formado por parâmetros que são a base constituinte do sinal, que, por sua vez, é utilizado para formar enunciados. Tomemos então o enunciado como um aparato técnico articulável, que pode ser dividido em três elementos linguísticos constitutivos da língua de sinais, sendo eles: o sinalema, o parâmetro e o parema – elaborando terminologias coerentes.

O sinalema (sinal = item lexical; ema = mínima parte de) *é a mínima parte de um enunciado*. O sinalema constitui o léxico da língua de sinais e pode ou não ser articulado. Ou seja, dividido em partes menores. Estas menores partes obtidas na articulação de um sinalema as denominamos sinalico.

Sinalico (sinal = item lexical; ico = indica diminutivo) *são as partes nas quais um sinalema pode ser articulado, que pode ser denominados como os morfes e alomorfes na língua de sinais*. Os sinalemas, bem como as suas partes, são formados pelos parâmetros constituintes das línguas de sinais.

Por fim, os parâmetros são articuláveis em partes ainda menores. As partes que compõem os parâmetros da língua de sinais foram nomeadas por nós como *paremas*. O parema é a unidade mínima do plano de expressão das línguas de sinais que não possuem, em si mesmas, significado algum. Combinam-se entre si para formar sinalicos morfêmicos ou sinalicos distintivos.

Corroboramos com a tese do linguista francês André Martinet. Não só aplicamos na língua de sinais seus postulados a respeito da dupla articulação da linguagem humana, respeitando, é evidente, a modalidade visual-espacial dessa língua, como também cunhamos novas terminologias, mais coerentes com o tipo de material linguístico que as línguas de sinais podem oferecer. Sobre o uso de novas terminologias nos estudos linguísticos, Martinet afirma que,

[...] É evidente que, se não desejamos excluir do domínio lingüístico só sistemas do tipo do que acabamos de imaginar, é muito importante modificar a terminologia tradicional relativa à articulação dos significantes de modo a eliminar tôda e qualquer referência à substância fônica [...] (MARTINET, [1968] 1971, p. 25).

Nossos estudos comprovam a importância da afirmação: assim como qualquer outra língua, a língua de sinais também apresenta a dupla articulação, pois, como afirma Martinet ([1968] 1971, p. 15), “na imensa variedade de necessidades comunicacionais da humanidade, compreende-se que a linguagem do homem não poderia conceber-se sem a dupla articulação”. No entanto, como já afirmamos, por sua modalidade visual-espacial, a língua de sinais nos oferece um material linguístico próprio. É importante lembrar que Martinet afirma que cada língua articula seus significantes e enunciados a sua própria maneira. Para o autor:

Se as línguas concordam todas em praticar a dupla articulação, todas diferem sobre a maneira como os utentes de cada uma delas analisam os dados da experiência e a maneira como fazem render as possibilidades facultadas pelos órgãos da fala. Por outras palavras, **cada língua articula à sua maneira** tanto os enunciados como os significantes (MARTINET, [1968] 1971, p. 43).

O aspecto apontado pelo autor é claramente percebido nas línguas de sinais. Nossos estudos articulatórios comprovam a tese de Martinet, exposta na citação anterior. Com base em nossos experimentos, elaboramos o seguinte esquema:

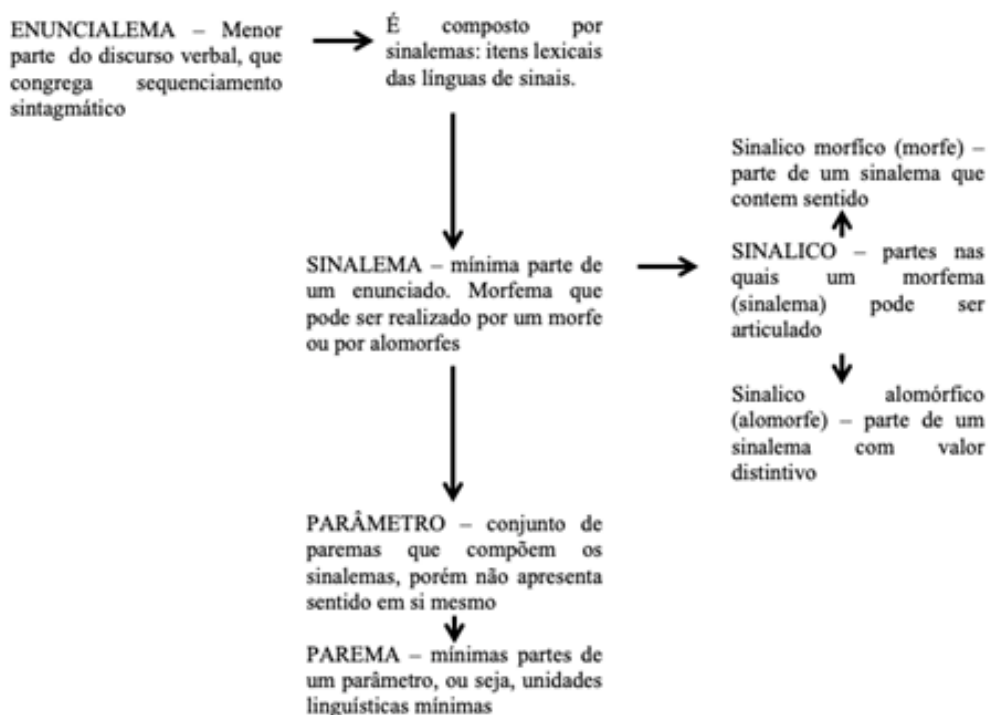









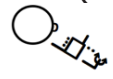



Figura 01. Estrutura linguística da língua de sinais. Fonte: Benassi (2019).

Para finalizar este tópico, vale ressaltar que toda a nossa abordagem da linguística da Libras é guiada pelo paradigma estruturalista. Não só utilizamos Martinet ([1968] 1971; [1975] 2014), como bases fundamentais de nossos estudos, do mesmo modo que também buscamos Saussure ([2002] 2014) para sustentar o pensamento teórico apresentado até o momento.

3. DESENHO TEÓRICO MORFO-PAREMOLÓGICO

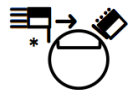

Nesse tópico apresentamos a nossa concepção morfológica na Libras. Segundo conhecimentos teóricos amplamente divulgados, o morfema constitui a menor unidade do plano do conteúdo. Ou seja, é a menor parte do enunciado que congrega um sentido em si mesma. Baseados nessa concepção, vamos exemplificar a aplicação dos pressupostos de morfemes e de alomorfes na Libras, não sem antes defini-los.

De forma bastante sintética, reconstituindo exemplos de Benassi (2022), podemos afirmar que um morfeme constitui a realização de um morfema. Na Libras, podemos citar o seguinte exemplo: no sinalema  (ANO), temos o morfeme $[\text{ano}]$ que é o que se mantém ao longo das combinações quantificadas  (UM ANO);  (DOIS ANOS);  (TRÊS ANOS);  (QUATRO ANOS).

Para efeitos de exemplificação e comprovação verossímil, apresentamos ainda os seguintes exemplos: 1)  (PENTE), no qual temos o morfeme $[\text{pente}]$ que se mantém na forma verbal ; 2)  (TELEFONE CELULAR), no qual temos o morfeme $[\text{telefone celular}]$, que se mantém na forma verbal ; 3)  (CASA), no qual temos o morfeme $[\text{casa}]$, que se mantém na forma verbal  (MORAR).

A ideia de alomorfe pode ser entendida como um morfema que é realizado por dois ou mais morfemes. Na Libras, tais ocorrências podem ser notadas em alguns sinalemas. Além de apresentar alguns exemplos, comentamos abaixo alguns aspectos próprios da língua de sinais que condicionam e determinam a aplicação desse princípio linguístico na língua de sinais.

Esses exemplos são basicamente de três ordens: 1) por mudanças na configuração de mão, em virtude da seleção de dedos; 2) por mudanças no ponto de articulação; 3) por mudanças na direção do movimento.

No primeiro caso, temos  (MATO GROSSO), como sendo um morfema que se realiza por meio dos seguintes morfemes: $[\text{mato}]$ e $[\text{grosso}]$. Esse fenômeno se dá em virtude da seleção de dedos ocorrido no sinalema que não é correspondente para todos. Ou seja, os demais dedos se curvam e se fecham pelas pontas na palma da mão, enquanto o polegar continua estendido, mudando apenas o direcionamento. Divide-se com isso o sinalema em sinalico inicial e final. Noutras palavras, em morfeme inicial e morfeme final. O mesmo fenômeno se repete no sinalema  (BONITO), o qual é um morfema que se realiza por meio

dos seguintes morfemes: e .

Em relação ao segundo caso, temos o sinalema (SAÚDE). Esse é um morfema formado por meio de dois sinalicos ou morfemes, sendo estes e . Neste caso, o fenômeno da divisão do morfema em morfemes (sinalicos) se dá porque acontece uma pausa após a locação da mão configurada no ponto de articulação, em seguida o ponto de articulação é alterado. Podemos encontrar a repetição deste fenômeno no morfema

(JESUS CRISTO), que é realizado pelos morfemes e .

Por último, apresentamos o terceiro caso. Utilizamos como exemplo o morfema (SISTEMA), que se realiza por meio dos morfemes e . Nesse caso, o fenômeno se dá em virtude da mudança na direção do movimento. Podemos observar a recorrência do mesmo fenômeno em vários outros morfemas, no entanto, apresentamos

aqui apenas o seguinte: (ESTRUTURA), que também se realiza por meio de dois morfemes, sendo estes e .

Como vimos nos exemplos dados até o momento, o nível do conteúdo da Libras é constituído por morfemas que podem ser decompostos em partes menores, ainda no plano do conteúdo. Ou seja, as partes resultantes da decomposição dos morfemas na primeira articulação ainda contribuem na realização dele, portanto, como podemos perceber, é possível aplicar essa noção da linguística geral na Libras dentro dos limites de sua modalidade viso-espacial.

Passando para a segunda articulação da língua de sinais, tomando com base esse pensamento e o fundamentando na teoria da dupla articulação de Martinet, concebemos os parâmetros como divisíveis e os organizamos a partir das propriedades articulatórias das mínimas partes da língua de sinais da seguinte forma:

1. Configuração de mão:	2. Locação:	3. Movimento:
1.1. Configuração de dedo polegar;	2.1. Ponto de articulação;	3.1. Movimentos direcionais;
1.2. Configuração dos demais dedos:	2.2. Ponto de contato	3.2. Movimentos circulares;
1.2.1. dedo indicador,		3.3. Movimentos de braço;
1.2.2. dedo médio;		3.4. Movimentos de dedos
1.2.3. dedo anular;		3.5. Movimentos da cabeça;
1.2.4. dedo auricular;		3.6. Movimentos da face;
1.3. Orientação da palma		3.7. Movimentos da língua;
		3.8. Movimentos do tronco.

Tabela 01. Parâmetros e suas divisões em partes mínimas. Fonte elaborada pelo autor.

Estas subdivisões são para nós os paremas, isto é, as mínimas partes do parâmetro. Embora a maioria dos estudos indiquem a concepção de que os parâmetros sejam os paremas, ou seja, as mínimas partes da língua, não podemos coadunar com este pensamento, uma vez que nossos experimentos de articulação da língua de sinais contradizem tal proposição.

Se os parâmetros que constituem as línguas de sinais são divisíveis, eles não podem ser considerados paremas, pois, segundo a teoria que os define (que replica o conceito de fonema), um prema não pode ser dividido em partes menores. Enxergamos, assim, os paremas enquanto unidades da língua, considerando sua capacidade ou possibilidade de combinação:

1. relativas à configuração de mão:

1.2 configuração do polegar – curvo (flexionado nas duas articulações e fechado na palma) e curvo (flexionado na segunda articulação e aberto); estendido (verticalmente paralelo à palma, horizontalmente ao lado da palma, perpendicular à palma e encostado na palma);

1.3 configuração dos demais dedos (indicador, médio, anular e auricular) – flexionado nas duas articulações (fechado na palma e angular à palma); arqueado; flexionado na primeira articulação (inclinado); estendido paralelamente à palma;

1.4 orientação de palma – para frente; para trás; para medial; para distal; para cima; para baixo;

2. relativas à locação:

2.1 ponto de articulação – espaço na frente do rosto; alto da cabeça; cabelo; lateral da cabeça; orelha; testa; sobrancelha; olho; maçã do rosto; bochecha; nariz; buço; boca; dente; queixo; embaixo do queixo; braço; ombro; axila; meio do braço; cotovelo; antebraço; punho; dorso da mão; palma da mão; lateral da mão; dorsal dos dedos, palmar dos dedos; lateral de dedos; dedos; intervalo de dedos; ponta de dedos; perna;

2.2 ponto de contato – dorso da mão; palma da mão; lateral da mão; palmar dos dedos; dorsal dos dedos; lateral de dedos; dedos; ponta de dedos; intervalo de dedos;

3. relativas ao movimento:

3.1 movimentos direcionais – para frente; para trás; para frente e para trás; para esquerda; para a direita; para esquerda e para a direita; para cima e a esquerda; para cima e a direita; para baixo e a esquerda; para baixo e a direita;

3.2 movimentos circulares – vertical; horizontal; frontal; semicircular;

3.3 movimentos de braço – flexão; extensão; dobramento do punho; giro completo

do punho; meio giro do antebraço com o punho dobrado; meio giro lateral do antebraço;

3.4 movimentos de dedos – abrir a mão; fechar a mão; abrir e fechar a mão; flexão e extensão de dedo na primeira articulação; flexão e extensão de dedo na segunda articulação; unir/separar os dedos; tamborilar de dedos; fricção de dedos;

3.5 movimentos da cabeça – afirmação com a cabeça; negação com a cabeça;

3.6 movimentos da face – levantar a sobrancelha; abaixar a sobrancelha, tencionar severamente a sobrancelha para baixo; piscar o olho; fechar o olho, abrir e fechar o olho; direcionar o olhar (qualquer direção); inflar a bochecha; sugar a bochecha; inflar a bochecha; abrir a boca; contrair os lábios; tencionar os lábios; cerrar os dedos; soprar (corrente de ar);

3.7 movimentos da língua – língua na bochecha; passar a língua internamente na bochecha; colocar a língua para fora;

3.8 movimentos de queixo – movimento lateral do queixo; movimento vertical do queixo;


3.9 movimento do tronco – inclinação frontal; inclinação para trás; inclinação lateral esquerda; inclinação lateral direita para frente; inclinação lateral direita para trás; inclinação lateral esquerda para frente; inclinação lateral direita para trás.

Desse modo, o estudo das mínimas partes da língua de sinais, denominamos paremologia, isto é, o estudo das mínimas partes de um parâmetro. O resultado da articulação de um parâmetro, cujo resultante é o parema (mínima parte de um parâmetro), que, para ser registrado com maior verossimilhança, é necessária a utilização de uma escrita de sinais. Em nosso experimento, utilizamos o sistema de grafia de sinais VisoGrafia (BENASSI, 2019).

A escrita de sinais VisoGrafia é resultado da pesquisa que originou nossa tese doutoral. A escrita conta com um visograma com apenas 37 visografemas e 48 diacríticos (que não serão apresentados aqui), configurando como a menor estrutura gráfica da língua de sinais entre todos os sistemas que circulam no Brasil.

1 _a)	. < (Móvel - - \ /)
1 _b)	. 7 7 (Móvel - \)
2)	■ □ ■ (Móvel - ■ ■ ■)
3)	○ ∟ (Móvel - ∟ ∟) — L ■ □
4 _a)	↑ ↓ ⇕ ↑ (Móvel - ↑ ↓ → ← ↗ ↖ ↘ ↙)
	⇄ (Móvel - ⇄ ⇄) ∩ ∪ ∩ ∪
4 _b)	∨ ∆ ∇ 7 7 ∨ ∩ ∩ L (Móvel L L L) L
	L L

Tabela 02. Visograma da VisoGrafia. Fonte: Benassi (2017).

Para exemplificarmos melhor, recorreremos ao sinalema  (IMPORTANTE) já exposto anteriormente. Articulando o todo do sinalema temos os seguintes dados:





<p>1. Configuração de mão:</p> <p>1.1. Configuração de dedo polegar ;</p> <p>1.2. Configuração dos demais dedos:</p> <p>1.2.1. dedo indicador ,</p> <p>1.2.2. dedo médio ;</p> <p>1.2.3. dedo anular ;</p> <p>1.2.4. dedo auricular :</p> <p>1.3. Orientação da palma □</p>	<p>2. Locação:</p> <p>2.1. Ponto de articulação - espaço neutro a  da frente do ombro - ³;</p> <p>2.2. Ponto de contato - não há;</p>	<p>3. Movimento:</p> <p>3.1. Movimentos direcional para cima - ;</p> <p>3.2. Movimentos circular horizontal - ;</p>
---	--	---

Tabela 03. Parâmetros e suas divisões em partes mínimas. Fonte elaborada pelo autor.

4. METODOLOGIA DE ANÁLISE

Benassi e Santos (2021) recomendam três etapas para se descrever paremologicamente um sinalema da língua de sinais por meio da escrita de sinais. O primeiro passo, segundo os autores, é articular o sinalema numa tabela seguindo a ordem dos parâmetros: 1) configuração de mão; 2) locação; e 3) movimento, conforme exposto na tabela número 03.



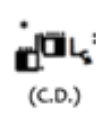





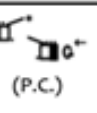



 (ENTENDER)					
 (C.M.)	 (C.D.)	-		 (P.A.)	
	 (O.P.)	†	 (LOC.)	 (P.C.)	!
 (MOV.)		(De braço)			



Tabela 04. Articulação do sinalema  (ENTENDER). Fonte: Benassi e Santos (2021, p. 75).

O segundo passo recomendado pelos autores é a planificação entre barras dos dados linguísticos obtidos. Com base no exemplo oferecido, observamos a premissa segundo a qual, em relação a configuração da mão, configurações de dedos semelhantes do dedo auricular para o indicador, seriam representadas apenas por um grafema da escrita de sinais. Entendido assim, temos então o seguinte registro: $[- | \dagger | \square | \bigcirc | ! | L_c |]$. O terceiro e último passo seria então a escrita paremológica dos dados obtidos da seguinte forma: $[- \dagger \square \bigcirc ! L_c]$. Segundo os autores, esta escrita deve se dar entre colchetes.

3 Informação linguística não grafada, pois o registro não apresenta o contato da mão com o ombro.

Em nosso atual cronotopo, reconhecemos o pioneirismo, valor e profundidade da contribuição original e queremos aprofundá-la ainda mais, dando a ela maiores contornos científicos.

Para exemplificar a metodologia de análise e registro que estamos propondo, utiliza-

mos agora o sinalema  (EU AVISO A VOCÊ) e  (VOCÊ AVISA A MIM).


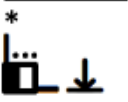
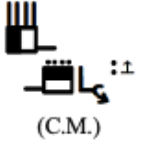

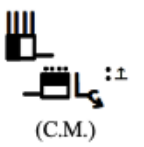
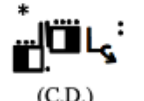
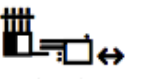
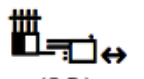
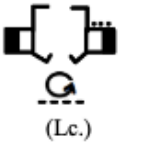
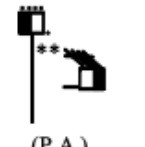

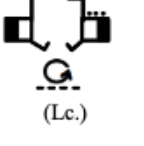
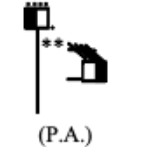

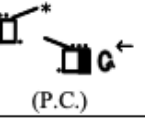
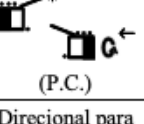
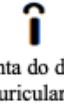
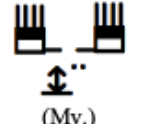

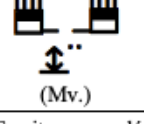



 (EU AVISO A VOCÊ)			 (VOCÊ AVISA A MIM)		
 (C.M.)	 (C.D.)	-	 (C.M.)	 (C.D.)	-
	 (O.P.)	□		 (O.P.)	□
 (Lc.)	 (P.A.)	 (Espaço neutro em frente da boca)	 (Lc.)	 (P.A.)	 (Espaço neutro na frente do tórax)
	 (P.C.)	-		 (P.C.)	 (Ponta do dedo auricular)
 (Mv.)	Direcional para frente	 ↑	 (Mv.)	Direcional para frente	 ↑
Escrita paremológica do sinalema	[... □⊖-↑]		Escrita paremológica do sinalema	[... □⊘-î↓]	

Tabela 05. Articulação dos sinalemas  (EU AVISO A VOCÊ) e  (VOCÊ AVISA A MIM). Fonte elaborada pelo autor.

Nossos experimentos em relação à articulação dos sinalemas da língua de sinais, análise e registro paremológico dos dados linguísticos que se obtém, exigiram um tratamento diferenciado na análise para fins morfológicos. Assim, recomendamos, diferentemente de nossa primeira incursão nessa seara (BENASSI; SANTOS, 2021), que os dados linguísticos morfológicos sejam registrados entre colchetes da seguinte forma: [...|□⊖-↑] (EU AVISO A VOCÊ) e [...|□⊘-î↓] (VOCÊ AVISA A MIM).

Para compreendermos mais profundamente o processo de registro morfológico de um morfema em língua de sinais, tomemos como exemplo [...|□⊘-î↓]. Sabemos que esse sinalema é um verbo direcionado, ou, como preferimos, flexionado. Logo, carrega

informações semânticas referentes a ação de avisar, tanto a pessoa que avisa como a pessoa que é avisada. Nesse sentido, o registro morfêmico se daria da seguinte forma: $[-\dots | \blacksquare]$ (AVISAR); $[-\dots | \blacksquare \emptyset]$ (VOCÊ); $[-\dots | \blacksquare - \hat{i}]$ (A MIM).

Em outras pesquisas, orientamos que aos dados linguísticos relacionados à paremologia sejam descritos entre barras da seguinte forma: /... / – C.D. do polegar nos sinalemas articulados na tabela 04. Recomendamos, ainda, que o parâmetro apareça representado graficamente não como um conjunto, pois, como já consolidamos em experimentos e publicações anteriores, o parâmetro é um conjunto de elementos linguísticos visuais menores, logo, não pode ser representado como um todo.

Nesse sentido, é mister que o representemos da seguinte forma: /-././././|/|/ e /-././././|/|/ – configurações de mãos nos sinalemas articulados na tabela 04, respectivamente. A título de uma pequena análise linguística visual nas duas configurações de mão dos sinalemas em tela, podemos observar que as orientações das palmas são disjuntivas.

No sinalema $[-\dots | \blacksquare \ominus - \hat{i}]$, a orientação da palma é medial – /|/ , enquanto no sinalema $[-\dots | \blacksquare \emptyset - \hat{i} \downarrow]$ é distal /|/ . Notadamente, esse é um elemento de disjunção semântica importante entre os sinalemas, tendo em vista que as referências: /|/ (EU) e /|/ (VOCÊ) em $[-\dots | \blacksquare \ominus - \hat{i}]$, possuem similaridades na referência semântica⁴ /|/ (VOCÊ) em $[-\dots | \blacksquare \emptyset - \hat{i} \downarrow]$, sendo que /-|/ (A MIM) – no mesmo morfema – soma-se à orientação da palma distal /|/ como valor negativo (SAUSSURE, [2002] 2014).

Esses elementos são, claramente, os que estabelecem a negatividade – conforme Saussure ([2002] 2014) –, no sentido entre os sinalemas. Vale salientar também que, além da negatividade proposta por Saussure – conceito que tangenciamos aqui –, temos também a presença da noção de eixo sintagmático na aditividade de informações semânticas: $[-\dots | \blacksquare]$ (AVISAR); $[-\dots | \blacksquare \emptyset]$ (VOCÊ); $[-\dots | \blacksquare - \hat{i}]$ (A MIM), algo que iremos explorar com maior profundidade em produções futuras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste empreendimento enunciativo nos propomos a apresentar um método para o registro de dados linguísticos – morfêmicos e paremológicos – da língua de sinais. Julgamos que nossos objetivos foram alcançados, tendo em vista a construção de um texto que abordou a paremologia e a morfologia da língua de sinais sob aplicação das teorias estruturalistas e da dupla articulação.

Fizemos também um desenho teórico morfo-paremológico da língua de sinais originado em nossa tese de doutoramento e que vem sendo paulatinamente aprofundado

4 Pertencem ao mesmo grupo semântico pronome pessoal.

a partir de experimentos articulatórios de sinalemas escritos em VisoGrafia (sistema de escrita de sinais), sempre respeitando o princípio viso-espacial da língua de sinais.

Por fim, apresentamos a metodologia de análise, que consiste basicamente em articular na segunda articulação da língua o sinalema, grafando os dados numa tabela que contempla os parâmetros stockoenianos. Na sequência, então, dá-se o registro de acordo com a necessidade que se tem: paremológicos, para lidar com elementos da segunda articulação; e morfológicos, para os dados linguísticos da primeira articulação.

Compreendemos a ousadia de nossos trabalhos e, tendo em vista as situações às quais constantemente somos submetidos em virtude de irmos na contramão dos estudos consagrados, reconhecemos que, no momento, eles não são bem recebidos pela área que congrega a nata linguística da Libras. No entanto, não ambicionamos os louros imediatos. Trabalhamos para a posteridade, pois acreditamos que se na agoridade somos repelidos, futuramente a atenção dos linguistas estará voltada para as nossas pesquisas.

Assim sendo, as situações tão recrudescidas em desumanidades e carregadas de egoísmo que nos “cancelam” não nos intimidarão. Continuaremos com nossos estudos e bradaremos em alta voz sempre que tivermos oportunidade. Essa voz que anseia pelo saber não será calada por aqueles que creem tudo saber – ou que são donos do saber: jamais!

Referências

- BARROS, M. E. **ELiS**: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BENASSI, C. A. **O despertar para o outro**: entre as escritas de língua de sinais. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.
- _____. **Visografia**: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais. Tese. Doutorado em Estudos de Linguagem. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Instituto de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.
- _____. **Três ensaios teóricos-filosóficos**: a linguística hermética, a dupla articulação da língua de sinais e a estese do ser. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.
- _____.; SANTOS, R. T. Descrição paremológica da Libras: um registro da segunda articulação da língua de sinais. In.: **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 9, n. 2, 2021.
- FERREIRA, L. **Por uma gramática da língua de sinais**. – [reimp.] Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. 273 p.; il.
- MARTINET, A. [1968] **A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.
- _____. [1975] **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Clássica Editora, 2014.
- SAUSSURE, F. de. [2002] **Escritos de linguística geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo, 2004.

CAPÍTULO 4

REGISTRO DE REGIONALISMOS NA LIBRAS EM CUIABÁ, MATO GROSSO¹

RECORDING OF LINGUISTIC REGIONALISMS IN BRAZILIAN SIGN
LANGUAGE IN CUIABÁ, MATO GROSSO STATE

Rayane Thaynara Santos

¹ Este capítulo é fruto da dissertação de mestrado intitulada A LIBRAS E SEUS REGIONALISMOS: o registro gráfico da língua de sinais, em Mato Grosso, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, área de concentração linguística. Para mais informações recomendasse a leitura da dissertação.

Resumo

O presente capítulo tem por objetivo compartilhar sobre o registro gráfico da Libras utilizada no município de Cuiabá- MT). Nos baseamos no teórico Ferdinand de Saussure e pesquisadores da área da linguística da Língua de sinais para analisar e discutir os registros obtidos. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa por meio de análise de vídeos disponibilizados em site de domínio público *YouTube*. Os vídeos pertencem a um canal do referido site pertencente a uma instituição de ensino do Estado de Mato Grosso. Foram selecionados onze vídeos de vocabulários que foram divididos em grupos léxico-semânticos, e comparados ao registro presente em três dicionários nacionais, sendo dois físicos e um online. Após análise os sinais foram registrados por meio da *VisoGrafia*, escrita de sinais criada pelo Dr. Claudio Alves Benassi. O registro gráfico dos sinais obedeceu a metodologia de descrição paremológica proposta por Benassi e Santos (2021). Por fim apresentamos os registros regionais identificados e analisamos as diferenças presentes nos léxicos do município de Cuiabá e nos presentes nos dicionários.

Palavras-chave: regionalismo; registro; Libras; Língua de sinais; descrição de sinal

Abstract

This chapter aims to share the outcome concerning the written/visual register of the Brazilian Sign Language (*LIBRAS*) in *Cuiabá, Mato Grosso State*. According to Ferdinand de Saussure's thoughts and researchers in the sign language field, we analyze and discuss the obtained data. The chosen methodology of this work is qualitative research, which is employed to examine several videos available on the public domain website *YouTube*. The *YouTube* videos utilized as objects integrate a channel administrated by an educational institution from *Mato Grosso*. We selected eleven videos focused on vocabulary, organizing them into semantic lexicon groups and comparing them to similar entries found in three Brazilian dictionaries. Two of those dictionaries are physical editions, the other is available online. After the analysis, the signs were recorded using *VisoGrafia*, a written sign language developed by Claudio Alves Benassi, Ph.D. The visual register obeys the paremolological description methodology proposed by Benassi and Santos (2021). In the end, we display the identified regional registers and we analyze the distinctions between the lexicons prevalent in *Cuiabá* and those indexed in the dictionaries.

Keywords: regionalism; linguistic register; *Libras*; sign language; sign language description.

1. INTRODUÇÃO

O reconhecimento da língua de sinais foi um marco importante, pois o Brasil tem 210 milhões de habitantes. Deste total, 10 milhões são deficientes auditivos, segundo dados do censo demográfico do ano de 2010, o que corresponde a 5% da população brasileira. Sendo desse total, 2,7 milhões com deficiência auditiva profunda. Ainda segundo o IBGE, no estado de Mato Grosso existem 12.672 mil deficientes auditivos sendo que, na cidade de Cuiabá, vivem 2.488 mil pessoas com deficiência auditiva (IBGE, 2010).

Ao percebermos como é grande o número de pessoas surdas, em Cuiabá, compreendemos então a necessidade de estudarmos a língua de sinais com o foco no regionalismo em uma perspectiva linguística devido à escassez de pesquisas nessa área do conhecimento.

Quando falamos em regionalismo, fazemos uso do conceito apresentado por Martins e Bidarra (2011, p.), que afirmam que “regionalismos na Libras são, assim como no português, as variações que ocorrem a depender da região em que estamos, são características da língua.”

Entendo então que os regionalismos são fenômenos inerentes a qualquer língua, e a Libras ainda que pertencente a uma modalidade espaço-visual, é composta por indivíduos que agregam características de sua realidade social e espacial a ela. Assim, supomos que cada região terá especificidades nessa língua.

Idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas para estudo tornam-se elementos de investigação, pois eles nos mostrarão o léxico da língua, bem como as variações geográficas e temporais.

As variantes linguísticas podem ser definidas como as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1986, p. 10).

A presente pesquisa se conduziu pelo objetivo geral de analisar sinais utilizados na Língua Brasileira de Sinais pela comunidade surda de Mato Grosso, e identificar se podem ser considerados como regionais. E teve como objetivos específicos: registrar os sinais na Libras que sejam de uso exclusivo (regionais) da comunidade surda de Mato Grosso; descrever o processo de constituição/criação dos sinais regionais utilizados pela comunidade surda do estado de Mato Grosso.

E buscar responder ao seguinte problema: tendo em vista que o contato entre línguas gera um compartilhamento de traços comuns, e que a língua carrega uma marca característica da comunidade que a utiliza, é possível afirmar a presença de regionalismos na língua de sinais? Quais são os sinais tidos como regionais? Responderemos esses questionamentos no decorrer deste capítulo.



2. BASE TEÓRICA

As línguas, sejam elas oralizadas ou sinalizadas, são vivas e, portanto, estão em constante processo de modificação e sempre atreladas aos fatores sociais e emocionais do sujeito em uso. Conforme Freitas (2003, p. 145) “o sentido subjetivo da emoção se manifesta pela relação de uma emoção com outras em espaços simbolicamente organizados, dentro dos quais as emoções transmitem”.

Assim, a relação dos indivíduos perpassa a valoração, que se utiliza, dentre outros recursos, da língua para se manifestar. Percebemos então a língua como um sistema carregado de simbolismos, que são percebidos a partir das relações de comunicação entre os indivíduos que dela fazem uso.

Encontramos diversas definições de língua cada uma a seu modo, apresentam aspectos relevantes. Entre as diversas definições de língua, opto por utilizar o conceito de Saussure. Para ele a língua “É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Além disso, pode-se compreender a língua, a partir dos estudos de Saussure (2012, p.31), como um sistema composto por unidades que obedecem a uma estrutura e normas (regras). Lopes (2008, p.76) afirma que tal conjunto de regras seriam de natureza morfológica, fonológica, sintática e semântica, e que esse conjunto determina o emprego da forma fundamental para produção de sentido. Assim, em qualquer estudo que tenha a língua como objeto, faz-se necessário compreendermos tais conceitos de forma geral e aplicados à língua em estudo, especialmente os conceitos fonologia e morfologia.

A fonologia é uma área da linguística que possui como objeto de estudo o som a partir de sua função na língua e é definida por Silva (2003, p.17) como ciência que “estabelece princípios que regulam a estrutura sonora das línguas, caracterizando as sequências de sons permitidas e excluídas na língua em questão”.

Dessa forma, a fonologia estuda os elementos significativos, padrões de combinação, a diferença deles na língua, bem como os sons de uma língua. No entanto, esse conceito se aplica diretamente às línguas de modalidade oral-auditiva, ao exportarmos tal conceito para Libras, nos deparamos com uma língua de modalidade diferente (da que o conceito se refere e, portanto, necessita de uma adaptação e um olhar mais apurado para ser compreendido).

Quando abordarmos as questões fonológicas da língua de sinais, faremos uso da terminologia paremologia, e ao abordarmos as mínimas partes da Libras usaremos o conceito e nomenclatura parema, termos criados por Benassi (2019). Para o autor Parema é, portanto, “a unidade mínima do plano de expressão das línguas de sinais que não possuem, em si mesmas, significado algum.”

Os paremas são combinados primeiramente para formar os parâmetros, depois os parâmetros combinam-se para formar os morfemas que podem ser divididos em sinalicos morfêmicos ou sinalicos distintivos. Os morfemas, resultantes da combinação dos parâmetros, estão inseridos na ciência da morfologia.

O termo morfologia é introduzido por August Schleider, e ele a denominava como “ciência da linguagem ou Glótica, para ele uma ciência natural” (SCHLEIDER, 1868, p. 44. apud ROSA, 2018, p.64).

Partindo da etimologia da palavra morfologia significa morphê = ‘forma’ e logia = ‘estudo’, ou seja, a parte da gramática que estuda a forma das palavras (MONTEIRO, 2002, p.11).

O autor (Op. Cit.) nos apresenta morfologia como “a parte da gramática que descreve a forma das palavras” definição semelhante a que Ortega (1990, p.3) que denomina morfologia “como disciplina linguística, trata da forma interna das palavras, mais precisamente de sua estrutura”.

Tal conceito pode ser aplicado na língua de sinais, tendo em vista que os sinais possuem mínimas partes dotadas de significados. No entanto, Benassi (2019) apresenta uma nomenclatura nova e que se adequa melhor aos estudos morfológicos da língua de sinais, são eles: sinalema, parâmetro e parema.

Para Benassi (2019, p.129), o sinalema “é a mínima parte de um enunciado (sinal= item lexical, ema= mínima parte de)” e este pode ainda ser ou não dividido em partes menores (com significado ou sentido de distinção) que é denominado de sinalico “(sinal= item lexical, ico = indica diminutivo) que podem ser classificados como sinalico morfêmico ou sinalico distintivo”.

Esclarecidos até aqui os conceitos linguísticos que norteiam nosso estudo, faz-se necessário compreendermos o que é regionalismo, foco central de nosso estudo. Essa área de estudo está inserida na dialetologia.

A dialetologia é a área de estudo do dialeto, e tem sua origem no francês dialectologie, de acordo com Cunha (2010, p.216). A dialetologia é, portanto, o “estudo sistemático de todas as formas de dialeto, em especial o dialeto regional” (CRYSTAL, 1988, p.81).

A dialetologia também nos apresenta muitos aspectos de língua que para nós estão perdidos ou se perdendo. São “fatos fonético-fonológicos, estruturas sintáticas, recursos morfológicos e variedade léxico-semântica, fenômenos linguísticos por natureza, mas com implicações com outros ramos do saber constituído, em decorrência da inter-relação.” (CARDOSO, 2010, p.40)

A partir da definição acima, podemos inferir que a Libras (nosso objeto de estudo) também possui dialeto regional que caracteriza um determinado grupo pertencente a comunidade de usuários da Libras.

A partir da definição do nosso objeto de pesquisa apresentamos os conceitos, que subsidiam nosso estudo em seu aspecto teórico. Compreendida então, a teoria fundamental desta pesquisa discorreremos, a seguir, a metodologia escolhida para efetivarmos o estudo.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada inicialmente foi a de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa na área de estudos linguísticos de Libras. Segundo Boccato (2006, p.266),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

Assim, a pesquisa bibliográfica foi utilizada com o objetivo de embasar, teoricamente, as discussões e reflexões aqui apresentadas. A abordagem qualitativa foi a escolhida por se tratar de uma abordagem que,

não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

A seguir, procedemos a um levantamento do estado da arte sobre os estudos linguísticos de Libras por meio de buscas de dissertações, teses e artigos em bases de dados de repositórios de Universidade Federais Brasileiras, por percebermos a escassez de pesquisas, principalmente em nível acadêmico, na perspectiva linguística optamos por trabalhar com o regionalismo.

Nosso corpus de análise foi constituído por vídeos selecionados a partir de uma busca na internet, em site especializado e de domínio público. No site *YouTube*, identificamos um canal de uma instituição de ensino de Libras do estado de Mato Grosso. Os vídeos presentes nesta página são de elaboração de professores surdos que lecionam na sede da instituição localizada em Cuiabá, e eles também são responsáveis por lecionar no interior do estado promovendo capacitação de profissionais da área da educação.

Os vídeos produzidos por essa instituição são diversos e destinados para todos os cursos de Libras por ela ofertada. Assim, a plataforma conta com vídeos de simples vocabulário e vídeos mais complexos¹ com ensino e traduções de textos didáticos. É importante ressaltar que nem todos os vídeos são sinalizados por surdos, pois a equipe é constituída de professores surdos, professores ouvintes² e intérpretes.

O primeiro critério para escolha dos vídeos foi que os sinalizantes deveriam ser surdos. Após análise inicial, os vídeos que se enquadravam nesse primeiro critério passaram a ser analisados quanto ao conteúdo e forma de apresentação. Esse critério foi relevante para identificar quais tinham maior número de vocábulos e apresentassem sinalização com menor possibilidade de equívocos.

1 O nosso entendimento de complexo é um vídeo de interpretação de textos que podem apresentar múltiplas interpretações de um sinal, não sendo, portanto, possível verificar se o significado naquele contexto é o principal do sinal.

2 Os professores ouvintes da instituição lecionam nos cursos de formação de intérpretes

Finalizada a análise pelo segundo critério, optamos por analisar os vídeos que apresentassem vocabulário. Identificamos onze vídeos com essa estrutura, três sendo sinalizados por surdos homens e oito por surdas mulheres. Os vídeos selecionados são compostos por sinais do cotidiano, tais como: sinais de estações do ano, comunicação básica, cumprimento, profissões, alimentos e outros. Estes foram os grupos semânticos escolhidos por serem de uso diário e, portanto, por possuírem mais materiais para serem comparados e podermos identificar a existência de sinais com hipótese de serem regionais. Para isso, faremos uso de algumas obras nacionais de registro da Libras.

A fim de realizar um estudo comparativo, utilizamos duas produções nacionais impressas e uma online de registro da Libras. São elas, o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em Suas Mãos, o Livro Ilustrado de Língua Brasileira de sinais: descrevendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez e o dicionário online de língua brasileira de sinais-acesso Brasil. Apesar da diversidade de glossários e dicionários de Libras existentes, optamos por escolher os dicionários acima citados devido à sua abrangência nacional. Esses dicionários constam na bibliografia da maior parte das pesquisas relacionadas ao léxico e estão presentes nas bibliografias básicas de cursos de Libras, em nível de aperfeiçoamento e graduação.

Para a análise comparativa consideramos sinais regionais aqueles que não estiverem registrados em nenhum dos dicionários acima citados ou possuam alguma variação que possa ser interpretada como um regionalismo.

Na análise, transcrição e organização dos sinais foi utilizado o software ELAN³, onde estes sinais foram transformados em trilhas²⁴ que permitiram identificar os componentes que constituíram os sinais analisados.

Esse software permitiu realizar uma organização sistemática e padronizada de áudios e vídeos, sendo assim foi possível organizar trilhas para análise do conteúdo específico desta pesquisa para Christmann et al. (2010, p.2), "o ELAN favorece a transcrição de vídeos, pois permite a visualização de uma timeline (semelhante aos programas de edição de vídeo) na qual se pode realizar anotações em linhas, denominadas trilhas."

As trilhas foram nomeadas conforme os paremas da língua de sinais, ou seja, cada trilha foi nomeada conforme as mínimas partes de constituição do sinal. Assim, descrevemos abaixo (figura 1) as partes componentes da análise. A partir desses componentes foram elaboradas no software as trilhas para nortear a análise e registro posterior dos sinais.

Parâmetro	Parema	Subdivisão interna dos paremas
Configuração de mão (CM)	Configuração de dedos (CD)	Configuração de dedo polegar (CDP)
		Configuração demais dedos (CDD)
	Orientação de palma	Não se aplica
Locação (Loc)	Ponto de articulação (PA)	Cabeça Tronco
	Ponto de contato (PC)	Membros
Movimento (Mv)	Movimentos faciais (MFac)	De braço De dedos
	Movimentos corporais (MCorp)	De punho Do antebraço

Figura n. 01. Descrição dos componentes pertencentes ao sinalema. Fonte: Imagem elaborada pela autora.

Optamos por registrar os sinalemas desta pesquisa com uma escrita própria da língua de sinais, pois entendemos que a escrita específica de uma língua permite registrar todos os aspectos pertinentes a essa língua. Assim, no próximo tópico abordaremos a forma de registro dos sinais por meio da descrição paremológica.

Dentre as escritas de línguas de sinais existentes, optamos por utilizar nesta pesquisa o sistema de escrita VisoGrafia por se tratar de um sistema mais simples, apresenta menor número de caracteres (37) e apresentar maior visualidade (BUENO,2020).

Benassi e Santos (2021) propõem uma sequência a ser seguida para a descrição do sinalema. Vejamos o passo a passo.

1. Primeiramente, decompô-lo numa tabela para que se obtenha as mínimas partes de cada parâmetro. Seria em tese o primeiro estágio para uma análise paremológica do sinalema em tela.
2. No segundo estágio da análise é realizada então a planificação dos dados paremológicos;
3. O último passo corresponde à descrição paremológica do sinalema propriamente dito: deve ser realizada em colchetes, conter todos os dados obtidos sem os travessões que separam cada parema da etapa anterior. (BENASSI e SANTOS, 2021, p.12)

Além de propiciar o registro da língua, a descrição paremológica por meio da escrita de sinais, nos permite observar as variações na produção de um determinado sinal entre os usuários da Libras, e permite também observar às variações de um sinal ao longo do tempo.

Nosso quadro de registro de sinais, figura 2, é composto inicialmente pelo nome do

sinal, seguido da escrita em visografia, o link de acesso ao vídeo do sinal. Posteriormente, apresentamos a imagem motivadora conforme presente nos vídeos analisados, e o link de acesso onde se encontra a imagem. O link de acesso para o vídeo do sinal foi incluído no quadro, pois nem todo leitor conhece a escrita VisoGrafia, assim, o leitor que não conhece a escrita de sinais tem acesso ao sinal que foi descrito.

Nome		Repolho			
Sinal		Representação			
Link do vídeo					
Link da imagem					
DESCRIÇÃO PAREMOLÓGICA					
Par.	Parema	Sinalema 1		Sinalema 2	
		ME	MD	ME	MD
CM	CDP				
	CDD				
	OP				
Loc	PA				
	PC				
Mv	Corporal				
	Facial				

Figura n. 02. -Quadro de registro e descrição de regionalismos. Fonte: Imagem elaborada pela autora.

Apresentado o percurso metodológico e descrito o processo de análise e registro dos sinais, analisamos e discutimos os resultados obtidos, na próxima seção.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do corpus de análise, dez vídeos, obtivemos os corpora de 409 sinais. Destes, 79 sinais foram identificados como hipóteses de regionalismos. Os sinais foram organizados em oito grupos léxico-semânticos que são apresentados na tabela abaixo.

Ao buscar o conceito de língua proposto por Saussure (2012), afirmamos que a língua de sinais se configura como uma língua e por isso é uma das manifestações da linguagem, que é pertencente à matéria pela ciência da linguística. Saussure afirma que

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 2012, p. 37).

A língua é então tomada como a principal das manifestações da linguagem, é “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Saussure (2012, p. 41), no curso de linguística geral, acrescenta à definição de língua como “um todo por si e um princípio de classificação”, o que confere a ela a primazia dentre os fatos de linguagem.

Como dito anteriormente, Saussure aponta a língua como um sistema, Todo o estudo de uma língua como sistema, ou seja, de uma morfologia, se resume, como se preferir, no estudo do emprego das formas, ou no da representação das ideias. O errado é pensar que há, em algum lugar, formas (que existem por si mesmas, fora de seu emprego) ou, em algum lugar, ideias (que existem por si mesmas, fora de sua representação). Admitir a forma fora de seu emprego é cair na figura vocal que pertence à fisiologia e à acústica. É, além disso, mais imediatamente, entrar em contradição consigo mesmo porque há muitas formas idênticas de som e que nem se sonha em abordar, o que é a melhor prova da perfeita inanidade do ser forma fora de seu emprego (SAUSSURE, 2012, p. 32-33).

Partindo então dessa ideia de língua como sistema, coadunamos com o que afirma Lopes (2008, p. 76) que tal conjunto de regras seriam de natureza morfológica, fonológica, sintática e semântica, e que esse conjunto determina o emprego da forma fundamental para produção de sentido. Essas normas são internas a língua. No entanto, existem características externas que influenciam a língua e podem exercer pressão sobre os usos linguísticos, ampliando ou reduzindo a frequência de ocorrência.

Para entendermos essas características externas, precisamos falar dos estudos dialetais. A abordagem da dialetologia ou Geolinguística tradicional preocupa-se com fatores sociais que sempre se destacaram nos estudos dialetológicos, como região geográfica. A dialetologia foca principalmente no estudo da fala das populações rurais que se apresenta isolada e baixo grau de instrução formal, ou seja, estuda a variação diatópica associada à população rural, idosa e analfabeta ou pouco escolarizada.

Segundo Cardoso (2010) em estudos dialetais é possível identificar variações em nível diastrático, diageracional, diatópica, diafásicas. Pietroforte (2002) explica essas variações da seguinte forma:

As diatópicas, que dizem respeito às variantes regionais do uso da língua; as diastráticas, que concernem às variantes de uso de diferentes grupos sociais de falantes; as diafásicas, que dizem respeito às variantes em situações de uso formal ou informal do discurso; e as diacrônicas, que concernem às diferenças linguísticas que, em um determinado grupo, aparecem em decorrência da faixa etária dos falantes. As variantes diatópicas são geográficas, as variantes diacrônicas são históricas e as variantes diastráticas e diafásicas, sociais (PIETROFORTE, 2002, p. 92).

As variantes são diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, chamado de variável dependente, concebida como tal no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural (as variáveis independentes).

A variação diatópica, que se refere a locais, é a variação que constitui o regionalismo. Segundo o Dicionário Contemporâneo do Português de Biderman (1992), regionalismo pode ser definido com “qualidade do que é característico de uma região”. A partir dessa definição os regionalismos caracterizam diferenças linguísticas de determinada localidade

em detrimento da região em que se situa.

No caso da pesquisa em questão, abordamos os sinais utilizados pela comunidade surda do estado de Mato Grosso, estudo esse feito através da análise de vídeos institucionais, dos quais pudemos selecionar os corpora de pesquisa. Strobel e Fernandes (1998) nos apresentam sobre variações linguísticas na Libras

maioria no mundo, há pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidos dentro das comunidades “surdas” (STROBEL, FERNANDES, 1998, p. 20).


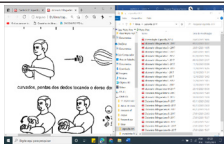
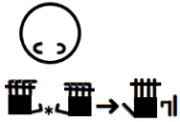
A Libras possui então dialetos regionais, o que destaca uma vez mais, o seu caráter de língua natural. Além disso, os regionalismos (assim como os neologismos) surgem da necessidade do grupo. Segundo Felipe (1990),

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas. As línguas de sinais não são universais, cada língua tem sua própria estrutura gramatical. Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “culturas surdas”, possuem suas próprias línguas (FELIPE, 1990, p. 81).

De um estado para o outro podem ocorrer mudanças a nível lexical devido a influências culturais que denotam em características peculiares a uma determinada região. Um exemplo muito comum é de aipim, mandioca, macaxeira, palavras usadas na língua portuguesa do Brasil e que exprimem a mesma ideia, sendo esse um exemplo de variação no léxico.

O exemplo dado anteriormente de palavras que mudam de acordo com o lugar em que é falado configura-se como uma variação lexical, mas também diatópica.



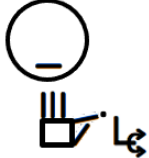


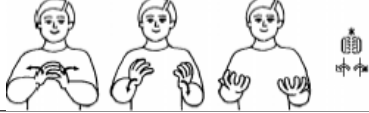
É essa variação lexical, principalmente, que descrevemos nesta pesquisa. Percebemos que os nomes dos sinais aparecem nos dicionários, no entanto, o sinal utilizado na região não está ali representado. No quadro abaixo, vemos a variação registrada no dicionário nacional e a variação utilizada no Mato Grosso.

Objeto	Ilustração com SignWriting	Variação de Mato Grosso em Escrita de VisoGrafia
		
Link de acesso para a variação de Mato Grosso: https://youtu.be/h9W7g0k6kyo		

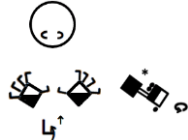




Quadro n. 01. Comparativo entre o sinal de abobrinha registrado em dicionário e a variante de mato grosso. Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, expomos os sinais tidos como regionais e os comparamos com os registros encontrados, bem como a ausência de registros também, pois trinta e nove dos oitenta e um sinais tidos como regionais não possuem nenhum registro dicionarizado.



O sinal de alface apresenta quatro variações na forma de sinalizar, no entanto a variação de Mato grosso não mostra nenhuma relação com os registros existentes conforme se observa no quadro 2.

Objeto	Ilustração com SignWriting	Variação de Mato Grosso em Escrita de VisoGrafia
 alface		
		
		
		
Link de acesso para a variação de Mato Grosso: https://youtu.be/V0qwpYcFX9M		

Quadro n. 02 - Comparativo entre o sinal de alface registrado em dicionário e a variante de mato grosso. Fonte: Elaborado pela Autora.

Objeto	Ilustração com SignWriting	Variação de Mato Grosso em Escrita de VisoGrafia
 Brócolis		
Link de acesso para a variação de Mato Grosso: https://youtu.be/_HoKTI7g6xk		
 Couve- manteiga		
		
Link de acesso para a variação de Mato Grosso: https://youtu.be/6VrKEkZXL8s		

Quadro n.3 - Comparativo entre o sinal de brócolis e couve manteiga registrado em dicionário e a variante de mato grosso. Fonte: Elaborado pela autora.

A variação regional do sinal de brócolis é composta de dois morfemas. O primeiro demonstra a "forma" do alimento  e o segundo morfema é referente a coloração "verde" .

A variante mato-grossense é caracterizada pela realização de um classificador descritivo⁴. O sinal é caracterizado pela apresentação da forma do alimento. As variações registradas nos dicionários têm em comum em sua criação a forma de cortar o alimento. Na primeira variação é acrescida a informação da cor do alimento, e na segunda é apresentada a forma da folha.


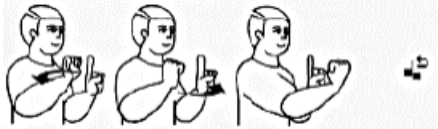


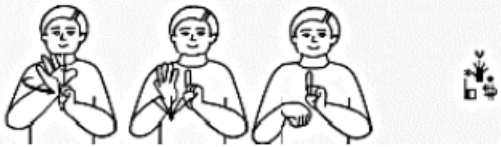



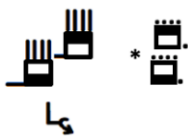
Objeto	Ilustração com SignWriting	Variação de Mato Grosso em Escrita de VisoGrafia
		
Link de acesso para a variação de Mato Grosso: https://youtu.be/Ci9tYcqutW8		

Quadro n. 4. Comparativo entre o sinal de data show registrado em dicionário e a variante de mato grosso. Fonte: Elaborado pela autora

O sinalema do quadro 4 nos chama a atenção pois foi caracterizado como regionalismo pelo prisma da variação paremológica.

Vejam que o que difere o sinal data show registrado nos dicionários e a variante regional mato-grossense, é a alteração no parâmetro da configuração de mão esquerda. Na variante dicionarizada a mão possui o parema orientação de palma voltado para o meio e os paremas configuração de dedo polegar e de demais dedos curvos na segunda articulação.

Já a variante regional apresenta configuração de mão com o parema orientação de palma direcionado para cima. Nessa variante o parema configuração de dedos não se mostra relevante pois a mão esquerda vem como um "apoio" para a realização do sinal.

Objeto	Ilustração com SignWriting	Variação de Mato Grosso em Escrita de VisoGrafia
 Sociologia (variação 1)		
Link de acesso para a variação de Mato Grosso: https://youtu.be/ZjkUHEeo5OI		
 Sociologia (variação 2)		
Link de acesso para a variação de Mato Grosso: https://youtu.be/ZjkUHEeo5OI		
		
Link de acesso para a variação de Mato Grosso: https://youtu.be/sH-SBpWhzKw		

Quadro n. 05. - Comparativo entre o sinal de sociologia e artes registrado em dicionário e a variante de mato grosso. Fonte: Elaborado pela autora.

O sinalema sociologia variação 1, apresenta variação semântica. O verbete "sociolo-

gia” não aparece registrado nos dicionários, no entanto, o sinal utilizado para este verbete é o mesmo registrado para o termo sociedade.

Em relação a variação 2 de sociologia temos uma variação paremológica com outro sinal registrado como sociedade. Na variante regional a mão que apresenta movimento não possui alteração no parâmetro configuração de mão. Já o sinal registrado no dicionário vai apresentar sinal com variação no sinalema. Inicialmente vai apresentar orientação de palma para frente com configuração de dedos estendidos, ao finalizar o sinal a configuração de mão se apresenta para cima e os dedos se fecham. No quadro a seguir podemos ver a variação paremológica descrita sobre esse sinal.

Sociologia		Variação 1		Variação 2	
Sinal em visografia					
Par.	Parema	SINALEMA		SINALEMA	
		ME	MD	ME	MD
CM	CDP	●	●	●	●
	CDD	●	●	●	●
	OP	■	▣	▣	▣
Loc	PA	∞	∞	∞	∞
	PC	-	-	-	-
Mv	Corporal	↑	-	↖ ↑	-
	Facial	↖	-	-	-

Quadro 1 Comparação paremológica das variações do sinal de sociologia. Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os sinais descritos foram considerados, após análise comparativa com os dicionários, como regionais. Para determinarmos esse fato, partimos de dois questionamentos propostos por Biderman (2001, p.135): “i) qual o ponto de referência para definir um termo como regional? ii) “se o vocábulo é regional relativamente a um dialeto padrão, qual é esse dialeto padrão, de qual região?”

Para identificar a forma padrão baseamo-nos em três dicionários⁵, amplamente utilizados na área de Libras. É importante apontarmos que optamos por não utilizarmos glosários e sinalário⁶ pois, como apontado no capítulo 1, o foco destes documentos é apenas o registro de um sinal voltado para uma área técnica específica e não em registrar os regionalismos, e nem nos aponta se os sinais ali presentes são regionalismos, neologismos ou ainda variações.

Estudar os regionalismos é importante, pois nos permite compreender o processo de alteração de uma língua, bem como entender como determinado grupo se estrutura linguisticamente. Essa organização pode ter diversos fatores como aponta Isquerdo (2006, p.18) afirmando

que os regionalismos podem ter origem explicada por diversos fatores, uma vez que a norma lexical da variante brasileira do português foi se desenhando de forma distinta nas diversas regiões brasileiras, motivada por condicionantes extralinguísticos, como os fatores físico-geográficos que os individualizam, os contatos étnicos que ali se processaram, as atividades econômicas predominantes, enfim, pela história social das várias áreas culturais que foram se formando, nos mais diferentes rincões do Brasil, ao longo da sua história (ISQUERDO, 2006, p.18).

Apropriando-nos da citação de Isquierdo, entendemos que esses mesmos fatores se aplicam a Libras, assim precisamos nos apoderar do conhecimento desses fatores para compreendermos a língua de sinais e fortalecê-la.

Além disso, o registro de uma língua nos permite compreender melhor seu funcionamento, e como a língua se comporta. Como afirma Pires de Oliveira (1998, p. 111) “é no âmbito do léxico que verificamos com maior nitidez à deriva da língua, ou seja, as tendências já contidas no sistema, bem como as mudanças referentes a seu caráter dinâmico, mudanças essas que passam, num primeiro momento, pela esfera lexical”.

Para finalizarmos, percebemos que registrar os regionalismos vai muito além de apenas entender a língua de um grupo, ela nos permite apreender sobre uma cultura e nos possibilita aprender mais sobre uma língua, dando embasamento para entender a língua e permitir estudos futuros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar sinais utilizados na Libras pela comunidade surda de Mato Grosso, e identificar se podem ser considerados como regionais. Essa temática não foi escolhida por acaso. O nosso estudo aponta para uma necessidade de conhecer a Libras além do seu aspecto histórico, voltando nosso olhar para as questões linguísticas específicas de uma comunidade e indo além, apresentamos uma metodologia que permite a realização de registros da língua. Os resultados deste estudo contribuem para fomentar a organização do léxico regional bem como para descrever e registrar regionalismos presentes na Libras.

A partir deste estudo, surgem novas possibilidades de analisar e categorizar os novos itens lexicais sinalizados, contribuindo acadêmica e socialmente para a Libras, principalmente no que tange à possibilidade de registro de sinais da língua da comunidade surda mato-grossense, reconhecendo, assim, o seu valor social, educacional, cultural e, principalmente, linguístico. Ressaltamos a importância da continuidade e produção de estudos para melhor compreensão dos regionalismos na Libras.

Referências

BENASSI, C. A. Decomposição morfofoparematológica: o princípio da dupla articulação e sua aplicação na língua



- de sinais. In: VisoGrafia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais. 2019. Tese (doutorado em linguística). p.128- 168.
- BENASSI, C. A.; SANTOS, R. T. Descrição Paremológica Da Libras: Um Registro Da Segunda Articulação Da Língua De Sinais. RevDia, Fluxo contínuo. v. 9, n. 2. mai./ago. 2021.
- BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2001, p.131-144.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: http://arquivos.cruzeirosdoeducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf.
- BUENO, Á. de S. Aprendizagem de escrita de sinais: aquisição da escrita e da leitura de língua de sinais por meio da VisoGrafia. Dissertação. Mestrado em Estudos de Linguagem. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Instituto de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2020.
- CARDOSO, Suzana Alice. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- CRYSTAL, D. Revolução Da Linguagem. Rio De Janeiro: Zahar, 2005.
- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- FELIPE, T. A. A função do intérprete na escola e na escolarização do surdo. In: Congresso Surdez e Escolaridade: Desafios e Reflexões – Seminário Nacional do Ines, 8; Congresso Internacional do Ines, 2, 2003, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Ines. p.87-98. 2003.
- FREITAS, M. T. de A. Vygotsky e Bakhtin: Psicologia e Educação um Intertexto. Editora Atica, 2003.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, 1995.
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf> acesso em: 17 de abril de 2020.
- ISQUERDO, A. N. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no Português do Brasil. Alfa: Revista de Linguística/ UNESP v. 50, nº. 2. São Paulo: UNESP, 2006. p. 9-24.
- LOPES, E.. Fundamentos da linguística contemporânea. Prefácio de Eduardo Peñuela Cañizal. – 20. ed. – São Paulo: Cultrix, 2008.
- MARTINS, T. A; BIDARRA, J. A ambiguidade lexical em Libras: as dificuldades dos candidatos face ao proli-bras. Trama, Cascavel, v. 7, n. 14, p. 135-146, 2º semestre 2011.
- MONTEIRO, J. L. Morfologia Portuguesa. 4 ed revista e ampliada. Campinas: Pontes, 2002.
- ORTEGA, S. V. Fundamentos de morfologia. Madrid: Editora Sintesis. 1990.
- PIETROFORTE, A.V. A língua como objeto da linguística. FIORIN, J. L. (Org.) In: Introdução à Linguística: Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.
- ROSA, M. C. Introdução a Morfologia. 7ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- SAUSURRE, F. de. Curso de linguística geral. Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. – 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.
- SCHLEICHER, A. La théorie de Darwin et la science du Langage/ De l'importance du langage pour l'histoire Naturelle de l'homme. Trad. M. de Pommayrol. In : Recueil de travaux originaux ou traduits relatifs a la philologie & a l'histoire littéraire avec un avant-propos de M. Michel Bréal. Paris : A. Franck, 1868 (1 ed. 1863/1864).
- SILVA, T. C. Fonética E Fonologia Do Português: Roteiro De Estudos E Guia De Exercícios. 7. Ed. - São Paulo:

Contexto, 2003.

STROBEL, K. L; FERNANDES, S. Aspectos lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TARALLO, F. A pesquisa sociolingüística. São Paulo: Ática, 1986.





CAPÍTULO 5

LEITURA E IDENTIDADE FUNDAMENTADA NOS CONCEITOS TRIÁDICOS DE CONVERGÊNCIA, INSURGÊNCIA E DIVERGÊNCIA

READING AND IDENTITY, BASED ON THE TRIADIC CONCEPTS OF
CONVERGENCE, INSURGENCY AND DIVERGENCE

Quézia Mary da Silva Reis
Claudio Alves Benassi

Resumo

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre “Leitura e identidade, tendo como fundamentos, os conceitos triádicos de convergência, insurgência e divergência”. Nele, pretende-se discutir a formação do sujeito pós-moderno, sua influência pelas transformações do mundo e sua materialização mediante à prática de leitura literária, acreditando que os elementos triádicos estão diretamente ligados à formação do ser, e que as forças que deles provêm estão imediatamente relacionadas à construção única e responsável do ser. O capítulo aqui apresentado é uma síntese do meu projeto de pesquisa¹, ainda em construção. Assim sendo, em um primeiro momento, abordamos as identidades do sujeito pós-moderno e as influências que recebem no convívio social; a seguir, discutimos as práticas de leituras literárias em sala de aula como construção de identidades; e ao final, ancorados aos conceitos de Bakhtin e Guattari, apresentamos o conceito de convergência, como sendo as forças atuantes na formatação do ser, de insurgência, que são as reações às forças convergentes e de divergência como sendo as forças provocativas contra as identidades ora reconhecidas, podendo assim renascer como um novo ser.

Palavras-chave: Identidade. Sujeito Pós-Moderno. Leitura. Convergência. Insurgência. Divergência

Abstract

This chapter reflects about “Reading and identity, based on the triadic concepts of convergence, insurgency and divergence”. It’s discusses the formation of the post-modern subject, its influence by the transformations of the world and its materialization through the practice of literary reading, from the triadic elements, which are directly linked to the formation of being and its force that emanates in a unique and responsible construction of being. In this way, a synthesis of the research project (still under construction) is presented. Thus, it is exposed about the identities of the postmodern subject and how it is influenced social life. Then, it is discussed about the practices of literary readings in the classroom as the construction of identity. Finally, according to Bakhtin and Guattari notions, the concept of convergence and its acting forces in the formation of being and insurgency are presented, which are the reactions to convergent and divergent forces. The latter is provocative forces of recognized identities to be reborn as a new being.

Keywords: Identity. Post-modern Subject. Reading. Convergence. Insurgency. Divergence.

¹ Este capítulo é uma síntese do meu Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL da Universidade Federal de Mato Grosso.

1. INTRODUÇÃO

A leitura é evidenciada pelo processo de interação, onde temos a oportunidade de compartilharmos ideias, sentimentos, conhecimentos e emoções, podendo a partir disso, influenciar no comportamento do outro, ou seja, na formatação identitária que, por sua vez, reagirão a partir das crenças, valores, histórias e culturas.

Antônio Cândido (1988) destaca que, esses elementos podem ser considerados bens incompreensíveis, pois não são apenas os bens que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, como a alimentação, a moradia, o vestiário, mas são também os bens que garantem a integridade espiritual.

O sociólogo ainda afirma que, entende-se por humanização, exatamente o processo que confirma os traços reputados e essenciais no homem, como sendo o exercício da reflexão, a aquisição notória do saber, a disposição com o outro, o sentir das emoções, a inserção nos problemas que a vida apresenta, o senso da beleza, o compreender da complexidade do mundo, assim como dos seres que nele habita, e o cultivo do amor.

A literatura não só desenvolve em nós a quota de humanização, mas também formata o ser em suas múltiplas identidades. A prática de leitura, é uma das formas que o homem tem para viajar em sua subjetividade, promovendo uma insurgência social como fuga da unicidade.

Com isso, a prática da leitura e as identidades do sujeito, são analisados sob a perspectiva da trilogia: convergência, insurgência e divergência. A tríade foi instituída a partir de um profundo estudo iniciado por Benassi em "Alteridade e micropolítica: ensaiando novos conceitos na alfabetização do sujeito visual" (BENASSI, et al, 2015) publicado no livro eletrônico "Amorização: porque falar de amor é um ato revolucionário" e o capítulo de livro "Entre dois mundos: a busca pela (des)identidade por meio do social e da linguagem" (BENASSI, 2016).

Ao falarmos em convergência, entendemos que é o conjunto de forças que atuam de forma contínua no indivíduo, formatando-o nas esferas do seu ser. Enquanto que a insurgência trata de uma força potencializada e que se manifesta como um esvaziar ou até mesmo como uma forma de não se contentar com a padronização imposta no meio social. Para tanto, a força da insurgência atua sobre a convergência, e esta provoca desconstruções, que ocorrerão por meio de múltiplas visões, forçando o ser a uma singularização.

Essa singularização permite que o ser seja recomposto por forças que o tornam divergente dos meios de ser/existir padronizados, ou seja, essas forças fazem com que o ser que se rebelou contra as identidades reconhecidas, ressurgja como um novo ser.

Pensando nisso, a nossa proposta tem a finalidade de desenvolver estratégias conscientes de leitura para a formação do leitor literário, bem como a construção de identidades emancipadas, fazendo com que o mesmo não reproduza os meios convergentes de leitura, se utilizando da insurgência como um meio de fuga dos modelos aplicados pelos modos padrões de leitura, correntes na cultura formativa acadêmica.

Assim, o capítulo ora proposto, acontece da seguinte forma: 1) compreenderemos os conceitos de identidade, nos diversos modelos sociais; 2) buscaremos compreender os conceitos de leitura literária como construção de identidades, e sua aplicabilidade dentro da sala de aula, buscando desenvolver atividades de leitura que emancipe o leitor e subverta os padrões de leitura que conduzam o leitor a uma compreensão rasa do texto literário, o que para nós seria um modo de leitura convergente; 3) apresentaremos os conceitos da tríade e concomitante a isso, analisaremos os aspectos de identidade e de leitura, e sua funcionalidade que na aplicados no processo de leitura literária, provocariam a transformação do ser/existir.

2. IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS-MODERNO

Trabalhar o conceito de identidade de uma forma dinâmica, é relativamente compreender o sujeito e sua inserção no mundo e a relação com o outro. Luckmann e Berger (1966/2002, p. 177) destacam que: "... ela é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada juntamente com este mundo." Enquanto Ciampa (1987, p. 59) faz uma reflexão sobre o papel do sujeito com o outro, "... a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele."

Para pensarmos nessa integração, faz-se necessário pensar na concepção dialética de indivíduo e sociedade, partindo do propósito de que um se identifica e se transforma a partir do outro, assimilando a realidade e reproduzindo ativamente sua vivência experiencial social.

Castells (2008) compreende identidade como "fonte de significado e experiência de um povo", demonstrando que não nascemos com uma identidade, mas ela se constrói socialmente.

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso aconteça. A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (CASTELLS, 2008, p.23)

O sujeito, como integrante da sociedade, exterioriza seu modo de ser no mundo, simultaneamente que o interioriza, por intermédios da socialização primária e secundária (BERGER; LUCKMANN, 1966/2002).

A identidade advém de um processo contínuo de construção, sendo com isso, sempre incompleta. Baumam (2005, p. 7) afirma que a modernidade tem gerado um mundo fluído, onde se vê a identidade se desfazendo com facilidade acompanhando o que se propõe o ritmo da modernidade líquida:

A facilidade de se desfazer de uma identidade no momento em que ela deixa de ser satisfatória, ou deixa de ser atraente pela competição com outras

identidades mais sedutoras, é muito mais importante do que o realismo da identidade buscada ou momentaneamente apropriada.

Castells (2008) enfatiza a necessidade de que se estabeleça uma diferença entre identidade e papéis. Haja vista que a identidade é construída de dentro para fora, ao utilizando do reconhecimento na igualdade. É sabido que as antigas identidades, estão em declínio, fazendo com isso, surgir novas identidades fragmentando o indivíduo contemporâneo, que antes, era visto como sujeito unificado.

A crise de identidade é vista como uma das partes do processo de mudança, onde há a fragmentação e deslocação das identidades modernas. A mudança desestabiliza o que era sólido aos indivíduos, como raça, classe, etnia, sexualidade, nacionalidade e outros. Hall chama essa "perda de si" de deslocamento ou descentração do sujeito, constituindo assim uma "crise de identidade". Faz-nos crer com isso, que a própria modernidade passa por transformação. Para o autor, a afirmativa de que se o mundo é pós-moderno, nós o somos também.

Hall menciona ainda sobre o sujeito do Iluminismo: o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. No Iluminismo o sujeito era totalmente unificado, onde sua identidade era inalterada. Este, era dotado de razão, ação, consciência e que mantinha a sua essência ao longo de sua existência.

Já o sujeito sociológico tem a sua identidade formada a partir da convivência e interação do indivíduo com a sociedade. Este sujeito tem seu núcleo interior, mas agora, através do diálogo com outras identidades apresentadas pela cultura, este sofre alterações.

Assim sendo, produz-se um sujeito pós-moderno, cuja identidade não é mais fixa, e sim móvel, pois diariamente sofre transformações pelo convívio com o outro e com os trânsitos culturais, assumindo assim múltiplas identidades, em diversos momentos, mostrando que a construção da identidade tem uma definição construída historicamente.

3. LEITURA COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

A estimulação do hábito de leitura deve se dar ainda na infância, para que ainda pequeno o indivíduo perceba a importância dessa prática e o quanto é prazeroso. A leitura quando realizada com prazer pode desenvolver a imaginação, a linguagem e uma escuta mais atenta.

Freire (1990) nos adverte que a leitura é vista como um processo de compreensão de algo que está evidentemente ao alcance das nossas emoções e sentidos. Logo, a leitura de mundo que hoje podemos fazer, advém de nossa infância e que precede a nossa leitura de palavra.

Ao fazer um discurso, este deve estar alinhado e coerente à nossa prática, caso isto não ocorra, este torna-se simplesmente palavreados. Os discursos que fazemos advém do amplo conhecimento que adquirimos na nossa vivência, inclusive das leituras de mundo, bem como de palavras. Estes discursos formará o conhecimento, podendo ser usado tanto

para a nossa própria construção intelectual, bem como social.

Ao vermos a leitura como fonte de transformação, faz-se necessário que busquemos estratégias para incluí-la nas práticas diárias desde a infância, para que haja formação do pensamento crítico do leitor e sua construção identitária.

Sabe-se que a leitura literária tem sua importância em todo e qualquer ambiente em que se vive, haja vista que com ela, busca-se novos saberes, como afirma Aguiar (2001, p. 242) “[...] traz para o universo do leitor possibilidades novas de sentido, que colocam em questão suas verdades desestabilizando-o e levando-o a reestruturar-se”. O autor confirma dizendo que “[...] ler é ampliar horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar o seu leitor” (AGUIAR, 2001, p. 242).

A leitura literária é imprescindível para a construção e formação do leitor crítico. É impossível conceituar a literatura ou tentar defini-la de forma particular ou sistematizada. Barthes vai falar que (2004, p. 8) “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor, que ela sabe algo das coisas”. Ou seja, o autor enfatiza que (2004), a literatura põe frente a frente, o real da fantasia, a objetividade e subjetividade, o verdadeiro e o belo.

Assim sendo, é possível observarmos que a literatura não se restringe unicamente ao papel de decodificar palavras, mas ela tem suma importância na formação do ser humano. Coelho destaca que “[...] a leitura é mais que um simples divertimento, é um fecundo instrumento de formação humana, ética, estética e política”. (2001, p. 235)

Logo, para o homem moderno a leitura é uma prática social indispensável e deve ser um processo contínuo. Aguiar destaca que (2001, p. 249) “[...] a obra literária é simbólica, ela permite leitura plurais, dando-se a interpretação sempre de modo novo”. Aguiar ainda afirma que o leitor literário “[...] não continuará igual depois da leitura, uma vez que seus horizontes estarão modificados pela interação com o texto”. (AGUIAR, 2003, p. 249).

A prática de leitura em sala de aula contribuirá para que através da literatura a construção da personalidade do leitor e a criação de suas próprias concepções acerca da sua realidade seja formada, e com isso a emancipação de uma consciência autônoma acerca do seu papel social como cidadão crítico.

Como destaca Filho (FILHO, 2009, p. 44), “Quando se fala de literatura, os termos leitor e leitura aparecem relacionados de maneira bastante estreita. Deve-se entender a leitura num sentido amplo, como a instância de recepção de diversos tipos de texto”.

Torna-se impossível falar em literatura e não falarmos sobre leitura, haja vista, ambas estarem correlacionadas a todo momento. Quando a leitura não é passiva, ao ler, o leitor relaciona suas experiências e vivências dialogando a todo tempo com o texto que se lê.

Dessa maneira, é notável que a literatura trabalha a formação e a construção do ser, em suas diversas concepções, auxiliando para uma maior experimentação do mundo. As muitas histórias contemporâneas, apresentam dúvidas e questionamentos em relação ao mundo, trazendo com isso uma reflexão sobre a nossa vivência e sobre a sociedade de maneira geral.



4. LEITURA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE PELO VIÉS TRIÁDICO – CONVERGÊNCIA, INSURGÊNCIA E DIVERGÊNCIA

Ao compreendermos que a prática de leitura, e as transformações que ela produz, estão peculiarmente ligados à construção identitária do ser nas esferas sócio-histórico-cultural, e que através da vivência fora construída, exteriorizada e representada pelas muitas ações refletidas dos grupos a que fora inserido.

Para Antenor Filho (2002, p.13), o texto literário pressupõe uma postura aberta ao diálogo e à construção do ser:

[...] a literatura não se situa no território de sombras de uma tradição de cultura falida – algo feito para fruição e enfeite: ela é conhecimento produzido historicamente, além de ocupar, na prática cultural, um lugar de privilégio como exercício de liberdade, de inquietação e de perplexidade.

Compreendemos que as obras literárias e a prática de leitura trazem consigo subjetividades de múltiplas áreas, tais como a social, cultural e econômica. Ao aplicarmos o conceito de convergência, compreendendo que este está ligado às forças sociais que moldam a vida do ser humano, modelando-a de acordo com os padrões já pré-estabelecidos socialmente, observa-se então, que o texto literário resiste ao tempo e está sempre convidando o leitor para revitalizá-lo e agir sobre ele (BAKHTIN, 1993).

Assim sendo, Bakhtin propõe que o discurso não finda nele mesmo; não é individual, ou seja, tem sua gênese sempre numa atitude responsiva a outros textos (BAKHTIN, 1996). Assim também é vista a identidade do sujeito, submetendo-se ao convívio e ao agir do outro.

Guattari fala dos modelos impostos na construção do ser social, mediante a criação de sujeitos subjetivamente padronizados. Em contraponto, a micropolítica influi de forma direta no sujeito, mediante as suas ações, e superando as posturas padronizadas, tornando-a singular. Com isto, Guattari mostra que ela é:

o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como um território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, F. 1992, p. 19).

Nesse caso, podemos observar que a convergência nos direciona a Guattari, e também à Bakhtin, quando este, conceituando a ação do refletir, visualiza as ações identitárias do ser com práticas impostas anteriormente no meio social.

Ao mencionarmos Bakhtin, podemos relacionar a ele também, o conceito de refratar, ligada à divergência. A reflexão é o que se recebe do meio em que se está inserido, mas desta oportunidade, reflete-se para a sociedade com as mutações ideológicas impostas ao ser, através das nossas valorações e motivos pertinentes.

A refração bakhtiniana e a micropolítica guattariana são recursos que possibilitam ao sujeito insurgir contra a imposição das identidades socialmente reconhecidas e aceitas.

É por meio da insurgência que a voz sufocada do ser e a identidade fixa deste, possa ser ecoada e o desejo de unicidade (singularidade) possa ser por ela explicitado.

Vale a pena frisar, que há uma grande diferença na concepção de poder visto por Bakhtin e Guattari. Em Guattari o poder é visto como algo obscuro, que envolve o ser de forma silenciosa e dissimuladamente em suas tramas e práticas sociais; já em Bakhtin vê-se o poder instalado em uma superestrutura e que emana de cima para baixo, e que está diretamente ligada a uma infraestrutura, que se retroalimentam.

Embora os teóricos divirjam em relação as concepções de poder, alguns conceitos deles, especialmente os que elencamos aqui, possuem uma certa convergência em nossa interpretação.

Assim sendo, a proposta desta pesquisa, visa analisar a prática de leitura como construção da identidade do leitor, proposta pelo olhar da trilogia e pelas lentes disponibilizadas por Bakhtin e Guattari, promovendo uma tomada de consciência por parte dos leitores, e fazendo com que se enxerguem como agentes transformadores da sociedade.

O ato de ler, a partir das concepções do leitor e do horizonte social, baseia-se em ter uma atitude responsiva ativa. Logo, entre os diferentes tipos de consciência linguística, a consciência textual tem se tornado também um profícuo campo de estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste capítulo, buscamos compreender que a ação da prática de leitura não pode ser somente vista como um passatempo ou entretenimento, ou por assim dizer, meramente uma atividade convergente, e que não oferece aplicabilidade e reflexão da realidade vivida pelo sujeito. Mas deve ser vista como uma eficaz ferramenta de compreender o mundo, contextualizando com as experiências vividas e o essencial que é a construção identitária do sujeito.

Indursky e Zinn afirmam que:

Assim a produção de leitura consiste no processo de interpretação desenvolvido por um sujeito-leitor que, defrontando-se com um texto, analisa, questiona com o objetivo de processar seu significado projetando sobre ele sua visão de mundo para estabelecer uma interação crítica com o texto. (INDURSKY, ZINN, 1985, p.56)

Desse modo, ao propormos este capítulo, buscamos analisar a prática de leitura norteada pelo olhar da tríade e especificamente pelas lentes disponibilizadas por Bakhtin e Guattari, promovendo uma tomada de consciência por parte dos leitores, propondo que se enxerguem como agentes transformadores da sociedade.

A prática de leitura, partindo das concepções do leitor, que é o fato de decodificar palavras e compreender textos, assim como uma visão ampla do horizonte social baseiam-se peculiarmente em ter uma responsiva ativa.



A consciência linguística e suas variadas formas, tem a consciência textual como um vasto campo de estudo. Para Soares (2016),

(...) enquanto a posse e o uso plenos da leitura e da escrita sejam privilégio de determinadas classes e categorias sociais como têm sido, elas assumem papel de arma para o exercício do poder, para a legitimação da dominação econômica, social, cultural, instrumentos de discriminação e de exclusão. (SOARES, 2016, p. 58).

A atuação do professor deve e pode ser significativa sobre a prática do ensino/aprendizagem da leitura como divergência, fazendo com que esta leitura saia dos padrões já apregoado e adentre um novo cenário.

As práticas convencionais de leituras adquiridas no processo de formação do professor, ainda são convergentes, ou seja, reproduzem modelos que ineficazmente tem parametrizado os alunos, propondo pouca reflexão e aplicação das leituras em suas vidas, não permitindo um posicionamento ativo na sociedade.

Contudo, este capítulo busca visualizar uma possibilidade de escape que possa divergir tais práticas. Assim, um professor com atitudes divergentes implementará na prática de leitura em sala de aula, maneiras que farão com que o aluno-leitor consiga encontrar caminhos que levem às praticas insurgentes. Os alunos insurgentes não se contentarão apenas na absorção dos modos padrões de ser/existir, mas atuarão sobre eles refletindo e posicionando conscientemente, mudando seus platôs de ser/existir.

Concluimos assim que, este estudo viabiliza uma reflexão sobre a habilidade de leitura, como fundamental para o desenvolvimento identitário do sujeito, promovendo a insurgência social, subvertendo as subjetividades capitalísticas do nosso tempo.

Referências

- AGUIAR, Vera Lucia. (Orgs) **Escolarização da leitura literária**; O jogo do livro infantil e juvenil. 2 ° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 268.
- BAKHTIN, M. (1979) **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 3. ed. Brasília: Hucitec, 1996
- BAUMAN, Z. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. _____. **O mal-estar da pósmodernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P.106-120.
- BARTHES, R, **Aula**. Trad. MOISES, P. L. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 89.
- BENASSI, C.A.; PADILHA, S. de J. **Estética do ser**: convergências que provocam insurgências que consti-tuem divergências - Pedro & João Editores, 2016.
- BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S.; SOUZA, S. A.; PADILHA, S. de J. Alteridade e micropolítica: ensaiando novos conceitos na alfabetização do sujeito visual. In.: **Amorização**: porque falar de amor é um ato revolucionário. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.
- BENASSI, C. B. Entre dois mundos: a busca pela (des)identidade por meio do social e da linguagem. In.: SILVA, S. S. O. da (org). **Políticas educacionais e formação de professores**. Curitiba: Appris, 2016.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. [1966]. **A construção social da realidade** (21. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CANDIDO, Antônio. (1988) **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CIAMPA, A. da C. (1997). Identidade humana como metamorfose: A questão da família e do trabalho e a crise de sentido do mundo moderno. **Interações**, 3(6), 87-101.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que completam. 31. ed. São Paulo: Cortez, 1990. 87 p (Coleção Questões da nossa época; v.13).

FILHO, J.N.G, **Literatura Infantil**: Múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GONÇALVES FILHO, A. A. **Educação e Literatura**. Porto Alegre: Zouk, 2002.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996. [O inconsciente maquínico, pp. 268-269, até transmutações. Em PDF].

GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1977.

_____. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1989.

_____. **Cartografias esquizoanalíticas**. Buenos Aires: Manantial, 1989.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2002.

CAPÍTULO 6

BILINGUISMO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFLEXÕES ACERCA DOS SENTIDOS DA LÍNGUA MATERNA INDÍGENA PARA A COMUNIDADE TERENA DO NORTE DE MATO GROSSO

THE BILINGUALISM OF MEMORY AND IDENTITY: REFLECTIONS ON
THE MEANINGS OF THE INDIGENOUS MOTHER TONGUE FOR THE
TERENA COMMUNITY OF NORTHERN MATO GROSSO STATE

Jislaine da Luz

Resumo

Neste capítulo apresentamos um estudo acerca das marcas do bilinguismo de memória (DUNCK CINTRA, 2007, 2015) em uma comunidade Terena do norte de Mato Grosso, nomeada como Aldeia Kopenoty. Através de revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e observação participante, objetivamos, em princípio, destacar a realidade sociolinguística da língua indígena Terena presente na região, tendo em vista o princípio da etnossensibilidade em todo percurso de pesquisa. Doravante, avançando para o campo discursivo dos registros, os conceitos de língua materna, cultura e sociedade ganharam novos sentidos, assim como também sobreveio a ressignificação acerca da formação das identidades e memórias interligadas nessa comunidade. Para tanto, trazemos à baila alguns debates teóricos embasados em Bakhtin (2005), Bubnova, Baronas e Tonelli (2011), Hall (2015), Rodrigues (2005), Dunck-Cintra, (2007, 2015) e Brandão (1986), com ponderações no que concerne à percepção oriunda das vivências dialógicas do sujeito e sua comunidade, os quais substanciam em si a construção de suas identidades linguísticas envolvidas pelas trajetórias históricas e culturais, individuais e coletivas. Os resultados evidenciaram que a língua materna indígena Terena, na Aldeia Kopenoty, irrompe no fluxo das interações sociais diversas, as quais estão localizadas e interligadas contextualmente na vida, na cultura e nos saberes historicamente construídos, ascendendo em uma formação identitária em constante transformação e contrária à noção de sujeito indígena unificado, mesmo dentro de uma mesma etnia.

Palavras-chave: Bilinguismo de memória; identidades; língua Terena.

Abstract

In this chapter we present a study about the marks of memory bilingualism (DUNCK-CINTRA, 2006) in a Terena community in northern Mato Grosso, named Kopenoty Village. Through literature review, semi-structured interviews and participant observation, we aimed, in principle, to highlight the sociolinguistic reality of the indigenous Terena language presente in the region, taking into account the principle of ethnosensitivity throughout the research. Henceforth, moving into the discursive field of the records, the concepts of mother tongue, culture, and society have been reinforced, as has the resignification of the formation of identities and intertwined memories in this community. To this end, we bring up some theoretical debates based on Bakhtin (2005), Bubnova, Baronas e Tonelli (2011), Hall (2015), Rodrigues (2005), Dunck-Cintra, (2007, 2015), and Brandão (1986), with considerations concerning the perception arising from the dialogical experiences of the subject and his community, which substantiate the construction of their linguistic identities involved by individual and collective historical and cultural trajectories. The results showed that the Terena indigenous mother tongue, in the Kopenoty Village, erupts in the flow of diverse social interactions, which are contextually located and interconnected in life, culture, and knowledge historically built, rising in an identity formation in constant transformation and contrary to the notion of a unified indigenous subject, even within the same ethnic group.

Keywords: Memory bilingualism; identities; Terena language.



1. INTRODUÇÃO: LÍNGUAS, MEMÓRIAS E EMUDECIMENTOS

Durante séculos ambicionou-se o processo de assimilação e integração das populações nativas à ideia de uma unidade nacional através do apagamento de línguas, povos e memórias linguísticas outras, que não fossem compreendidas no ideal de homogeneidade nacional, especialmente imposta através da língua como forma primeira de colonização, para posterior controle e poder sobre os diferentes, os outros.

A língua portuguesa, tomada nesse contexto, transforma-se em objeto de afirmação de uma única sociedade brasileira, uma formação discursiva ligada diretamente à identidade do que vem a ser denominado popularmente de povo brasileiro, um só povo, uma só nação. Para tanto, ao longo do tempo, na perspectiva do colonizador, foi necessário um ajustamento de comportamentos linguísticos a um único modelo estabelecido como o ideal.

Eis o nosso propósito de debate: contrapontos acerca de termos cristalizados como identidade (social e linguística), língua materna e cultura ante ao cenário da língua Terena falada pelas comunidades do norte de Mato Grosso, utilizado como recorte, mas que o transcendem, enquanto problemática que remete à realidade de muitas outras línguas minorizadas.

Objetivando aclarar cada vez mais a linha de pensamento a qual nos propusemos à escrita deste capítulo, ou seja, compreender o processo que caracteriza o bilinguismo de memória (DUNCK-CINTRA, 2007) na comunidade Terena Kopenoty, é necessário falar dos discursos do colonizador, das relações de poder estabelecidas nesse percurso sócio-histórico, assim como é fulcral a abordagem dos conceitos de memória e identidade, a fim de evidenciar seus entrelaçamentos no que diz respeito à polissemia e às vivências no uso da(s) língua(s) pelos sujeitos em comunidade.

Para tanto, emendaremos a historicidade do caminho com os apagamentos e silenciamentos que decorreram na atual situação de muitos povos indígenas no Brasil, dentre eles, o povo da etnia Terena de Mato Grosso, como assim se autodefinem, em seu processo de bilinguismo de memória. Evidenciamos as vozes indígenas, como também elucidamos a formação de sentidos acerca da importância da língua materna indígena na constituição das identidades, oriundas das trocas culturais e discursivas com indígenas e não-indígenas, muitas vezes, à margem do considerado nacional.

Trazemos à baila, inicialmente, as estratégias de apagamento/ silenciamento de vozes outras. Ora, se na formação das identidades sociais (HALL, 2000), pensando na interação com o outro e com os outros "eus" existentes em diferentes contextos (BRANDÃO, 1986), vigoram as diferentes vozes (polifonia), para se obter um ideal homogeneizante da língua é imperioso calar, silenciar, apagar o que causa essa aparente desarmonia, o que destoa do modelo pensado pelo colonizador.

Passado o período de invasão ao qual muitos apelidaram de descobrimento do Brasil e toda sua devastação e violação de corpos indígenas, daremos um salto ao surgimento do primeiro documento oficial para a interdição das línguas indígenas brasileiras, elabora-

do pelo Diretório dos Índios, no ano de 1757, instituído pelo Marquês de Pombal.

Tal documento inaugura essa corrente monofônica (SOERENSEN, 2009 apud CARDOSO; SOUZA, 2012) de negação de direitos linguísticos aos povos indígenas, sendo que o estabelecimento de uma política linguística incisiva para o apagamento das línguas indígenas brasileiras, a qual resultou apagamento da memória linguística, a qual também representava e representa a supremacia da sociedade dominante, do colonizador e, como consequência, a destruição, seja total ou parcial, das sociedades dominadas.

2. IMPOSIÇÃO E SILENCIAMENTO DAS LÍNGUAS OUTRAS: A FORMAÇÃO DO SUJEITO NACIONAL E A PROSPECÇÃO DO ENSINO ESCOLAR INDÍGENA

Os silenciamentos deram-se desde a proibição dos costumes e do uso de outras línguas minoritárias, perpassando pela negação e do apagamento de toda memória cultural e das tradições ancestrais, assim como também da sabedoria dos povos da floresta e da magia do falar, arrastando os sobreviventes em uma onda de imposição de poder do colonizador, que em seu discurso trazia a ideologia do “salvamento” das populações indígenas como justificativa de “unir” a nação brasileira através do uso de uma única língua, uma crença europeia e costumes, sendo que tudo aquilo que destoasse, o “diferente”, deveria ser dominado, combatido e por fim, eliminado.

Nesse viés, Arruda (2003) pondera que a escola era uma das melhores estratégias de dominação adotada pelo Estado, uma dominação sistematizada e formalizada pelo ensino das bases da sociedade dominante, uma vez que cumpria seu papel de moldar o comportamento do indígena, tido como um “selvagem” que necessitava ser “civilizado”.

Nos anos 1980, período marcado pelo fim da ditadura militar no Brasil, os movimentos indígenas de resistência foram cada vez mais se fortalecendo diante das lutas incansáveis, da vontade amortecida por colaborar para um entendimento real e respeitoso dos modos de vida e aprendizagem das populações indígenas, surgiram novos rumos e muitos debates.

Segundo Rodrigues (2005), a gênese da Nova República, a partir de 1985, suscitou a discussão em torno dos direitos civis, ampliando a visibilidade da situação multicultural e linguística no Brasil, assim explícita posteriormente, em 1988, no artigo 231 da Constituição Federal (CF) em que “são reconhecidos [...] sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BRASIL, 1988, p. 152-153)”.

Dessa forma, o indígena passa a ser considerado um cidadão de direito no Brasil, incluindo os direitos que lhes são individuais, como a comunicação em língua materna e a manutenção dos costumes tradicionais. Mas nada traria o que já havia se perdido, se calado, e eles recomeçaram. Apesar de tardio, o processo de reconhecimento da identidade pluriétnica no Brasil representou um avanço significativo na história de luta por espaços de representação dos povos indígenas e educação linguística que respeitasse a língua,



visto que, mesmo com o forçoso aprendizado da língua portuguesa, ainda era a língua “mãe”, pois ela traz consigo a dignidade humana, a identidade ancestral dos povos indígenas. Diante desse contexto, o Estado estava obrigado a respeitar esse direito, conforme Rodrigues destaca no artigo 210 da CF:

No que se refere ao aspecto educacional, também ocorreram avanços para os índios. Segundo o artigo 210, parágrafo segundo, da Constituição brasileira, “o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (Constituição Federal, 1988). É obrigação do Estado respeitar as diversidades culturais e estruturar políticas que assegurem e legitimem os direitos indígenas. (RODRIGUES, 2005, p. 243).

Entretanto, os rumos pós-Constituição continuaram nebulosos, tendo que ser aclarado novamente o reconhecimento da importância da manutenção e fortalecimento das línguas nativas no processo de ensino-aprendizagem instituído pela educação bilíngue e endossado como orientação pedagógica nas Diretrizes para a Política Nacional de Educação Indígena, tendo as seguintes recomendações:

a) cada povo tem o direito constitucional de utilizar sua língua materna indígena na escola, isto é, no processo educativo oral e escrito, de todos os conteúdos curriculares, assim como no desenvolvimento e reelaboração dinâmica do conhecimento de sua língua; b) cada povo tem o direito de aprender na escola o português como segunda língua, em suas modalidades oral e escrita, em seus vários registros -formal, coloquial, etc. c) a língua materna de uma comunidade é parte integrante de sua cultura e, simultaneamente, o código com que se organiza e se mantém integrado todo o conhecimento acumulado ao longo das gerações, que assegura a vida de todos os indivíduos na comunidade. Novos conhecimentos são mais naturais e efetivamente incorporados através da língua materna, inclusive o conhecimento de outras línguas. (BRASIL, 1994, p.11-12).

Uma outra proposta de escola surgiu no contexto das Aldeias, em que coube às comunidades a flexibilização no modo da valorização dos saberes e da cultura de cada povo. Mas era necessário entender sobre o que tratava esse ensino bilíngue e quais suas consequências na realidade da educação indígena como um todo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, trouxe então à luz o significado do ensino bilíngue, o que diferenciou a escola indígena das demais escolas do sistema educacional do Brasil, dando destaque às peculiaridades que ela deveria ter e manter, sendo uma educação escolar bilíngue, comunitária e intercultural, que vigora nos dias de hoje, podendo também ser organizada por meio de territórios étnico-educacionais¹.

O currículo também se caracterizou como um fator de diferenciação à educação escolar indígena, mas acarretou à comunidade indígena a adesão de um outro calendário em

1 Conforme foi definido no Decreto nº 6.861, em 27 de maio de 2019, o território etnoeducacional é composto por representantes dos indígenas, um por etnia, e por profissionais das secretarias de educação de estados e municípios, de universidades públicas, de institutos federais de educação, ciência e tecnologia, da Fundação Nacional do Índio (Funai), de organizações não governamentais com atuação na área e do Ministério da Educação, que por meio de formação de colegiados com atribuições consultivas e deliberativas, as etnias dizem aos governos que tipo de educação querem. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34109>. Acesso em: 29 set 2019.

suas rotinas, o período escolar, com a carga horária das aulas e espaços pré-determinados para o ensino, porém, a orientação dos documentos se pautava nessas especificidades no sentido de existirem de maneira dialógica à organização da comunidade.

Todas essas inovações evidenciaram a necessidade da formação dos professores indígenas para atenderem a essa gama de diversidade linguística que se anunciava nas escolas indígenas, mesmo tendo apenas 15% das línguas indígenas com número de falantes nas Aldeias brasileiras. Acerca dessa situação Rodrigues afirma que:

Com respeito a esses 15% de línguas que se mantiveram, cabe ao estado brasileiro reconhecer o valor de sua especificidade linguística e cultural, não só declarando-as patrimônio imaterial da nação, mas apoiando as pesquisas e ações educacionais apropriadas para documentá-las e analisá-las cientificamente e fomentando programas educacionais específicos, que, com professorado indígenas bilíngue, assegurem a aprendizagem de novos conceitos, hoje necessários, sem perda das línguas nativas e dos valores culturais que elas traduzem. (RODRIGUES, 2008, p. 6).

O ensino formal de línguas maternas indígenas e da língua portuguesa estavam então instituídos em uma relação alegadamente de coexistência, na qual o conhecimento de uma segunda língua, no caso da língua portuguesa brasileira (BAGNO, 2009), é colocada enquanto direito de ser aprendido na escola, em suas modalidades oral e escrita, nesse contexto é previsto o ensino baseado em concepções multiétnica e multilinguística, nas quais as práticas de linguagem ensinadas na escola pudessem agregar-se às práticas de linguagem comuns na rotina da comunidade. Entretanto, a dicotomia entre as línguas e o ensino priorizado em língua portuguesa, somado à formação tardia de professores indígenas, fizeram com que as abstrações das leis vigentes não se realizassem na prática, gerando muitas generalizações e equívocos.

O processo de assimilação da língua portuguesa, por sua vez, ficou como uma excruciante herança dos contatos com o colonizador, a exemplo da língua Terena, que está, dentre tantas outras, ameaçada em sua vitalidade linguística por ser considerada de baixa transmissão, conforme apontam estudos constantes no Acervo de Línguas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi². A língua portuguesa, dessa forma, foi validade pelos falantes Terena na condição de língua predominante nas práticas linguísticas cotidianas dentro e fora das comunidades.

3. IDENTIDADE, BILINGUISMO E MEMÓRIA: FRONTEIRAS FLUIDAS ENTRE OS CONCEITOS

A necessidade de se compreender o contexto linguístico atual em que se encontram comunidades indígenas de falantes da língua portuguesa, sendo tomada como língua primeira, se faz urgente e necessária para que os equívocos, tanto do ponto de vista discursivo quanto da perspectiva das práticas pedagógicas não tomem um caráter de continuidade, no que se refere aos prejuízos à educação dita bilíngue, conjuntura aplicada à autorização e existência das escolas indígenas específicas em cada aldeamento.

Para tanto, é de igual importância a clareza dos princípios da pesquisa dialógica, pressupondo não o isolamento científico e a construção unilateral, é preciso contexto e interação, somados a confiança e a diferenciação nos atos de ver e escutar, intercalados entre o falar e o calar do pesquisador. Sendo assim, questões indagadoras abrangem os aspectos sociais, históricos e culturais que envolvem as práticas linguísticas e as formas indígenas de ensinar e aprender no contexto educativo intercultural, nos quais ecoam os sentidos produzidos pelos sujeitos indígenas que formulam, nessa interação, a percepção de si, enquanto identidade, porém inserido em sua comunidade indígena.

Iniciando os contrapontos, evocamos o conflito diglótico influenciado pelos aspectos territoriais, linguísticos e sociais na formação da identidade indígena Terena, especificamente, na comunidade Kopenoty, semelhante ao que apontam os estudos de Dunk Cintra (2006), a qual assinalou em sua pesquisa o termo bilinguismo de memória com relação ao povo Chiquitano, que possuem vários pontos em comum na trajetória sócio-histórica com o povo Terena, principalmente no que diz respeito aos deslocamentos, trabalho, modos de vida e sobrevivência na adaptação ao não-indígena. Ações essas desencadearam uma forte tendência ao desuso da língua indígena, em substituição à língua de dominação, impactando internamente nas comunidades, as quais se subdividiram em núcleos familiares nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo.

As vozes Terena que conduzem às memórias, interligadas diretamente ao conceito de identidade de si e de seu povo, se entrelaçam aos deslocamentos que Bittencourt e Ladeira (2000), classificam em fases de cada etapa da trajetória histórica que abrange a transformação do, sendo desenhada a linha do tempo em: tempos antigos, tempos de servidão e tempos atuais. A questão da identidade baseada em Stuart Hall (2006), também apresenta como conceito de “identidades culturais” fatores que emergem de uma visão sistêmica de “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, mas não é um conceito estático, pois:

Para Hall (2006: 13), os sujeitos, em meio ao mundo moderno, tendem a assumir identidades variadas de acordo com o momento, podendo ser estas contraditórias. O contraditório é que frente à liquidez das identidades, como diria Bauman, há movimentos de reconhecimento identitário, como é o caso da comunidade em estudo. Bauman (2005: 84) reconhece que para buscar uma identidade “você precisa submeter os seus interesses pessoais em benefício da solidariedade de que o grupo necessita para resistir a um grupo ainda maior” (BODART; MARCHIORI, 2011, p. 79).

Conseqüentemente, a assimilação de traços, ou mesmo a integralidade de uma língua por um povo indígena, como os Terena, geraram, sem dúvidas, um choque cultural com danos, porém, é necessário compreender esse movimento dialético e dialógico a partir de um constructo de fatores envolvidos para a transformação sociocultural na relação com esse “outro”, não-indígena, dominador, com o ambiente fora da aldeia e mesmo dentro dela, tendo em vista que a representação simbólica desse espaço também sofreu alterações quanto aos sentidos para aquele que saía/sai trabalhar e voltava/volta para dormir em casa, na comunidade, e para aqueles que permanecem ali com as funções da cultura originária, conforme seguinte ponderação de dos relatos evidenciados em Luz (2020):

Não se vive da Reserva, mas na Reserva: em Cachoeirinha, por exemplo, das 484 famílias nucleares (pai-mãe-filhos menores) recenseadas por nós

em 1999, cerca de 87 viviam exclusivamente do trabalho interno nas roças (cerca de 18%); outras 268 combinavam o trabalho nas roças e o trabalho externo eventual (55%); as restantes 129 (cerca de 27%) portanto viviam somente do trabalho externo. Daí a constatação feita por Cardoso de Oliveira, já nos anos 1950, de que “a Reserva Indígena, na área Terena, tem uma significação definida na consciência regional: ela representa uma reserva natural de mão-de-obra”. (POVOS INDÍGENAS DO BRASIL, 2019 apud LUZ, 2020, p. 37).

A premissa do trabalho e as experiências vivenciadas com os *purutuyé*³, fizeram com que houvesse uma relação de “urbanização indígena” entre os Terena, com um viés ideológico perpassado pelo discurso cultivado de dependência e de sobrevivência, outrossim apoiado por políticas integracionistas da época, contrárias ao incentivo pelo desenvolvimento do trabalho interno nas Aldeias e real manutenção da cultura. Os indígenas Terena se tornaram, assim, uma importante fonte de mão de obra para o descampamento das florestas e desenvolvimento de seus projetos agropecuários.

Esse processo de urbanização dos indígenas Terena, intensificado a partir da década de 1980, ocasionou também um novo sentido referente à identidade indígena em transição, ou seja, o indígena que fala português e trabalha na cidade, adverso ao indígena que mora e depende da reserva. Por outro lado, esse fato fez com que sua autonomia política e social como povo indígena emergisse de maneira que a maioria deles, indígenas Terena, voltasse a morar ou “requerer” suas áreas como uma forma de demarcação e reafirmação de sua identidade coletiva indígena, sendo que os idosos e líderes culturais se encarregaram de levar adiante as raízes das identidades ancestrais e, por conseguinte, aliá-las à contemporaneidade. Mas o percurso para essa ressignificação também movimenta memórias entre os mais jovens como pondera um jovem professor indígena Terena da Aldeia Kopenoty:

Com certeza essa transição foi muito sofrida e foi uma luta muito longa. Eu sou um fruto dessa luta que se inicia com a vinda de meus avós e família para o Estado de Mato Grosso, e daí em diante uma árdua procura por um lugar, um pedaço de chão para que ali essa família pudesse fazer o que mais eles sabiam.... plantar, colher, construir. Mas isso demorou muito a se concretizar, foi necessário ver e ouvir que se retirassem das terras do povo minha mãe. Foi necessário que esse povo perambulasse por periferias de Rondonópolis até de se organizarem e partirem para os bloqueios de rodovias, com objetivo principal de que a imprensa divulgasse que naqueles dias existia famílias indígenas sem um bem, que naquele momento seria o mais precioso, o mais necessário para a continuação de suas gerações, no qual é um pedaço de chão de terra talvez. E esse bem só veio a nós depois de muito lutar, como passar dias em rodovias, de muito se decepcionar com políticos que diziam que iam resolver o problema. Depois de inúmeras reuniões, depois de ver famílias retornarem à terra de origem, depois até de perdemos companheiros de luta, pais de famílias, finalmente conseguimos um lugar, uma terra, que hoje tem dado a oportunidade a nossos irmãos de ter dignidade, onde podemos criar os nossos filhos e educar, de revitalizar a nossa cultura, de poder plantar colher, construir nossas casas e de viver como indígenas, verdadeiros indígenas, pois conseguimos nosso objetivo conseguimos, uma reserva para vivermos. (Depoimento coletado em 18 de novembro de 2019). (LUZ, 2020, p. 39).

3 Designação para o não-indígena na língua Terena.

No entanto, essas transformações provocaram um inevitável distanciamento do *habitus* (BOURDIEU, 1983), sendo a identidade indígena indagada repetidas vezes por não-indígenas e até mesmo por outros indígenas, especialmente os anciãos, em referência à outras culturas mais isoladas, com menos contato com o mundo moderno, a exemplo de algumas etnias dos povos da Amazônia, os quais dependem exclusivamente do trabalho na reserva para a sobrevivência das famílias.

Em relação ao bilinguismo, corroboramos a ideia de Wei (2000) em convergência com Dunck-Cintra (2007) quanto à presença de fatores que apontam para um bilinguismo de memória, almejando uma definição fluida e mais adequada ao contexto de lembrantes ou de língua em revitalização, as quais dialoguem com as interações sociais e os diversos pontos de vista oriundos do sujeito que fala, e de sua autopercepção diante das práticas linguísticas consideradas por ele em suas vivências, como sendo bilíngues ou não. Assim, segue uma síntese que demonstra tal evolução do termo nos estudos científicos ao longo do tempo:

A definição de Bloomfield, no início do século XX pode ser considerada o ponto de partida para outras definições posteriores. Para o autor, ser bilíngue é ter o domínio igual a de um nativo para as duas línguas (BLOOMFIELD, 1933). Já nos anos 1960/1970, Macnamara (1966) define o bilíngue como aquele que tiver uma das habilidades (falar, escrever, ler, ouvir) em língua diferente de sua língua materna. Outros estudiosos como Mackey (1962), que tratou da diversidade de situações bilíngues ao redor do mundo; Lambert (1967), que desenvolveu pesquisas com técnicas da psicologia social; Paradis (1978) que estabeleceu o elo entre o bilinguismo e a neolinguística; Grosjean (1982), para quem o bilíngue é o falante que usa duas ou mais línguas (ou dialetos) em sua vida diária. Estes estudos sinalizam para a evolução da noção de bilíngue, trazendo para o campo novas concepções ao passo que os estudos vão se desenvolvendo e novas pesquisas se agregam às já existentes, revelando diferentes aspectos do fenômeno, até visões mais amplas, como a de Wei (2000), para quem o termo bilíngue descreve alguém que utilize dois idiomas, independentemente de seu nível de proficiência (VIAN JR; WEIS-SHEIMER; MARCELINO, 2013, 403-404).

Os discursos que evidenciam o bilinguismo de memória na Aldeia Kopenoty vão do registro escrito à oralidade, contemplando convergências e divergências entre seus falantes, em que a língua materna indígena ora é reservada às ocasiões e contextos festivos, ora alude à rituais religiosos, como também se faz presente em alguns diálogos pontuais ou palavras alternadas com as práticas em língua portuguesa, predominante entre os Terena do norte de Mato Grosso. Com o intuito de registrar as percepções da língua e da sua importância para essa comunidade, coletamos os seguintes relatos:

<p>A língua materna Terena é <u>identidade</u> do meu povo, a língua indígena na escola é a <u>defesa</u> nossa como um povo. Para que os estudantes indígenas e não-indígenas aprendam desde o ambiente escolar em que <u>lugar</u> está localizado (aldeia). (INF1)</p>	<p>É importante, pois sabemos a importância da nossa língua quando, e por ser poucas pessoas que falam, muitos só sabem o básico, principalmente para não <u>perdemos a nossa língua</u>. (INF7)</p>
	<p>Para <u>manter viva a cultura</u>. (INF8)</p>
	<p>É a nossa <u>identidade</u>. (INF9)</p>
<p>Para não perder uma das maiores <u>característica de um povo</u>. (INF2)</p>	<p>Sim, é de muito importante para manter <u>viva a nossa língua materna</u>. (INF10)</p>
<p>Para que seja mais uma de nossas <u>riquezas culturais</u>, além da dança, pintura, e adornos é necessário nós termos e dominar os códigos de nossa língua. (INF3)</p>	<p>Para não esquecer as nossas <u>raízes</u> e a nossa cultura. (INF11)</p>
<p>Sim, é muito importante ensina a língua indígena na escola, é na escola que podemos trabalhar a língua com os alunos com mais frequência e mostrar a <u>importância</u> da língua materna do povo. (INF4)</p>	
<p>Porque ainda que não seja tão eficaz, <u>melhor o pouco do que nada</u>. Seja com palavras soltas ou frases, mas que todos tenham a consciência da importância da língua terena para o indígena terena. (INF5)</p>	<p>Manutenção da <u>identidade</u>. (INF12)</p>
<p>Porque muitos povos já se acomodaram com outros costumes e deixando de lado sua própria cultura, assim os mais novos já nascem sem conhecer a língua. Ensiná-los e incentivá-los hoje se tornou uma dificuldade até para os indígenas, então ensiná-los na escola é uma forma de repassar, pra muitos resgatar sua <u>cultura vivida e falada</u>. (INF6)</p>	

Tabela n. 01. A importância de aprender a língua Terena para a comunidade Kopenoty. Fonte: LUZ, 2020, p. 114-115).

Os destaques nos enunciados da tabela acima trazem em seu cerne a intenção de evidenciar o que dizem as vozes Terena, mesmo que permeada por outras vozes institucionais, mas que demarcam o contexto intercultural de suas interações, falando por si mesmas e não pelo outro. É fundamental destacar neste ponto a concepção de vozes abordada aqui, em que coadunamos com os estudos de Bubnova, Baronas e Tonelli (2011), os quais sintetizam a premissa bakhtiniana que faz referência tanto na voz quanto na letra tomadas de maneira ontológica e dialógica, ou seja, conceitos unificados “pela produção dinâmica dos sentidos, gerados e transmitidos pelas vozes personalizadas, que representam posições éticas e ideológicas diferenciadas em uma união e intercâmbio contínuo com as demais vozes” (BUBNOVA; BARONAS; TONELLI, 2011, p. 270).

Outrossim, os sentidos atribuídos ao olhar do indígena Terena da comunidade Kopenoty acerca dos pressupostos da importância da continuidade da língua materna indígena traz para o seio da comunidade, mesmo com a predominância da língua portuguesa nas interações cotidianas, um índice de 78% de respostas oriundas da comunidade confirmam esse mesmo pressuposto, enquanto 21,4% afirmam que utilizam as duas línguas alternadamente em suas interações (LUZ, 2020). Assim, Dunck-Cintra (2015) assevera que:

Ao acionar o bilinguismo de memória, ocorre a busca pelo espaço da memória, que invoca os saberes dos ancestrais que se constituem como resistência [...]. Por isso, a memória individual e coletiva é importante. Evocar a memória, os saberes ancestrais e a tradição vitalizam o povo e reafirma seu lugar de pertencimento. (DUNCK-CINTRA, 2015, p. 30 – 31).

Os falantes da língua Terena desempenham papéis sociais na comunidade e em suas redes de interações pessoais, que encaminham para esse entendimento interno, os quais exercem uma forte influência e pressão informal sobre seus contatos diretos e indiretos, fazendo, assim, uma força em suas redes coesa acerca da compreensão individual e coletiva referente à importância da revitalização e manutenção da língua Terena entre as famílias e instituições, sobretudo, na Escola Estadual Élio Turi Rondon Terena da Aldeia Kopenoty.

Não somente os costumes indígenas Terena mudaram, mas a percepção social, coletiva e individual em relação à cultura e, inserida nela, a língua, que não é mais a primeira, mas que ainda é nomeada como língua materna indígena, língua da cultura, a identidade como é possível constatar nos enunciados em destaque na tabela 1. A língua enquanto identidade, transcende o campo meramente linguístico, mas sua existência representa o povo Terena específico em suas memórias e trajetórias, com visões e vivências discursivas diferentes em cada comunidade. Nesse âmbito, a identidade linguística está pautada em sentidos subjetivos com relação à emergência do sujeito indígena na/pela manutenção da língua originária.

4. EFEITO DE FECHO: DAS VOZES AOS ESPAÇOS

A definição de vozes e espaços em que cada língua ocupa nas interações sociais demonstra que, mesmo a língua indígena Terena estando em uma condição de bilinguismo de memória, com um número relativamente baixo de falantes fluentes, a língua continua sendo chamada de língua materna, com os seus mais diversos sentidos os quais não podem ser atrelados ao número de falantes ou ao aprendizado como língua primeira, mas à sua significação, geradora de identidade cultural do povo Terena de Mato Grosso. Assim, seguimos a premissa bakhtiniana de que:

E visto que Bakhtin é, antes de mais nada, um filósofo, para entender como funciona em seu pensamento uma questão particular, por exemplo a da palavra sonora, convém recorrer a sua concepção geral de mundo para situar adequadamente o conceito da voz e do sentido. O homem e seu fazer em uma intensa interação com outro homem está, como já dissemos, no centro de sua "primeira filosofia". Percebemos nosso mundo não só por meio de sentidos físicos, mas também morais, que são as valorações geradas por meus atos que sempre se realizam em presença e em cooperação com o outro ser humano, por intermédio de uma tríplice ótica na qual vemos o mundo: eu-para-mim, eu-para-outro, outro-para-mim, de tal modo que o mundo resulta ser o espaço onde se desenvolve nossa atividade, concebida sempre em uma estreita participação do outro. (BUBNOVA, BARONAS E TONELLI, 2011, p. 272).

Os papéis sociais, assim como a busca ao acesso às tecnologias e conhecimentos das sociedades com as quais têm contatos e se relacionam, parecem convergir para uma dicotomia simbólica de usos linguísticos (LUZ, 2020). Mesmo a língua materna sendo reservada para eventos formais de fala e estratégias da própria história de ensino e aprendizado da língua indígena, ela permanece presente nas práticas culturais, a qual certamente apresenta mudanças e transmutações a partir de novos gêneros e sentidos, o que não pode ser equivocadamente entendido como de menor importância, pois para Bakhtin (2005, p. 106) “o gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo”, vivendo de transformação entre o presente e seu passado da língua em cada enunciado.

Os rituais da pesca, do canto, da dança, de se dar um nome em língua indígena, no ouvir das histórias que se conta na tradução de cada palavra “nova” ensinada a uma criança da aldeia, como o significado da palavra *Terenoë*, esses saberes ancestrais não foram esquecidos pelo uso predominante da língua portuguesa e estão em movimento vivo intenso entre os indígenas Terena do norte de Mato Grosso.

Referências

- ARRUDA, L. C. **Posto Fraternidade Indígena: Estratégias de Civilização e Táticas de Resistência 1913-1945**. Dissertação (Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de História Instituto de Ciências Humanas e Sociais Programa de mestrado em História). Cuiabá, 2003.
- BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitárias, 2005.
- BODART, C. das N.; MARCHIORI, C. da R. Memória, identidade e resistência: o desenvolvimento econômico como ameaça. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 76–86, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645730> . Acessado em: 04 abr. 2022.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf> >. Acesso em 12 out 2019.
- BRANDÃO, C. R. **Identidade e Etnia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lei_n9394.pdf>. Acesso em: 30 Ago 2019.
- _____. Lei n. 6001/73, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o estatuto do índio. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1973. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6001.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.001%2C%20DE%2019,sobre%20o%20Estatuto%20do%20%C3%8Dndio.&text=Art.,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico.>. Acesso em: 15 out 2019.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso: 15 out 2019.
- _____. **Plano Nacional de Educação**, Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001.
- In: Diário Oficial, ano CXXIX – n.º 7 – Brasília DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 15 out 2019.
- BUBNOVA, T.; BARONAS R. L.; TONELLI F. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, 6

(1): 268-280, Ago./Dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/d98J7K7pCjVVKgDTH5wM-8Jh/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 23 abr. 2022.

CINTRA, E. M. D. Vozes silenciadas: um estudo sociolinguístico dos chiquitanos do Brasil. **Signótica**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 269–282, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/2787> . Acessado em: 14 abr. 2022.

_____. Letramento como uma ação de vitalidade sociolinguística. IN: BARROS, Déborah Magalhães de; SILVA, Kleber Aparecido da; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (Orgs). **O ensino em quatro atos**: interculturalidade, tecnologia de informação, leitura e gramática. Campinas, SP. Pontes Editores, 2015.

JR., O. V.; WEISSHEIMER, J.; MARCELINO, M. Bilinguismo: aquisição, cognição e complexidade. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 15, n. 1/2, p. 399–416, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/10283>. Acesso em: 3 mar. 2022.

LUZ, J. **O caminhar indígena por uma pedagogia (inter)culturalmente sensível**: interações sociolinguísticas na escola estadual indígena Élio Turi Rondon “Terena”. Dissertação. Mestrado em Letras. Universidade do Estado de Mato Grosso. Sinop, 2020.

RODRIGUES, A. Sobre línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura**

v. 57, n. 2, 2005, p. 35-38. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodriques-2005/rodriques_2005.pdf> Acesso em: 08 nov 2019.

SOERENSEN, C. A Profusão Temática em Mikhail Bakhtin: Dialogismo, Polifonia e Carnavalização. Travesias, Paraná, v. 03, n. 01, 2009. In: CARDOSO, C. E.; SOUSA, A. P. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA DA LINGUAGEM. fôlio - **Revista de Letras**, [S. l.], v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3400>. Acesso em: 3 mar. 2022.



CAPÍTULO 7

BAKHTIN E SAUSSURE: A VIDA DA LÍNGUA

BAKHTIN AND SAUSSURE: THE LIFE OF THE LANGUAGE

Franciele de Jesus Ferreira Leite

Resumo

O texto tem como objetivo elencar dizeres bakhtinianos e saussurianos que compactuem com a vida da língua totalmente enraizada no viés sociológico, trazendo à baila nosso posicionamento acerca da língua e linguagem de maneira a contribuir para o ensino-aprendizagem de uma segunda língua, mais especificamente a Libras. Para isso apoia-se em uma revisão bibliográfica a fim de buscar nesses autores contribuições fidedignas da vida da língua, uma vez que esta só é concretizada por meio de indivíduos falantes que carregam em suas palavras todo um arcabouço axiológico e ideológico. Logo, fundamenta-se em Bakhtin e o Círculo (2016), na teoria de gêneros discursivos envoltos no dialogismo estabelecido do enunciado; em Saussure (2012) e em outros autores que corroboram com a discussão. Portanto, compreende-se que a língua não é apenas regras abstratas que precisam ser memorizadas. A língua precisa ser vivida e, por este motivo, ela estabelece sua própria vida dentro de um corpo social que está sempre mudando.

Palavras-chave: Língua; Linguagem; Dialogismo.

Abstract

The objective of the text is to show Bakhtinian and Saussureans sayings that agree with the life of the language totally rooted in the sociological bias, bringing to the discussion our position on language and language-teaching in order to contribute to the learning of a second language, more specifically Libras language. For this, it is supported by a bibliographic review in order to seek reliable contributions of the life of the language, since the language is just materialized when people talk and they carry in their words an entire axiological and ideological framework. Therefore, it's based on Bakhtin and the Circle (2016) on the theory of discursive genres involved in the dialogism that establishes the utterance; in Saussure (2012) and in other authors that corroborates to the discussion. Thus, it is understood that language is not just abstract rules that need to be memorized. Language needs to be lived and for this reason, it establishes it's own life within a social body that is always changing.

Keywords: Language; Language; dialogism.

1. INTRODUÇÃO

Dentro da aprendizagem de uma nova língua há fatores que devem ser levados em consideração, como por exemplo, a motivação e o objetivo dessa nova aprendizagem. Todavia, todo o complexo processo de ensino-aprendizagem vai muito mais além para todos os personagens envolvidos dentro do ambiente de aprendizagem. Em primeiro momento é essencial que o docente tenha em mente uma concepção clara do objeto com o qual está trabalhando, isto é, a língua.

Nesse sentido, pretende-se aqui elencar dizeres bakhtinianos e saussurianos acerca da língua e da linguagem com o objetivo de auxiliar docentes de uma segunda língua para uma tomada de concepção acerca desses objetos.

Embasado em Saussure (2012) e Bakhtin (2016) acredita-se que o ensino-aprendizagem de uma segunda língua deve compactuar com a vida da língua que é totalmente enraizada no viés sociológico. A língua vive em resultado da vida em sociedade que se utiliza de uma língua para compartilhar experiências, valores, sonhos, entre outros.

Para entender melhor esse viés sociológico que perpassa a vida da língua o texto apoia-se em uma revisão bibliográfica a fim de buscar nesses autores supracitados contribuições fidedignas da vida da língua, uma vez que esta só é concretizada por meio de indivíduos falantes que carregam em suas palavras todo um arcabouço axiológico e ideológico.

2. LÍNGUA/LINGUAGEM: A VIDA DA SOCIEDADE

Em minha caminhada acadêmica foi muito comum ouvir falar das teorias saussurianas como algo estático e previsível, como se o pai da linguística moderna tivesse contribuído para os avanços linguístico, mas mostrado a linguística de uma forma equivocada.

Em contrapartida, Bakhtin, enquanto um linguista também moderno, interessado na linguagem na qualidade das interações humanas, como mais viáveis para um estudo linguístico significativo e que estivesse relacionado com o real uso da língua.

Posteriormente com a leitura de Benassi (2019), foi-me possível conceber um Saussure diferente de tudo que já ouvi e que muito contribui para o ensino de línguas.

Saussure concebe a língua como o objeto de estudo da linguística, além de definir os estudos dos signos linguísticos como semiologia, elencando algumas dicotomias definitivas de sua teoria. Mas isso, posto ao que nos foi apresentado pelo Curso de Linguística Geral, doravante CLG, que foi gerado no século passado a partir das anotações dos seguidores de Saussure quando este ministrava seu curso.



O linguista genebrino nos apresentou dualidades como: língua x fala; sincronia x diacronia; significado x significante e sintagma x paradigmas¹ que perpassam os estudos linguísticos ainda neste século, dado a sua relevância e inovação para a ciência que denominamos de linguística, desde a publicação do CLG em 1916.

Bakhtin e o círculo levam, totalmente, em consideração o enunciado enquanto interação humana dentro de gêneros discursivos perpassados pela dialogia. A priori, essa noção me fez realizar uma separação drástica entre Saussure e Bakhtin e o círculo, tendo em vista as opiniões tão diferentes sobre o mesmo assunto: língua e linguagem, ao passo que pensei ser impossível unir ambas concepções para a realização desse estudo.

No entanto, considerando o retorno aos estudos saussurianos a partir da década de 1950 quando novos manuscritos do pesquisador começaram a surgir, o que resultará na obra *Escritos de Linguística Geral*, doravante ELG, publicada no ano de 2002, é possível manter uma conversa entre as concepções cujas teorias convergem para embasar o que objetivamos propor com esta pesquisa.

O homo sapiens sapiens, por exemplo, carrega em suas entranhas a necessidade de comunicação desde seus primórdios quando, mesmo sem a identificação de língua, utilizava da arte rupestre a fim de mostrar o conhecimento adquirido a partir das experiências com os demais de seu convívio, mesmo que não de maneira explícita com esse propósito.

Quando pontuamos acerca do convívio social, já nos direcionamos aos construtos vygotksyanos de desenvolvimento humano, tendo em vista que “para Vygotsky, na melhor tradução de Marx e Engels, o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura” (COLE; SCRIBNER, 1991, p. 11).

Dessa maneira, mesmo que o indivíduo nasça com todo os órgãos do aparelho fonador que é capaz de produzir sons no caso das línguas orais e, ainda, com a faculdade da linguagem, sem a sociedade e a cultura que o rodeia não seria possível estabelecer qualquer tipo de desenvolvimento intelectual mediado pela linguagem que vive nas esferas do cotidiano. Para Saussure, a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

A expressão do pensamento é caracterizada pelo centro organizador e formador que se encontra no exterior e não internamente, assim diz Volóchinov (2018, p. 204). Então, é na própria linguagem vivenciada, dentro de um cronotopo específico, que se produz linguagem, isto é, com nossas relações de contato em sociedade no dia a dia em que dialogamos sobre os diversos assuntos em momentos distintos. A partir daí a expressão como um construto formador no interior do indivíduo fundamentado nas inter-relações discursivas sociais organiza a atividade mental.

Essa expressão que é formada nas inter-relações discursivas sociais é carregada de outras vozes e munida axiologicamente com um propósito intencional antes mesmo de ser proferida ao outro

¹ A conceituação de cada uma dessas dicotomias não será aqui tratada por já estarem bem fundadas dentro da ciência a qual nos debruçamos para estudar. Para maiores informações consultar o CLG.

[...] todo e qualquer uso que se faz da língua (a linguagem, noutras palavras, a enunciação) tem um direcionamento, pressupõe a relação entre um falante e um interlocutor, ao mesmo tempo que axiologicamente responde, retoma e questiona outras enunciações (BENASSI, 2019, p. 59).

Utilizamos um sistema de signos que é socialmente determinado e, seu uso é totalmente valorativo.

Trata-se [...] do enunciado concreto, do ato efetivamente performedo no mundo da vida, ou seja, o enunciado sempre situado num contexto cultural axiológico-e-semântico, lembrando que a aglutinação visível nesta forma hífenizada busca representar a perspectiva de Bakhtin e de seu Círculo de que a semânticidade do enunciado concreto envolve sempre e de modo interconectado valor e significado (FARACO, 2009, p. 103).

Logo, no exato momento em que se produz um enunciado, independente de qual seja, ele está situado em um tempo-espço e é carregado de valores ideológicos que transpassam diversas vozes sociais. Lembrando que quando Bakhtin e o círculo utiliza a palavra ideologia não é no sentido de ser um ponto de vista falseado, uma vez que “ideologia é um termo descritivo (ele [Bakhtin] nunca o usa com um tom crítico, negativo ou pejorativo)” (FARACO, 2013, p. 173). Os valores ideológicos proferidos no enunciado são transpassados de outros valores ideológicos presentes em enunciados anteriores e daí podemos encontrar a dialogia defendida por Bakhtin e o círculo.

Pode-se considerar duas mulheres brancas, ouvintes e feministas com cerca de vinte e cinco anos que ficaram amigas durante a faculdade. Uma nasceu e foi criada em uma cidade muito pequena em que havia apenas uma escola pública. Seus pais eram pessoas simples e sem estudo que trabalhavam no mercado local. Já a outra nasceu e cresceu na capital estudando nas melhores escolas já que era filha de professores universitários.

As duas mulheres compactuam de várias opiniões em comum sobre diversos assuntos que conversam.

Constituímos nossas visões e versões a partir do contato com o mundo a nossa volta. Esse contato é experienciado por meio da linguagem, então, essas duas mulheres se conhecem já adultas e começam a manter uma relação diária utilizando a língua que é comum a ambas. Quando elas mantêm o contato discursivo, já carregam em seus enunciados toda a sua história constitutiva de ser socialmente integrado por vozes primeiras, isto é, carregam as vozes de terceiros com os quais dialogaram anteriormente combinado com a sua vida prática até tal momento.

A relação interdiscursiva é possível por meio do “enunciado que se forma entre dois indivíduos socialmente organizados” (VOLOCHINOV [1895-1936], 2018, p. 204) dentro de uma esfera do cotidiano. Lembrando que “o enunciado é compreendido como elemento de comunicação em relação indissociável com a vida” (GEGE, 2013, p. 36), portanto, só é possível enunciar fundamentado na vivência coletiva dentro dos grupos sociais. O próprio Saussure abordou tal fator social quando propôs “conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (2006, p. 24), em vista disso a linguagem precisa ser situada dentro da vida e alicerçada no vínculo com o outro.

Retomando ao exemplo das mulheres, já foi mencionado que ambas compactuam sobre diversos assuntos em seus diálogos. Todavia, é sabido que cada uma tem uma construção social e visão de mundo diferente da outra e, nesse aspecto, realidades diferentes sobre determinados pontos. Como exemplo, podemos situar um certo momento durante o início de um novo semestre na faculdade em que as duas começam a discutir sobre cotas raciais e entendem que possuem opiniões diferentes sobre o tema: enquanto a jovem vinda do interior acredita ser um sistema fracassado, uma vez que os seres humanos são todos iguais e capazes de conseguir atingir seus objetivos por esforço, a moça que sempre viveu na capital possui o pensamento de que a realidade do jovem negro é completamente diferente do branco que conta com maiores privilégios durante toda a vida².

A relação interdiscursiva entre essas duas mulheres acontece por meio da língua a qual ambas foram expostas ao nascer, mas a linguagem a que cada uma faz uso para expor suas conceituações sobre a temática está constituída no seu processo de crescimento, nas suas leituras, nas conversas com outras pessoas, na vivência individual e, ainda, podemos acrescentar mais coisas a essa lista, a qual traz à tona todo o dialogismo bakhtiniano e do círculo.

Para Bakhtin e o círculo a língua “é dialógica em seu uso real, não restrita em um diálogo face a face apenas” (VIEIRA, COSTA, 2016, p. 262-267). Isso quer dizer que não apenas selecionamos palavras para juntá-las dentro de uma sintaxe. Nós utilizamos todo nosso conhecimento já vivenciado até o dado exato de nossa fala. “A língua, para Bakhtin e o Círculo, é o meio que utilizamos para a materialização da linguagem humana verbalizada. A língua é mais que um sistema unirreferencial: é fruto do trabalho humano, portanto, é ideológico” (BENASSI, 2018, p. 59).

As mulheres dialogam sobre as cotas raciais por meio da materialização da linguagem que é a língua, mas esta é impregnada axiologicamente de tudo o que lhes já foram dito anteriormente. Em outros termos, o posicionamento de cada uma diante do assunto abordado acima, é perpassado de vozes que transpassaram seus intelectos até ao cronotopo de seus enunciados na discussão.

Para Volochinóv (2017, p. 218, 219) a linguagem é o “acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados”. Assim, quando elas proferem suas falas, elas enunciam. O enunciado é a materialização linguística somada a todo caminho percorrido por cada uma delas, haja vista que “o enunciado é compreendido como elemento da comunicação em relação indissociável com a vida” (GEGE, 2013, p. 36). Bakhtin assim afirma que “através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (2016, p. 16, 17). Então, é possível afirmar que seus posicionamentos no momento da discussão sobre as cotas raciais são concebíveis a partir de suas vidas. Além disso, “todo enunciado [...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 17). A língua “pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

As mulheres discutem sobre o assunto em um dado momento específico: o início de um novo semestre letivo, conforme já foi mencionado anteriormente. Este momento é único e irrepetível, logo, podemos determinar o espaço-tempo da conversa de cronotopo,

² Quero deixar claro que esse é apenas um exemplo de discussão entre duas mulheres fictícias para melhor compreensão acerca dos discursos que envolve a construção do que é a língua e a linguagem. Não há nenhum posicionamento meu sobre como são as pessoas do interior ou capital. Ambas são personagens para compor nosso entendimento acerca de língua e linguagem.

tendo em vista que “cronotopia é a relação tempo-espaço envolvida na produção de discurso” (GEGE, 2013, p. 25).

Dessa maneira, a produção de discurso de cada uma acerca de seus posicionamentos está relacionada a um espaço-tempo único, mas que se choca com outros cronotopos axiologicamente refratados. Isso se explica pelo motivo já retratado acima acerca da construção socioideológica alicerçado na individualidade de cada uma das falantes. Toda interação discursiva por quais ambas passaram antes, estava relacionada a um espaço-tempo único e que é trazida no momento da discussão sobre cotas raciais. Logo, viver é posicionar axiologicamente, tendo em vista que qualquer enunciado remete a um posicionamento axiológico, ou seja, traz uma entonação valorativa. E, cada visão de mundo, cada sistema de crença socioaxiológico e socioideológico é materializado verbalmente por meio da língua carregada de inúmeras linguagens sociais (FARACO, 2013, p. 172-173).

Dando sequência ao nosso exemplo com as duas mulheres, ambas terminam a discussão e seguem suas vidas. Com o passar do tempo, novas vivências, leituras, contatos e discussões faz com que a mulher do interior tenha uma nova opinião sobre a temática, concatenado, agora, com a mulher da capital. Assim, ela passa a defender o sistema de cotas raciais em novos atos comunicacionais.

Nesse ponto, torna-se visível um enunciado caracterizado por vozes e cronotopos primeiros carregado socioaxiologicamente. Nesse aspecto, se aproxima Saussure afirmado por Benassi que

A dialética saussuriana é histórica e dinâmica: o indivíduo é produto-produutor, ativo-passivo, sendo que sua participação não se dá de forma consciente ou voluntária. Seu dinamismo provém tanto do seu aspecto temporal e sócio-histórico” (BENASSI, 2018, p. 53).

Consequentemente, somos seres constituídos a partir do outro, uma vez que todo enunciado não é o primeiro no elo da cadeia discursiva. Carregamos a voz do outro na nossa voz, logo, performamos em nossos atos de fala não a originalidade pura, mas sim uma originalidade transpassada de outros.

É na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E esse processo não surge de sua própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos. Constituímo-nos e nos transformamos sempre através do outro. É isso também que move a língua. (GEGE, 2013, p. 13).

Quando abordamos o ensino-aprendizagem de uma segunda língua é importante considerar o extralinguístico e não somente elementos abstratos que fazem parte da língua, uma vez que a língua é viva e concreta, transformando-se a todo instante a partir dos contatos sociais.

A teoria bakhtiniana explica sobre a unidade da língua como oração e a unidade da língua como enunciado de forma que uma não existe sem a outra. O enunciado necessita das unidades linguísticas da língua para que possa se concretizar e dentro desse viés, é importante sabermos relacionar as dualidades propostas por Saussure a fim de se esta-

belecer um ensino mais completo sobre a língua alvo.

Portanto, ao considerar o ensino-aprendizagem de uma língua se torna essencial e primordial encarar essa língua como materialização de inúmeras linguagens que estão intrinsecamente associadas ao histórico, social, cronotópico, axiológico, ideológico e à alteridade. Benassi pode complementar tal questão quando enfatiza a língua e linguagem para Saussure: “língua e linguagem, para o linguista genebrino, se retroalimentam: no ato de linguagem a língua se realiza e é nele que a mesma é gerada e (re)produzida” (2018, p. 54).

Encaramos a língua, no caso desse estudo, a Libras não apenas como um sistema linguístico, devendo, então, ser abordada no ensino-aprendizagem como segunda língua para ouvintes de maneira viva e contínua, já que “a língua, [...] não é transmitida: ela é continuada num processo de formação que é ininterrupto” (BENASSI, 2018, p. 61).

Tendo em mente a nossa perspectiva de língua e linguagem partiremos para uma conceituação de como acreditamos ser o ensino-aprendizagem, “isso porque a forma como a língua é percebida reflete fortemente na maneira como ela é ensinada” (GRANDI, 2017, p. 18).

Embora Bakhtin e Saussure apareçam unidos dentro desta seção, temos consciência de que ambos olham para seus objetos de estudo de maneira incomensurável. Isso porque Saussure tem uma compreensão de língua sistêmica e ideal, todavia, as novas contribuições do ELG não estão ligadas somente a um mundo abstrato. Já Bakhtin tem uma compreensão de língua mais concreta que posiciona a interação como essência.

É importante ressaltar que ambos autores foram combinados para elencar a visão que temos de língua e linguagem, para que então, possamos adentrar as possibilidades de ensino de tal ciência.

Entendemos que a língua enquanto um grupo linguístico de determinado povo é regido com fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática que precisam fazer parte do ensino-aprendizagem. No entanto, compreendemos que ela não é apenas regras abstratas que precisam ser memorizadas. A língua precisa ser vivida e, por este motivo, ela estabeleça sua própria vida dentro de um corpo social que está sempre mudando.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar de ensino-aprendizagem de uma segunda língua como é o caso da Libras para ouvintes é essencial ter em mente uma clara concepção acerca de língua e linguagem, uma vez que perpassam todo o construto ensino e aprendizagem. Torna-se impossível ensinar uma segunda língua de maneira significativa sem que haja uma construção sobre o que é a língua.

Nesse sentido, acreditamos que a língua deve ser encarada não apenas como um conjunto preciso de léxico e regras que devem ser somadas em uma sintaxe ideal, mas

sim como um objeto vivo que habita em um *continuum* social ininterrupto. Logo, deve fazer parte do complexo processo de ensino-aprendizagem de maneira próxima ao real e vivo utilizado dentro das esferas sociais.

Referências

BAKHTIN, M. (1895-1975). **Os gêneros do discurso I**. Organização, Tradução, Posfácio e Notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Borcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. BENASSI, C. A. **VisoGrafia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais**. Tese. Doutorado em Estudos de Linguagem. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Instituto de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

COLE, M. SCRIBNER, S. Introdução. In: VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad.: J.C. Neto, L. S. Menna Barreto, S.C. Afeche. São Paulo: Martins Fonte, 1998, p. 1-19

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, C. A. **A ideologia no/do Círculo de Bakhtin**. In: PAULA, L. de.; STAFUZZA, G. (Orgs.) **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2013. p. 167-182.

GEGe – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin**. Caderno de estudos I – para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

GRANDI, C. A. da S. **Relações entre o “pós-método” no ensino da língua estrangeira e a educação libertadora de Paulo Freire**. 98 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de PósGraduação em Educação, Criciúma, 2017.

SAUSURRE, F. de. [1970] **Curso de linguística geral**. Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. – 28. ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

VIEIRA, E. C.; COSTA, N. G. da. **Dialogismo e interação verbal na arquitetura bakhtiniana**. In.: NOVODVORSKI, A.; ROSA, G.; CHAGAS, L. **Ensaio em teorias linguísticas**. Uberlândia: EDUFU, 2016. 276 p.: il.

VOLÓCHINOV, V. (1895-1936). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: editora 34, 2018 (2ª edição).

CAPÍTULO 8

DUPLA ARTICULAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA, REFLEXIVA DOS ASPECTOS SEMÂNTICOS E GRAMATICAIIS¹

DOUBLE ARTICULATION IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: A
DESCRIPTIVE AND REFLECTIVE ANALYSIS OF SEMANTIC AND
GRAMMATICAL ASPECTS

Derli Aparecida Freitas Afonso

¹ Texto escrito sob orientação do professor Claudio Alves Benassi.

Resumo

O presente capítulo oferece algumas reflexões a respeito da dupla articulação da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nele, analisamos alguns sinalemas (sinais) de Libras articulados tanto na primeira quanto na segunda articulação para compreender como se dá o processo de incorporação de outras informações semânticas. Seleccionamos dois sinalemas para descrição, análise e registro gráfico, utilizando a escrita de sinais VisoGrafia. Ressaltamos que, apesar de haver pesquisas na área de Libras acerca da dupla articulação, percebemos ainda restarem alguns pontos a serem pesquisados. Com base nesse estudo, buscamos construir conhecimentos referentes aos aspectos existentes no processo da dupla articulação, que evidenciam a adição de novas informações semânticas a sinalemas já existentes por meio da modificação de seus elementos linguísticos. Como fundamentação teórica utilizamos os estudos de Benassi (2019) e Martinet (1971), os quais serviram como base para nossa busca por novos achados linguísticos. Desta forma, esperamos contribuir para os avanços das pesquisas no campo da linguística da Língua de Sinais.

Palavras-chave: Estudo morfossintático. Dupla Articulação. VisoGrafia.

Abstract

This chapter presents some reflections about the double articulation of the Brazilian Sign Language (*LIBRAS*). It has analyzed some *Sinalemas* (*LIBRAS* Language's Signs) through the first and second articulation to understand how the process of incorporating other semantic information occurs. In addition, two *Sinalemas* were chosen for its description, analysis and graphic recording, using Sign Writing: VisoGraphy. It's important to mention that, although, there is inquiries in the area of *LIBRAS* about double articulation, more research is still required. Therefore, this study contributes to the knowledge about the existing aspects of the double articulation process, which evidences new semantic information regarding the *Sinalemas* through the modification of their linguistic elements. Consequently, the theoretical foundation is based on the studies of Benassi (2019) and Martinet (1971), which evidences new linguistic findings. Finally, this is expected to increase to others researches from the field of Sign Language Linguistics.

Keywords: Morphosyntactic study. Double articulation. VisoGraphy.



1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista o crescente número de pesquisas na área da Libras, nota-se que, em relação aos estudos linguísticos, houve um crescente aumento. A Libras possui gramática própria e com estrutura diferente das línguas orais em virtude de sua modalidade que é visual-espacial. Ou seja, utiliza espaço e corpo para se efetivar e se tornar parte de um todo no enunciado, desde que respeitemos seus parâmetros: configuração de mão, locação, movimento.





Nosso objeto de estudo é a morfologia da Libras. Assim, neste capítulo, nos propomos a compreender a forma como os elementos linguísticos são incorporados em determinados itens lexicais da Libras, fenômeno que notadamente se dá pelo acréscimo de paremas, e cujo resultado é uma alteração na produção de sentido.



O nosso objetivo é bastante claro: analisar alguns sinalemas¹ (sinais) da Libras que se articulam morfemicamente para compreender como se dá o processo de incorporação de outras informações na perspectiva da dupla articulação, registrando os achados linguísticos por meio da escrita de sinais VisoGrafia.

Além disso, tencionamos compreender quais mecanismos e parâmetros linguísticos serão utilizados para que ocorra tal modificação, e assim compreender a relevância que tem a dupla articulação na Língua Brasileira de Sinais.

O aporte teórico virá da teoria estruturalista de Saussure (2004), que concebe a língua como um sistema linguisticamente estruturado, cujos elementos estabelecem entre si relações solidárias e que, ao serem observados, produzem sentido. Além de Saussure, utilizamos os fundamentos teóricos de Martinet (1971) sobre a dupla articulação da linguagem humana e Benassi (2019), que nos traz diversas contribuições acerca da dupla articulação aplicada à Língua Brasileira de Sinais por meio da VisoGrafia.

Mesmo sendo a fotografia o meio mais eficaz para o registro de dados linguísticos em pesquisa em língua de sinais, utilizaremos a escrita de sinais VisoGrafia para a realização de nosso estudo, pois entendemos que a escrita de sinais e o registro gráfico da Língua de Sinais evidenciam com maior verossimilhança os elementos linguísticos que queiramos evidenciar. Ou seja, por meio da escrita de sinais, podemos expor com maior facilidade quais são os elementos adicionados ao item lexical que lhe altera o sentido.

Para o nosso estudo, que ainda se encontra em fase embrionária, selecionamos os seguintes sinalemas da Libras: 1.  - 1.1.  (DOIS ANOS); 1.2.  (TRÊS ANOS); 2.  (AJU-

DAR) - 2.1.  (EU AJUDO); 2.2.  (VOCÊ ME AJUDA), no intuito de, por meio da planificação dos elementos linguísticos, verificar como se dá a incorporação de informações semânticas e

compreender por quais mecanismos elas são adicionadas.

2. BREVES CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS PARA O NOSSO ESTUDO

Neste tópico foram apresentadas algumas contribuições do pensamento linguístico de Saussure e da visão de Martinet. Compreendemos, contudo, que tanto o teórico genebrino como Martinet – o qual amplia as ponderações de Saussure sobre a fonologia e a morfologia – são absolutamente essenciais para a realização de nosso estudo.

2.1 Notas sobre o pensamento saussuriano

Ferdinand Saussure, professor e pesquisador suíço que viveu até 1913, é considerado hoje o pai da Linguística Moderna. Sua teoria sobre língua, proposta durante suas aulas na universidade de Genebra, continua a ser estudada até hoje e representa a base de muitas teorias mais recentes. Algumas das propostas de Saussure continuam sendo aceitas por várias correntes de pensamento linguístico contemporâneo.

Saussure tinha uma visão eminentemente social da língua. Para ele, a linguagem é uma capacidade que os homens têm para criar e usar os sistemas simbólicos como a língua, a dança, a mímica, a pintura, a escultura, o teatro etc. Entre esses sistemas, a língua se destaca como a norma para todos os outros demais sistemas, sendo a língua um sistema abstrato que se opõe à fala.

Saussure concebe a língua como sistêmica, ou seja, um todo operacionalizado por meio de regras normativas idênticas, sendo, portanto, estruturada. Para Saussure, a língua é um sistema composto por elementos que entre si estabelecem relações solidárias.

Ele enxerga a língua como um todo ordenado, cuja estrutura está regimentada normativamente, logo, o sentido nasce da perfeita relação dos elementos linguísticos dentro do sistema. Desse modo, no sistema linguístico saussuriano, a estruturação dos elementos se dá mediante a negatividade.

A negatividade dos elementos está na diferença dos termos, se tornando assim o seu valor linguístico. Noutras palavras, a negatividade de um elemento linguístico está no fato de ele não ser o outro. Assim sendo, um fonema X o é porque não é Y, e Y assim o é por não ser X.

Por outro lado, conforme o autor, para se obter valor linguístico é necessária a aditividade. Saussure enfatiza que o signo só existe porque ganhou uma significação e essa significação só existe porque o signo foi criado, por fim uma relação entre relações, valor relativo. Logo, o signo só tem valor quando não é um signo. Saussure trabalha a língua como sistêmica, com regras normativas idênticas, estruturada (um sistema com elementos).



A língua para ele é composta por partes e essas partes são as palavras e essas palavras são solidárias às outras, ligadas por regras. O sentido para Saussure tem que estar de acordo com todas as regras gramaticais, sendo que a negatividade dos elementos está na diferença dos termos, se tornando, assim, o seu valor linguístico. Ainda que utilizando de meios diversos, para existir valor, tem que existir a aditividade.

Desta forma, o autor nos embasa. E nos mostra que, diante dos achados linguísticos, utilizaremos dos conceitos saussurianos para fazermos nossas análises e, posteriormente, as devidas descrições que devem estar de acordo com todas as regras gramaticais da Libras.

2.2 Notas sobre a dupla articulação da linguagem humana

Segundo Martinet (1971 p. 177),

Tudo pode mudar numa língua: a forma e o valor dos monemas (é o menor segmento de discurso ao qual se pode atribuir um sentido, este está na primeira articulação), ou seja, a morfologia e o léxico; a dos monemas no enunciado, quer dizer, a sintaxe; a natureza e condições de emprego das unidades distintivas, isto é, a fonologia. Aparecem novos fonemas (unidades distintas), novas palavras, novas construções, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de frequência e caem no esquecimento (p.177).²

Martinet (op. cit. p.15) afirma que, ao se pensar na imensa variedade e necessidade comunicativa da humanidade, compreende-se que a linguagem não poderia ser concebida sem a dupla articulação.

Toda língua pode ser articulada. E, sendo este um fator que nos diferencia dos outros animais, a teoria da dupla articulação nos leva a pensar que, cada vez mais, a Libras pode e deve ser pesquisada com base nessa teoria. A contribuição com os estudos linguísticos da área seria imensa: um estudo detalhado de sentidos e signos; a função dos morfemas, unidades componentes da primeira articulação, os quais possuem a capacidade de se combinarem e construir frases e orações para por fim serem divididos em partes menores.

Segundo Lopes (2008, p. 48) cada parte analisada são articulações. São cadeias de significantes feitas através da divisão (articulação) das partes menores, porém significativas em sua individualidade, articulação, parte contribuindo para uma economia de vocábulo/sinais, significativa em sua estruturação no ato do enunciado, ofertando uma melhor comodidade aos seus usuários.

Segundo Martinet (1971, p. 15),

Se as línguas concordam todas em praticar a dupla articulação, todas dife-

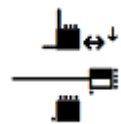






² Para Martinet (1971), “monema” é o termo que define a unidade mínima que comporta sentido. Corresponde à “morfema”, palavra comumente empregada na área da linguística.

rem sobre a maneira como os utentes de cada uma delas analisam os dados da experiência e a maneira como fazem render as possibilidades facultadas pelos órgãos da fala. Por outras palavras, cada língua articula à sua maneira tanto os enunciados como os significantes.






3. BREVES APONTAMENTOS SOBRE A LIBRAS E SUA LINGUÍSTICA

A Libras é um sistema linguístico devidamente estruturado que possui regras próprias que a regulam. Assim como qualquer outro sistema linguístico, a Libras apresenta as áreas propostas por Saussure: fonologia, que aqui chamamos paremologia, morfologia e sintaxe. A seguir, apresentamos alguns exemplos dessas áreas:

Reproduzindo uma análise do poema "O pôr do sol" encontrada em Benassi (2022, p. 78), teríamos em relação ao verso , como exemplo da sintaxe da Libras:

Analisando temos:  (*pôr do sol*) é o sujeito simples da enunciação, no qual  (movimento que comporta o morfema "descer", "se por", "para baixo") é núcleo nominal e  (*sol*) é o adjunto adnominal da oração;  temos o predicado nominal, no qual  (*significa*) verbo transitivo que é utilizado em substituição ao verbo  (*é*) que, por ser um verbo de ligação, não é marcado na Libras, por isso, a função que o verbo () assume na oração é ligar os termos que o antecedem e o sucedem.

Como exemplos da morfologia, segundo Benassi (2022, p. 87), teríamos o seguinte:

ANÁLISE MORFOLÓGICA (1ª articulação da Libras)			
	(PÔR DO SOL) = morfema		
	Sinalema neológico: substantivo masculino imagem-descrição		
			
	(SOL) = morfe	(MOVIMENTO DIRECIONAL DESCENDENTE) =	(HORIZONTE) =
	sinalema datilológico -	alomorfe	alomorfe
	Substantivo masculino	Ação de descer	Substantivo masculino
	(SIGNIFICAR) = morfema		
	Verbo transitivo direto, com função de ligação		




	(MOMENTO) = morfema Substantivo masculino
	(ME ABRAÇA) = morfema Verbo transitivo direto e pronominal
	 (ABRAÇAR) = morfe Verbo transitivo direto e pronominal

Tabela 01. Análise morfológica do verso “O pôr do sol é o momento no qual o sol me abraça” do poema “O pôr do sol” de Cao Benassi. Fonte: Benassi (2022, p. 87).

Em relação à paremologia, teríamos como exemplo, segundo Benassi (2022, p. 87), o seguinte:












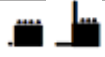
ANÁLISE PAREMOLÓGICA (2ª articulação da Libras)		
SINALEMA		(SOL)
CONFIGURAÇÃO DE MÃO		
CONFIGURAÇÃO DE DEDO POLEGAR		
CONFIGURAÇÃO DOS DEMAIS DEDOS		
ORIENTAÇÃO DE PALMA		
LOCAÇÃO		

Tabela 01. Análise paremológica do sinalema  (SOL). Fonte: Benassi (2022, p. 87).

Segundo Benassi (2019), paremologia é a área de estudos das menores partes da língua de sinais, ou seja, estuda os paremas. Esses podem assim ser determinados:

- 1) Configuração de mão: a. Configuração de dedo polegar; b. Configuração dos demais dedos: dedo indicador, dedo médio; dedo anular; dedo auricular; c. Orientação da palma.
 - 1.2. Configuração dos demais dedos (indicador, médio, anular e auricular) — flexionado nas duas articulações (fechado na palma e angular à palma); arqueado; flexionado na primeira articulação (inclinado); estendido paralelamente à palma.
 - 1.3. Orientação de palma — para frente; para trás; para medial; para distal; para cima; para baixo.
- 2) Locação: a. Ponto de articulação; b. Ponto de contato.
- 3) Movimento: a. Movimentos direcionais; b. Movimentos circulares; c. Movimento de braço; d. Movimento de dedos; e. Movimento da cabeça; f. Movimento da face; g. Movimento da língua; h. Movimento do tronco. Configuração do polegar — curvo (flexionado nas duas articulações e fechado na palma) e curvo (flexionado na segunda articulação e aberto); estendido

3 Refere-se ao ponto de articulação, elemento linguístico da língua de sinais; espaço neutro.

(verticalmente paralelo à palma, horizontalmente ao lado da palma, perpendicular à palma e encostado na palma).

Lembrando que o nosso foco será na primeira articulação com foco apenas na configuração de mãos e suas características que envolvem (a. Configuração de dedo polegar; b. Configuração dos demais dedos: dedo indicador, dedo médio; dedo anular; dedo auricular; c. Orientação da palma).

4. ANÁLISE DO CORPUS

Como relatamos na introdução, selecionamos seis sinalemas do léxico da Libras para compor o corpus de nosso estudo. Os sinalemas são os seguintes: 1. (ANO) - 1.1. (DOIS ANOS); 1.2. (TRÊS ANOS); 2. (AJUDAR) - 2.1. (EU AJUDO); 2.2. (VOCÊ ME AJUDA). A nossa escolha se deu pelo fato de eles apresentarem a incorporação de informação semântica, sendo que os sinalemas 1 e 2 são substantivos quantitativos; e do 3 ao 6, verbos que se flexionam em pessoa, ou seja, incorporam o sujeito ativo e o passivo da ação.

Apresentamos a seguir a planificação dos elementos linguísticos dos sinalemas (ANO); (DOIS ANOS); (TRÊS ANOS):

(DOIS ANOS)				(DOIS ANOS)				(TRÊS ANOS)			
		•	•			•	•			•	•
		•	•			•	•			•	•
		•	•			•	•			•	•
		•	•			•	•			•	•
		(Espaço neutro)			(Espaço neutro)			(Espaço neutro)			(Espaço neutro)
	Direcional para cima e para baixo	-		Direcional para cima e para baixo	-		Direcional para cima e para baixo	-		Direcional para cima e para baixo	-
Escrita paremológica do sinalema				Escrita paremológica do sinalema				Escrita paremológica do sinalema			

Tabela 01. Quadro com a planificação dos elementos paremológicos que constituem os sinalemas. Fonte: elaboração da autora.

Os sinalemas são bimanuais assimétricos, ou seja, as mãos não compartilham de todos os elementos linguísticos de forma simétrica. Como podemos verificar, na escrita

paremológica $\begin{matrix} * \\ \square \\ \updownarrow \end{matrix}$ - $\left[\begin{matrix} \dots & \square & \emptyset & \updownarrow & - \\ \dots & \square & \emptyset & \updownarrow & \end{matrix} \right]$, $\begin{matrix} * \\ \square \\ \updownarrow \end{matrix}$ - $\left[\begin{matrix} \dots & \square & \emptyset & \updownarrow & - \\ \dots & \text{II} & \square & \emptyset & \updownarrow \end{matrix} \right]$ e $\begin{matrix} * \\ \square \\ \updownarrow \end{matrix}$ - $\left[\begin{matrix} \dots & \square & \emptyset & \updownarrow & - \\ \dots & \text{III} & \square & \emptyset & \updownarrow \end{matrix} \right]$, podemos concluir que a configuração de mão da mão esquerda /...../□/ se mantém inalterada, no entanto, a mão direita – que é a dominante – varia nos sinalemas: /...../□/, /II../□/ e /III../□/.

Os sinalemas em tela podem ser claramente divididos em duas partes distintas em relação ao seu sentido. Defendemos que o sentido relacionado ao tempo ($\begin{matrix} * \\ \square \\ \updownarrow \end{matrix}$) está contido no elemento configuração de mão esquerda /...../□/ que não se altera em nenhum dos demais sinalemas.

Já em relação as configurações da mão direita /II../□/ e /III../□/, temos com modificação das configurações de dedo, a adição do sentido de quantificação. Logo, a variação paremológica nas configurações de mão dos sinalemas é que provoca a alteração no sentido que ele carrega.

Julgamos que isso ocorre pelas características das configurações de mão nesses sinalemas. A estrutura dos dedos totalmente curvos e fechados que caracteriza o sinalema $\begin{matrix} * \\ \square \\ \updownarrow \end{matrix}$ favorece a incorporação dos números quantitativos $\begin{matrix} \text{II} \\ \text{II} \end{matrix}$ (DOIS) e $\begin{matrix} \text{III} \\ \text{III} \end{matrix}$ (TRÊS), cujas configurações de dedos estendidos também a corrobora.

Assim sendo, podemos identificar nos sinalemas expostos o pressuposto saussuriano da relação solidária entre os elementos linguísticos. Noutras palavras, a incorporação dos numerais quantitativos $\begin{matrix} \text{II} \\ \text{II} \end{matrix}$ e $\begin{matrix} \text{III} \\ \text{III} \end{matrix}$ no sinalema $\begin{matrix} * \\ \square \\ \updownarrow \end{matrix}$ só se dá pelo fato de que a estrutura da configuração de mão /...../□/ é solidária a alteração para quantificar o tempo.

Para finalizar a nossa breve análise desses sinalemas, trazemos aqui o numeral quantitativo $\begin{matrix} \text{V} \\ \text{V} \end{matrix}$ (CINCO). Sabemos que as incorporações numéricas na Libras vão do numeral $\begin{matrix} \text{I} \\ \text{I} \end{matrix}$ (UM) ao $\begin{matrix} \text{IV} \\ \text{IV} \end{matrix}$ (QUATRO). Cremos que o fenômeno só é passível de ser realizado em sinalemas cujas configurações de mão sejam operacionalizadas por configurações de dedos curvos-fechados e estendidos.

Nossa análise se baseou na articulação paremológica da Libras, na segunda articulação, para a visualização dos elementos linguísticos que são alterados nos sinalemas selecionados e, além disso, também damos ênfase na morfologia, primeira articulação da Libras, respeitando sempre a sua modalidade visual-espacial.

É importante aqui enfatizar que, para Martinet (1971), todas as línguas fazem a dupla articulação. Isso equivale dizer que a língua de sinais possuindo status de língua, também o faz. No entanto, como enfatiza o autor, cada língua o faz à sua maneira. Nossos exemplos não nos permitiram elucidar a questão, mas vale frisar que identificamos na Libras o pressuposto do autor.

Passemos agora para a análise do segundo caso.

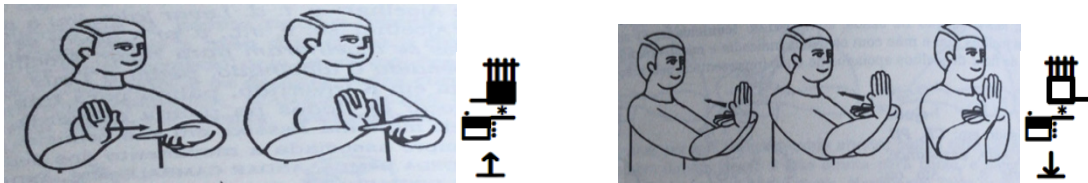


Figura 01. Sinalema AJUDAR. Fonte: Capovila (2013 p. 314) Capovilla C.f.; Rapfael D.w.; Mauricio C.A.

AJUDAR			
 (C.M.)	 (C.D.)	 (M.E.)	 (M.D.)
		•	-
			↑
		•	↑
		•	↑
 (O.P.)	 (P.A.)	 (Espaço neutro)	 (Espaço neutro)
		 (Lc.)	 (Lateral dos dedos)
Escrita paremológica do sinalema			

EU AJUDO			
 (C.M.)	 (C.D.)	 (M.E.)	 (M.D.)
		•	-
			↑
		•	↑
		•	↑
 (O.P.)	 (P.A.)	 (Espaço neutro)	 (Espaço neutro)
		 (Lc.)	 (Lateral dos dedos)
Escrita paremológica do sinalema			

VOCÊ ME AJUDA			
 (C.M.)	 (C.D.)	 (M.E.)	 (M.D.)
		•	-
			↑
		•	↑
		•	↑
 (O.P.)	 (P.A.)	 (Espaço neutro em frente ao tórax)	 (Espaço neutro em frente ao tórax)
		 (Lc.)	 (Lateral dos dedos)
Escrita paremológica do sinalema			

Tabela 02. Quadro com a planificação dos elementos paremológicos que constituem os sinalemas. Fonte: elaboração da autora.

Em relação a esses dois sinalemas, ambos são bimanuais assimétricos. Grafamos

(- AJUDAR) sem movimento, no entanto, reconhecemos que, o que mais observamos em relação à forma infinitiva desse verbo, é que ele é corriqueiramente sinali-

zado com movimento muito parecido ao da forma (- EU TE AJUDO).

Para efeitos de análise, tomemos e (- VOCÊ AJUDA A MIM). Neles, a orientação da palma, elemento linguístico visual que compõe a configuração da mão, é alterada. Assim sendo, temos então os artefatos paremológicos // e // da mão dominante (direita, neste caso), como sendo o elemento disjuntivo do sentido, ou seja, que diferencia o sentido.

Os demais elementos linguísticos constantes nas configurações da mão dominante em ambos os sinalemas não são totalmente alterados: configurações de dedos se mantêm

inalteradas nas duas ocorrências, como pode ser visto nas escrita paremológica delas: // / e // .

A partir destas premissas e retomando Saussure, percebemos pela planificação dos dados linguísticos dos sinalemas que no sistema linguístico da Libras, existe uma relação solidária na utilização da orientação da palma, a qual permite que o sentido do sinalema seja alterada mediante a mudança do posicionamento dela.

Outro ponto que pode ser ressaltado, tanto nesse caso como no anterior por nós analisado, é que a incorporação de numerais no sinalema $\left[\begin{array}{c} \dots \square \emptyset \uparrow - \\ \dots \square \emptyset \uparrow \downarrow \end{array} \right]$ e no $\left[\begin{array}{c} \dots \square \emptyset \uparrow \\ - \uparrow \uparrow \uparrow \square \emptyset \downarrow \end{array} \right]$ corroboram com a tese de Martinet (1971) de que a dupla articulação da linguagem humana promove no sistema uma economia linguística.

Noutras palavras, a dupla articulação permite, no caso da língua de sinais, por exemplo, que novos sinalemas sejam criados a partir daqueles que já existem, implementando pequenas mudanças estruturais, quer seja pela incorporação, quer pela mudança de elementos internos, tais como orientação de palma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da VisoGrafia, sistema de escrita de sinais por nós escolhido para o desenvolvimento das análises e descrições nesta pesquisa, foi possível apontar e descrever exatamente os elementos linguísticos que adicionam informações semânticas a estruturas primárias já existentes em determinados itens lexicais da língua de sinais.

Por meio da dupla articulação, tanto a primeira quanto a articulação da Libras permitiram-nos visualizar os elementos que operacionalizam a alteração dos sentidos dos morfemas primários, dando a estes novos sentidos. Notadamente, por meio de nossa análise é possível afirmar que isso foi possível graças ao mecanismo da seleção de dedos nas configurações de mãos, cujas configurações de dedos são inicialmente curvadas-fechadas e estendidas ao final. Percebe-se ainda que a orientação da palma também é um elemento linguístico que, em determinados sinalemas, permite a alteração do sentido original ou primário.

Com base em nossa análise, concluímos que é necessário o aprofundamento desses experimentos para determinar com precisão as formas com as quais as mudanças, adições e interações estruturais se dão no sistema linguísticos da língua de sinais, permitindo assim, também, alterações de sentido a partir de um morfema primário.

Desse modo, deixamos aqui o nosso desejo de, num futuro breve, poder ampliar nosso entendimento sobre a dupla articulação com foco na Libras, pois consideramos esse assunto de grande importância para os estudos linguísticos da área, contribuindo sobremaneira para o fortalecimento morfossintático dessa língua.

Referências

BENASSI, C. A. **VisoGrafia: o problema do conteúdo, material e forma na escrita de sinais**. 2019. 336 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2019.

_____. **Três ensaios teóricos-filosóficos: a linguística hermética, a dupla articulação da Libras e a esteses do ser**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

CAPOVILA C.F.; RAPHAEL D.W.; MAURICIO C.A. **Novo Diet-Libras**. Língua Brasileira de Sinais. São Paulo: SP. 3ª edição. Revista Ampliada, 2013.

LOPES, E. **Fundamento da linguística contemporânea**. Prefácio de Eduardo Peñuela Cañizal. – 20. ed. – São Paulo: Cultrix, 2008.

MARTINET, A. [1968] **A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

MARTINET, A. [1971] **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: livraria Sá da Costa Edictora.



CAPÍTULO 9

PROLEGÔMENOS TEÓRICOS ACERCA DO REGISTRO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS E DAS LÍNGUAS DE SINAIS BRASILEIRAS (LIBRAS)

THEORETICAL PREAMBLE ABOUT THE REGISTRATION OF INDIGENOUS
LANGUAGES AND BRAZILIAN SIGN LANGUAGES (LIBRAS)

Jislaine da Luz

Maria Emília Novaes dos Santos

Resumo

O presente capítulo apresenta uma revisão bibliográfica acerca das línguas indígenas e línguas de sinais brasileiras relacionadas à (in)visibilidade linguística tanto no registro quanto nas políticas linguísticas existentes, destacando a realidade das línguas indígenas e línguas de sinais brasileiras oficiais, cooficiais e emergentes. A base teórica é composta pelo diálogo entre os conceitos de língua, cultura e sociedade fundamentados em Hall (2015), Calvet (2007, 2002), Albó (2005), Fargetti e Miranda (2016), Morello (2012) e Higounet (2003), que também abordam a potencialização do uso da escrita e os espectros de aplicabilidades. Os resultados evidenciam as dificuldades de interação comunicativa desses sujeitos, principalmente fora de suas comunidades linguísticas, e apontam para reflexões sobre as imposições que, mesmo que de forma velada, ainda vigoram. É necessário ampliar as discussões no âmbito científico e, sobretudo, aproximar de maneira efetiva as ações que impulsionam a prática e a valorização do registro das línguas em questão e a realidade dessas comunidades de fala minorizadas. Conquistas atuais, como a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e cooficializações municipais de algumas línguas indígenas são resultantes de lutas históricas pelo reconhecimento da diversidade linguística brasileira. Contudo, à sombra delas, ainda perduram silenciamentos nesses contextos linguísticos, no que se refere às esferas de aplicação das políticas linguísticas genéricas existentes. O emprego da prática de escrita permitirá inúmeras possibilidades de acesso para todas as comunidades que estão em desvantagens linguísticas, além da visibilidade e do poder linguístico que esse fenômeno acarretará.

Palavras-chave: Registro; línguas indígenas; línguas de sinais brasileiras.

Abstract

This chapter is a bibliographical review about indigenous languages and Brazilian Sign Languages (LIBRAS) from the linguistic (in)visibility that includes the registration and the existing linguistic policies. It highlights the reality of indigenous languages and Brazilian Sign Languages, the official, co-official and emerging languages. The theoretical basis exposes key concepts such as language, culture and society, from the perspective of authors such as: Hall (2015), Calvet (2007, 2002), Albó (2005), Fargetti and Miranda (2016), Morello (2012) and Higounet (2003); they discuss the strengths of the use of writing and the spectrum of its applicability. The results show the communicative interaction difficulties of these subjects, especially outside their linguistic communities. Thus, it invites us to reflect on the impositions still in force. In addition, further discussions are required in the scientific field to articulate assertive actions that promote the practice and appreciation of the register of the languages mentioned, including the context of these minority speech communities. It is important to mention that the officialization of the Brazilian Sign Language and the municipal co-officialization of some indigenous languages are the result of historical struggles for the recognition of Brazilian linguistic diversity. However, there is still a silence on these linguistic contexts and the application of existing generic language policies. Finally, the use of the practice of writing will allow more possibilities of access for all communities that are linguistically disadvantaged, generating visibility and greater linguistic power.

Keywords: Registration; Indigenous languages; Brazilian Sign Languages (LIBRAS).



1. INTRODUÇÃO: AS LÍNGUAS... VEDE A DISCUSSÃO!

O presente capítulo apresentará reflexões acerca das línguas indígenas e de sinais brasileiras, considerando a pluralidade de variedades existentes nessas línguas, oficiais, cooficiais e outras não oficializadas. Discutiremos, ainda, alguns aspectos ligados a elementos linguísticos que compõem o arcabouço **sócio-histórico-cultural** e os pontos de convergência entre elas, além de evidenciar os desafios estabelecidos entre *status* e *corpus* (CALVET, 2007) destacando os graus de uso, de reconhecimento e de funcionalidade das línguas, conforme segue:

- Seu *grau de uso*, isto é, a porcentagem de falantes no país considerado (o *corpus* de Chaudenson);
- Seu *grau de reconhecimento*, isto é, o grau de oficialidade da língua (o *status* de Chaudenson);
- Seu *grau de funcionalidade*, isto é, as possibilidades que a língua tem de preencher as funções destinadas a ela (que pode se aproximar da relação atributos/funções de Falsod). (CALVET, 2007, p. 51).

Adentrando as questões linguísticas pertencentes à cultura do lugar comum, temos no Brasil o cultivo de uma ideia geral de um país monolíngue à sombra de muitas outras línguas coexistentes, como mostram os apontamentos de Fargetti e Miranda (2016):

Entretanto, apesar de o português ser majoritário no território brasileiro, há mais de 200 línguas (autóctones e alóctones) faladas no nosso país. Este número nos coloca como o país de maior diversidade e densidade linguística no contexto sul-americano, sendo que a maior parte dessas línguas está na Amazônia (FARGETTI; MIRANDA, 2016, p. 79-80).

O fenômeno da crença da existência do monolingüismo ainda em vigor em nossa realidade é reflexo de um apagamento histórico que reverbera em dados ao longo dos anos. Segundo o último Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “dos 896.917 brasileiros que se declararam como indígenas, apenas 37,4% falam sua língua nativa e 17,5% não sabem português” (FARGETTI; MIRANDA, 2016, p. 80).

Na mesma situação, existem mais de nove milhões de pessoas que afirmam ter algum grau de deficiência auditiva, e, dessa forma, necessitam de outra língua para estabelecer a comunicação. Nesta alçada, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) – em vigor desde 2002, quando foi reconhecida legalmente como uma das línguas oficiais do Brasil – traz consigo a questão da pluralidade de línguas de sinais existentes.

E hoje está na pauta das discussões sobre a política linguística do país (Brasil, 2002). Em um caminho paralelo, outras línguas de sinais foram identificadas por estarem em uso nas comunidades indígenas, tais como a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), descrita por Lucinda Ferreira (Ferreira, 2010), os Sinais Kaingang da Aldeia (SKA), descrita por Marisa Giroletti (GIROLETTI, 2008) e os sinais Terena (SUMAIO, 2014) (BRUNO; COELHO, 2016, p. 685-686).

A diversidade linguística brasileira vai além do aparente, do que é visível e “dizível”. Oculta nos dados oficiais, ela origina um hiato na realidade linguística entre o oficial e as variações do que vem a ser abarcado nas políticas linguísticas, pois, além de pertencer ao patrimônio cultural de nosso país, necessita do reconhecimento também do que abrange o nacional, caso contrário o efeito de marginalização, esquecimento e invisibilidade é inevitável.

É preciso entender que o conceito de língua como um todo, incluindo a oralidade e o registro, significam espaços de direito. Para Coulmas (2014, p. 134) “é um atributo do poder, escrever é potencialmente um meio de empoderamento”. Outrossim:

A escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. Para além de modo de imobilização da linguagem, a escrita é uma nova linguagem, muda certamente, mas, segundo a expressão de L. Febvre, “centuplicada”, que a disciplina do pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza (HIGOUNET, 2003, p. 9-10).

Pesando na decorrência da leitura, o capítulo apresenta, a priori, as concepções acerca da língua, cultura e sociedade, o que reflete diretamente no debate concernente aos sentidos da língua para os sujeitos à luz do dialogismo nas interações reais. Considerando os contextos das línguas indígenas e das línguas de sinais brasileiras, debatemos também a presença das fronteiras borrosas na dualidade linguística existente: visibilidade e/ou invisibilidade, inte-relacionados aos conceitos de nacional e oficial. As considerações finais e as referências bibliográficas serão expostas no término do capítulo.

2. PROLEGÔMENOS TEÓRICOS NO QUE CONCERNE AO REGISTRO, À LÍNGUA, À CULTURA E À SOCIEDADE

É bem verdade que o registro de uma língua gera influências riquíssimas, pois potencializa sua relevância social. Para Higounet (2003) “não existe história que não se funde sobre textos”. Outro fator importante destacado por Higounet é o papel da escrita em preservar, ao longo da história, todo fenômeno sócio-histórico-cultural de um povo:

A escrita é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo (2003, p.10).

À luz do conceito de identidade é imprescindível refletirmos acerca da relação entre língua, cultura e sociedade¹ e os aspectos que impactam positivamente ou negativamente na formação da(s) identidade(s) dos sujeitos imersos nesta questão. Coadunamos com o conceito de identidade abordado por Hall (2015), em que a identidade “costura o sujeito à estrutura [...], estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam” (HALL, 2015, p. 11).



Uma das indagações relacionadas à tríade que direciona esse tópico, língua, cultura e sociedade, se refere às superfícies do que é visível. Albó (2005) nos chama a atenção para as diferenças aparentes físicas, linguísticas, culturais, locais, históricas e, num nível nem tão perceptível assim, sociais.

Podemos dizer que o que nos “salta aos olhos” da cultura nacional acaba por demarcar fronteiras culturais visíveis e exclui as culturas outras, invisibilizadas. Nessa premissa, o autor assevera que nenhum sujeito nasce sem uma matriz cultural, ou seja, todos somos resultantes de entrelaçamentos culturais de uma matriz e, partir dela, é que formamos a nossa identidade cultural, conforme segue:

Quando a mãe dá à luz esse novo ser humano, ele não fica entregue à própria sorte. Encontra-se imediatamente envolvido por uma nova matriz, que já não é física, mas social e cultural. Nela, a mãe continua a desempenhar um papel fundamental, e junto com ela a família próxima. A partir daí, passam a se abrir círculos cada vez mais amplos: os parentes, a escola, a igreja, a comunidade, o bairro, o povoado ou a cidade, e também esta janela aberta ao mundo todo que são os meios de comunicação. Tudo isso constitui a paisagem social e cultural em que a vida desse ser irá se desenvolvendo: todo esse conjunto é a matriz cultural que torna possíveis sua vida e seu desenvolvimento (ALBÓ, 2005, p. 15).

Nesta perspectiva, é essencial ponderar como essas identidades nacionais vêm sendo construídas na edificação social para os sujeitos surdos e indígenas no Brasil. Podemos falar de uma cultura nacional que respeita as especificidades? Na questão da cultura, mesmo nas culturas de menor prestígio, muitos caminhos se entrelaçam, contudo, há uma linha fluida que as divide.

Neste sentido, tomado pela análise do social, a partir da visão de Bourdieu (2010) se apresenta a “via de regra” da reprodução dos princípios de classificação e relações de força e poder existentes e necessárias à estrutura social, além do que, reproduz a mesma hierarquia social da qual fora excluída. Coadunamos com Calvet (2002) quanto à referência que o autor faz às línguas veiculares, as quais podem ser encontradas nas práticas sociais de países plurilíngues ou no caso de comunidades indígenas.

Verificamos que o mesmo juízo de valor ainda é atribuído ao todo cultural dessas comunidades, às suas línguas e às microestruturas sociais, como podemos constatar em diversos estudos científicos em sociedades indígenas e de surdos, gerando, nesse vácuo, distanciamentos daquilo que é legitimado, o que pode causar até mesmo conflitos internos e, por vezes, silenciamentos sepulcrais, oriundos desse conjunto de negação ao outro, diverso do padrão.

3. DIREITOS E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS: VISIBILIDADE E/OU INVISIBILIDADE

Devemos ressaltar que o debate acerca dos direitos linguísticos, coletivos e individuais, como quaisquer outros nessa esfera cultural, é bem mais abrangente e encontra-se, muitas vezes, à deriva, como pondera Rodrigues (2018):

Considerados por "fundamentais", os direitos de mera existência da língua na de políticas linguísticas não são a mera existência de línguas. Considerados no confronto

É preciso entender também que, frequentemente na compreensão errônea do termo "diversidade linguística" de um povo em unidade, trata-se de uma diversidade linguística e também dos direitos que vivenciamos "um processo bastante complexo de declarações, recomendações e negociações entre as línguas no interior do país".

Na investida de construir instrumentos de diversidade linguística e também dos direitos que vivenciamos "um processo bastante complexo de declarações, recomendações e negociações entre as línguas no interior do país".

No Brasil, apesar de moroso, há um reconhecimento da diversidade linguística e das garantias desse direito para sujeitos e línguas.

[...] utilizam outras línguas como efeitos de poder suave na Constituição nacional somente para línguas indígenas ou de línguas "legais" da Língua Portuguesa.

Em relação ao termo "direito", para os sujeitos que margeiam o que se entende como escolha envolve além do direito de imposição e interrupção de poder próprio. O trecho a seguir traz uma reflexão e coletivo no campo linguístico.

Considerando essa perspectiva, dizer Enrique Hamele é justificativa que se distingue entre duas línguas (HAMELE, 2003, p. 5). O direito humano tem direitos de falar e, nesse sentido, os direitos fundamentais do sujeito linguístico seriam perdidos se os direitos econômicos, sociais e culturais se coloca favorável ao individual e o coletivo de considerar, segundo seus direitos individuais e sobreviva sua língua (2018, p. 36 – 37).

Falar outra língua, ou a língua específica de uma determinada comunidade de fala², se revestiu de atitudes negativas para seus falantes, pois a língua que não corresponde à língua padrão ou à oficial acarretou na construção da edificação social monolíngue vários tipos de exclusão e, segundo Morello (2012), metamorfoseou em conceitos – ou preconceitos – a percepção do desempenho linguístico de cada um, o que se agrava se olharmos a situação das línguas específicas. Tudo isso afeta diretamente a língua tomada como “diferente”, “feia”, “errada”, “inexistente”, “gestual” “mímica”, juntamente com os sentidos e as memórias que a identificam no sujeito estigmatizado.

Essa condição histórica e ideológica de apagamentos sociolinguísticos constitui um desafio para a pesquisa científica, condizente ao que indica como resultado porque “carecem de qualquer instrumento de reconhecimento e registro em nível nacional” (MORELLO, 2012, p. 37), colocando-se a necessidade da criação de estratégias específicas e maior representação frente aos poderes institucionais. Cunha (1995) menciona o jogo semântico existente nessas representações, como segue:

Os traços culturais tornam-se assim no mínimo bissêmicos: um primeiro sentido pretende-se ao sistema interno, um segundo ao sistema externo. Usar um cocar pariko em um ritual Bororo é uma coisa, usá-lo em uma coletiva de imprensa para reivindicar direitos indígenas na Assembleia Constituinte é outra. Mas o cocar é o mesmo e é essa mesmice que nos conduz ao erro. (CUNHA, 1995, p. 130).

Para além dos aspectos semânticos herdados ou construídos nas relações entre as sociedades, a presença de mais de 200 línguas no Brasil de hoje – sejam elas indígenas, de imigração, crioulas, afro-brasileiras ou de sinais, é um número alarmante se comparado ao contato inicial com aproximadamente 1500 línguas outrora existentes e configura a expressão de uma diversidade linguística que resistiu e emergiu das necessidades comunicativas de seus falantes, os quais também investiram na luta pela identidade do cidadão brasileiro, bem como de sua língua específica.

Mussato e Souza (CALVET, 2007 *apud* MUSSATO; SOUZA, 2020 p. 135), conceituam política linguística a partir da “categorização de intervenções na língua; nas relações entre as línguas; língua e sociedade, decorrente de políticas públicas”. Significada pelo binômio planificação linguística, temos a representação referente à correspondência das escolhas na relação entre língua(s) e sociedade com foco na implementação prática dessas escolhas subdividida em dois eixos interligados assim descritos:

Entendemos que a política linguística está voltada a uma prática de caráter estatal-legislativo, debruçando-se, por exemplo, sobre a oficialização de línguas, a representação gráfica de uma língua, sua hierarquização formal. No segundo eixo, o planejamento linguístico se volta para a implementação das decisões sobre a língua por meio de estratégias políticas, influenciando o comportamento dos sujeitos em relação à aquisição e ao uso dos códigos linguísticos, distinguido entre planejamento de *corpus* e planejamento de *status* (CALVET, 2007 *apud* MUSSATO; SOUZA, 2020 p. 135).

2 Comunidade de fala é abordada neste capítulo a partir dos estudos de Weinreich; Labov; Herzog (1968), em que há congruência no uso social das mesmas regras entre os sujeitos que as compartilham, porém, coexistem subgrupos que não afetam a harmonia da comunidade como um todo, mas revelam os comportamentos dos sujeitos que ainda assim pertencem à mesma comunidade de fala. (LABOV, 2008).

Ao fim, ressalta-se que o contato linguístico para Monteiro (2010, p. 58) “é uma constante na dinâmica das línguas e não deve ser temido ou combatido” e precisa ser visto como algo que propicia o enriquecimento linguístico de um país, jamais o seu contrário. Calvet (2007, p. 51) afirma que se pode considerar uma outra relação entre as línguas e as questões nacionais. Ou seja, pelo viés “das línguas em relação a um país e não mais um país em relação a uma língua”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordando com Mussato e Souza (2020, p. 141), faz-se necessário que todos nós, pesquisadores e agentes instituidores de políticas públicas, dediquemo-nos a lançar um olhar mais crítico às políticas linguísticas nacionais que pretendem apoiar as causas de (sobre)vivência das línguas “minoritárias”. Neste capítulo, adotamos em nossa escrita este termo padrão (*minorizadas*) tendo em vista a percepção da funcionalidade das línguas nos sistemas de comunicação e interação entre os sujeitos que delas necessitam. Sendo assim, damos continuidade à prescrição de Coulmas (2014) para o qual a língua escrita constitui “mais do que uma mera habilidade técnica, sempre foi e continua sendo um marcador de distinção social”.

Esse capítulo potencializa e enriquece as discussões concernentes à língua escrita arraigada na trilogia língua, cultura e sociedade, que, sendo componentes oriundos de uma pluralidade nem sempre reconhecida, acabam dando origem a manifestações preconceituosas e apagamentos de línguas, mesmo diante da potencialização e do empoderamento conforme tratamos neste trabalho.

A língua escrita marca a riqueza de um povo, pois representa o seu fortalecimento cultural e histórico. Neste processo em que o registro abrange a identidade singular e plural ao mesmo tempo, almejamos que se ampliem cada vez mais os espaços simbólicos, legais e, sobretudo, efetivos nas ações acerca da escrita. Não só em relação às línguas indígenas e de sinais, como destacamos aqui, mas todas as línguas. Que a identidade nacional as abrace e as tome em seu arcabouço cultural e identitário dos quais atualmente são excluídas. Desse modo, esperamos que nosso estudo fomente outras ações de pesquisa pautadas no domínio da língua escrita, pois, conforme Coulmas (2014, p. 134) deixa evidente, a escrita “é uma forma de comunicação indispensável e repleta de significado social”.

Referências

- ALBÓ, Xavier. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRUNO, Marilda Moraes Garcia; COELHO, Luciana Lopes. Discursos e Práticas na Inclusão de Índios Surdos em Escolas Diferenciadas Indígenas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 681-693, jul./set. 2016.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. Trad. Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bag-



no. São Paulo. Parábola Editorial, IPOL, 2007.

_____. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo. Parábola Editorial, 2002.

COULMAS, Florian. Escrita e sociedade / Florian Coulmas; tradução Marcos Bagno. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editora, 2014. 208 p.; 24 cm (Educação linguística; 8).

CUNHA, Manuela Carneiro da. O futuro da questão indígena. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. MEC/MARI/UNESCO. Brasília, 1995, p. 129-141.

DECLARAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE OS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS. Rio de Janeiro. UNIC. Cuiabá, Mato Grosso. Entrelinhas, 2009. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/universo-caracteristicas-gerais-dos-indigenas>>. Acesso em 15 jul 2021.

FARGETTI, C. M.; MIRANDA, T. G. Plurilinguismo: a diversidade que não é abordada nos livros didáticos. **Revista Letras Raras**, vol. 5, n 3, 2016. p. 79-88.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

INSTITUO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro. 2010.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **Influências e domínio de uma língua sobre outra(s)**. Matruga, Rio de Janeiro, v.17, n.26, jan./jun. 2010.

MORELLO, Rosângela. **Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL)**. Niterói, n. 32, p. 31-41, 1. sem. 2012.

MUSSATO, Michelle Sousa. SOUZA, Claudete Cameschi de. A (In)Existência do Sujeito Surdo Terena frente às Políticas Linguísticas. **Anais SIEL e Semanas de Letras – FAALC/UFMS**, Campo Grande – MS. n. 2. p. 133 a 142, 2020.

RICARDO, Carlos Alberto. “Os índios” e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. MEC/MARI/UNESCO. Brasília, 1995, p. 129-141.

RODRIGUES, Fernanda Castelano. A Noção de Direitos Linguísticos e sua Garantia no Brasil: Entre a Democracia e o Fascismo. **Línguas e Instrumentos Linguísticos** 42, Campinas: CNPq – Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, 2018; Unicamp, 1997-2018.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. [Tradução da 10ª edição corrigida]. Marcos Marcionilo – São Paulo: Parábola Editorial, 2003. – (Na ponta da língua; 5).

TEIXEIRA, Elisabeth Reis; CERQUEIRA, Ivanete de Freitas. Sinais caseiros: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e consequente aquisição de libras e português escrito como L2. **Anais do SIELP**, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/?page_id=4603>. Acesso em: 13 jul 2021.

CAPÍTULO 10

REMINISCÊNCIAS DAS LÍNGUAS BANTO E IORUBÁ NAS LINGUAGENS DE TERREIRO: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE REFERÊNCIAS PARA PESQUISAS EM REGISTRO E DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUAS FALADAS NO BRASIL

REMINISCENCES OF THE BANTU AND YORUBA LANGUAGE IN THE
TERREIRO TONGUE: BIBLIOGRAPHICAL REFERENCE FOR RESEARCH
REGISTRATION AND DOCUMENTATION OF LANGUAGES IN BRAZIL

Sidney Lopes de Oliveira Filho

Claudio Alves Benassi

Resumo

Este capítulo tem como objetivo principal apresentar alguns resultados relativos a uma face do projeto de pesquisa “Caminhos para o registro histórico da Libras falada em Mato Grosso e das reminiscências do *Iorubá* e da Língua *Banto* presentes nas linguagens de terreiro”. Esses resultados apresentam-se como uma relação de trabalhos que julgamos importantes em nosso levantamento para futuras discussões sobre a temática “reminiscências do *Iorubá* e da Língua *Banto* nas linguagens de terreiro”. Na introdução do trabalho apresentamos nossas ideias relacionadas à temática e ao projeto. Em seguida, fazemos comentários acerca de dois trabalhos que realizamos em 2018 sobre o tema comida de santo e relações de fundamentos da Umbanda e seus vínculos com preceitos bíblicos. Por fim, apresentamos alguns dos trabalhos selecionados por meio de uma breve síntese com o objetivo de relacioná-los às nossas futuras discussões.

Palavras-chave: Língua Banto. Língua Iorubá. Linguagens de terreiro.

Abstract

This chapter presents some results related to the research project “Paths for the historical record of LIBRAS in Mato Grosso and the reminiscences of the Bantu and Yoruba language in the *Terreiro* tongue”. These results are presented as a list of relevant works for future discussions on the topic “reminiscences of the Bantu and Yoruba language in the *Terreiro* tongue”. Also, the introduction presents the ideas about the topic and the project. Then, two works are exhibited (carried out in 2018) about the sacred food and the relationships of the foundations of Umbanda and its links with the biblical precepts. Finally, some of the selected papers are provided with a brief synthesis that will promote future discussions.

Keywords: Bantu language. Yoruba language. *Terreiro* Tongue.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar algumas referências coletadas em nosso projeto de pesquisa “Caminhos para o registro histórico da Libras falada em Mato Grosso e das reminiscências do *Iorubá* e da Língua *Banto* presentes nas linguagens de terreiro” implementado em maio de 2020, com duração estipulada de dois anos. Em relação ao levantamento bibliográfico, nossos objetivos previstos no projeto foram frustrados pela pandemia mundial do coronavírus.

Em virtude da pandemia, tivemos a desistência de alguns membros de nosso projeto, pessoas que demonstravam interesse pelo assunto e eram as principais responsáveis pela execução do levantamento bibliográfico. Ainda assim, conseguimos identificar e coletar alguns trabalhos sobre a temática que podem servir como base para implementarmos as primeiras discussões sobre as reminiscências das línguas *Banto* e *Iorubá* em nosso projeto de pesquisa que caminha para se tornar um grupo de estudos com registro na CaPES.

1.1 Alguns pontos do nosso projeto, cujos destaques são importantes

Em relação às reminiscências do *Iorubá* e da língua *Banto* nas linguagens de terreiros, o nosso projeto pretendeu realizar um levantamento bibliográfico para determinar um caminho teórico-prático e metodológico afim de possibilitar a realização de pesquisas nos locais onde tais reminiscências poderiam ser coletadas e registradas.

Como sacerdote e praticante da religião de Umbanda e de Candomblé, nos preocupamos com a preservação dos traços linguísticos reminiscentes dessas línguas nas linguagens de terreiro. Assim, nos propomos a realizar o registro da presença de línguas africanas nos terreiros de religião afro-brasileiras que estão desaparecendo em razão do grande número de jovens que adentram essas religiões modificando-as.

Ao longo dos tempos, os terreiros de religiões afro-brasileiras têm preservado culturas e tradições africanas milenares (ROCHA, 2015; AGUIAR, 2012; HUBERT, 2011). Até meados do século passado, em muitos terreiros de Umbanda era comum a apresentação de Entidades que utilizavam uma linguagem bastante marcada pela língua *Banto* – marca que, com o passar dos anos, foi desaparecendo em virtude da chegada de médiuns cada vez mais jovens, os quais estudam e questionam mais, levando mudanças à atuação mediúnica. E hoje raramente podemos presenciar tais fenômenos.

Dentro das roças de Candomblé, especialmente nos de nação de *Ketu*, a língua *Iorubá* prevalece e ali é preservada. Toda a ritualística é realizada prioritariamente na língua da nação que origina o culto. No entanto, a comunicação por meio dela se restringe ao âmbito ritualístico. Poucos são os praticantes que compreendem aquilo que é cantado nesta língua: um aspecto que poderia se configurar como um problema para os adeptos deste culto.

Assim sendo, a pesquisa possibilitará a formação de um arcabouço teórico-metodológico que permitirá a observação *in loco* e o posterior registro, além da análise da documentação, bem como poderia também fomentar, por meio de cursos de extensão, o ensino da língua Iorubá para que os membros das comunidades de terreiro – especialmente os de Candomblé – pudessem ter pleno acesso à simbologia guardada nas rezas e cantos dos seus ritos.

2. COMIDA DE SANTO E RELAÇÕES BÍBLICAS: OUTROS TRABALHOS REALIZADOS NESSA LINHA

Em 2019, um ano antes da implementação do projeto de pesquisa que mencionamos anteriormente, promovemos dois pequenos estudos que foram apresentados em formato de comunicação oral e publicados nos anais do evento “Congresso de Pesquisas em Educação” (CONPEDUC), na edição daquele mesmo ano.

O primeiro trabalho a ser referenciado é “Comida de Santo: oferendas gastronômicas votivas na religião de Umbanda” (OLIVEIRA FILHO, 2019). No artigo, foram abordados alguns aspectos históricos da fundação da Umbanda, em 1908, pela Entidade “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, por iniciativa do médium de Umbanda Zélio Fernandino de Moraes.

Além disso, no artigo, há um panorama teórico a respeito das oferendas votivas, sua relação de sociabilidade entre os devotos e suas Entidades, bem como a extensão disso à comunidade de santo e entornos por meio dos ritos públicos e festividades. Dentro da discussão, a comida de santo é apresentada como uma moeda na economia de trocas simbólicas que são realizadas entre os seres sobrenaturais e seus devotos.

Por fim, o autor ressalta a importância do conhecimento a respeito das religiões de matriz africana, pois o votante umbandista – por meio da oferenda gastronômica – não visa alimentar a Entidade, posto que ela não tem esta necessidade. Mas compreende-se que as energias contidas nos elementos ofertados são recebidas e direcionadas como uma energia sutil e vital que beneficia o votante. Ao divulgar o conhecimento, acredita-se popularizar os fundamentos dessas religiões, pois, como afirma o autor do artigo, “o preconceito não pode residir onde há o conhecimento” (OLIVEIRA FILHO, 2019).

O segundo trabalho busca dar maior visibilidade a um fundamento recebido na Umbanda de Zélio Fernandino de Moraes, da religião Católica, embora apagado ao longo dos anos. Trata-se do artigo “De Pretos Velhos, Caboclos e Erês e quais fundamentos bíblicos se faz a Umbanda”. O trabalho também destaca a fundação da Umbanda, bem como o caráter monoteísta dessa religião, cujo culto é dedicado a um Deus único.

Além de ressaltar o aspecto multifacetado das matrizes que a constitui – a africana, a indígena, a espírita, dentre outras –, o trabalho busca uma aproximação maior com a matriz Católica, que se assenta na figura dos Santos, ainda preservada na religião de Umbanda, e também em fundamentos da Bíblia Sagrada, um traço característico que vem se apagando com o passar do tempo. Em diversas passagens bíblicas o trabalho busca relacionar fundamentos da religião de Umbanda, reconhecendo assim a força da matriz cristã, que inegavelmente a constitui.

Para finalizar este tópico, vale citar aqui um exemplo desses fundamentos da Umbanda, que encontramos na Bíblia: trata-se da mediunidade, ou seja, da capacidade de um ser humano de ser um meio para a manifestação sobrenatural. Diz a Bíblia, no primeiro livro de Samuel, no capítulo 28, que, após a morte do profeta, na eminência da guerra dos filisteus contra Israel, o Rei Saul procurou por uma *pitonisa* (mulher que tinha o dom da adivinhação). Pediu o rei à mulher que invocasse o espírito do profeta morto e ela, ao atender a solicitação, descreve ter visto subir um ancião envolto em uma capa. O rei Saul então reconhecendo Samuel, inclinou-se e se prostrou em terra em reverência.

O relato mostra claramente a manifestação mediúnica da mulher que foi procurada pelo rei Saul. Além desse e muitos outros relatos que nos levam a crer que a Bíblia Sagrada também possui fundamentos que chegam à Umbanda via Catolicismo, podemos citar o exemplo do próprio Cristo.

Considerado o médium dos médiuns, Jesus Cristo foi um espírito altamente evoluído que encarnou com o propósito de trazer a segunda revelação do mundo espiritual. Foi um grande manipulador dos elementos naturais. Ricos em simbologia, os relatos são provas disso e podem ser correlacionados com a Umbanda, que propõe a manipulação de energias naturais para abençoar aos seus adeptos.

3. SINTETIZANDO ALGUMAS REFERÊNCIAS PARA UMA POSSÍVEL APLICAÇÃO

A primeira obra que queremos referenciar neste nosso capítulo é o livro “Sincretismo religioso afro-brasileiro”, de Waldemar Valente, publicado em 1955. Apesar de terem se passado já 66 anos do lançamento, a obra traz um detalhado estudo sobre o sincretismo religioso afro-brasileiro e abarca tradições importantes nos candomblés, sejam eles de Ketú, de Angola ou Gêge. Segundo o autor, a sobrevivência da influência banto, principalmente no candomblé de caboclo, naquela época, estava em vias de desaparecimento motivado pelas influências Católica e Espírita.

Segundo o autor, pouca coisa resta do quadro religioso de origem angolense e congolesa. No entanto, muita coisa de origem nagô ainda resta nas cerimônias rituais e até nas divindades, ainda que, às vezes, elas estejam desdobradas e acrescidas de outras que notadamente são de origem brasileira.

O estudo do autor aponta para uma dessemelhança entre as divindades nagô registradas na Bahia e as registradas em Pernambuco. O autor relata também a existência de um sincretismo gêge-nagô-banto, no qual os elementos mais nítidos são os bantos que surgem como sobrevivências, ainda que haja uma predominância dos componentes nagôs.

Outro aspecto importante da obra é relatar o sincretismo banto-ameríndio e a influência espírita. Segundo Valente (1955), o sincretismo de influência banto foi o que se mostrou mais característico – em especial devido aos fortes laços com a mitologia Tupi-Guarani. Para o autor, ambas as míticas são caracterizadas como “pobres”, se fundiram e deram origem aos candomblés de caboclo na Bahia. A mistura com as religiões indígenas

por si só já constituía um disfarce, o que foi, segundo o autor, ainda mais acentuado com o Catolicismo e com o Espiritismo.

Outra obra interessante que catalogamos é “O léxico do Tambor de Mina: uma proposta de glossário da linguagem afro-brasileira em São Luiz”, dissertação de mestrado de Anairam Jerônimo da Silva, de 2009. A contribuição do trabalho é importante para os estudos das reminiscências das línguas de origem africana em terreiros, pois conclui que a linguagem da Mina traz elementos de outras religiões, demonstrando haver um sincretismo religioso que reflete uma tentativa de reafirmação dos valores culturais afro-brasileiros e a luta pela manutenção da tradição religiosa dos antepassados africanos.

Destacaremos ainda algumas obras que julgamos como importantes resultados de nossas buscas, dentre elas: “Casas e terreiros de cultos africanos: território de identidade, resistência e de construção de linguagem”, de Kary Jean Falcão (2016). Enfatiza o importante papel da linguagem popular, acrescida das manifestações linguísticas de natureza africana, que influencia diversos setores da sociedade brasileira, especialmente o das artes.

“A linguagem no Candomblé: um estudo linguístico sobre as comunidades afro-brasileiras”, de Antonio Gomes da Costa Neto, aponta uma distinção do falar entre os adeptos do Candomblé, sendo que não iniciados não dominam a linguagem dos terreiros ou palavras de origem africana, e iniciados têm pouco domínio dessas linguagens ou palavras. Sem conhecerem, no entanto, a origem das línguas africanas, iniciados com conhecimento em todas as noções, mas sem domínio sobre as suas respectivas línguas, não iniciados com perfeito domínio sobre a língua de sua nação e das demais e ainda com conhecimento das línguas africanas, não iniciados com completo domínio sobre as línguas de todas as nações e domínio sobre as línguas de origem africana: esses resultados foram coletados com adeptos cujo aprendizado se deu nos terreiros por via oral.

“Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural”, de Sérgio E. Ferretti, de 1998, conclui que o sincretismo nas religiões afro-brasileiras “é uma forma de relacionar o africano com o brasileiro, de fazer alianças com o escravo e aprender na senzala e nos quilombos ‘sem se transformar naquilo que o senhor desejava’ [...] nem ficar ‘presos a modelos ideológicos excludentes’ [...]”.

Em “Sincretismo afrocatólico no Brasil: lições de um povo em exílio”, de Afonso Mario Ligorio Soares, de 2002, o autor faz importantes reflexões sobre a religiosidade de nosso povo, especialmente aqueles indivíduos que trafegam de um sistema religioso a outro. Ou seja, o povo considerado sincrético que frequenta a missa, mas não abre mão dos passes contra energias negativas e demais liturgias afro-brasileiras.

“Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução”, de Tito Lívio Cruz Romão, de 2018, apresenta o sincretismo como um caminho que permitiu os povos afro-brasileiros desviarem-se das imposições religiosas do colonizador. Segundo o autor, o êxito só foi possível pela mescla da sua religião com a do dominador.

“Línguas e linguagens nos candomblés de nação Angola”, tese de doutorado de Elizabeth Umbelino de Barros, de 2007, apresenta as línguas e linguagens de terreiro, es-

pecialmente dos candomblés de Nação Angola, por meio do estudo de textos orais registrados em dois terreiros, os quais possibilitaram identificar apenas um léxico de origem negro-africana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como enfatizamos no início desse capítulo, em virtude da pandemia, os membros do projeto de pesquisa interessados na temática “linguagens de terreiro” desistiram da empreitada e ela ficou relegada a um plano cuja visibilidade dentro do grupo de estudo era bem menor. E, ao iniciarmos nossa busca, já não estávamos tão otimistas quanto no momento da elaboração do projeto.

Contudo, fomos surpreendidos pelos resultados que obtivemos em uma rápida busca na mais acessível plataforma de buscas de trabalhos acadêmicos: o Google Acadêmico. Consideramos que as obras que catalogamos é em número muito pequeno, mas que, cientificamente, pode contribuir para que possamos – na próxima fase de nosso projeto e grupo de pesquisa – realizarmos o estudo, bem como continuar buscando por outras obras que possam corroborar em nosso empreendimento de registro das linguagens de terreiro.

Referências

- AGUIAR, Janaina Curvo Teixeira Maia de. **Os Orixás, o imaginário e a comida no Candomblé**. Itabaiana: Gepiadde, Ano 6, V. 11, jan-jun., 2012.
- BARROS, Elizabete Umbelino de. **Línguas e linguagens nos Candomblés de Nação Angola**. Tese. Doutorado em Letras. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2007.
- BENASSI, Claudio Alves. **Caminhos para o registro histórico da Libras falada em Mato Grosso e das reminiscências do Iorubá e da Língua Bantu presentes nas linguagens de terreiro**. Projeto de pesquisa. Texto de circulação restrita.
- _____. De Pretos Velhos, Caboclos e Erês e quais fundamentos bíblicos se faz a Umbanda. **Anais...** Congresso de Pesquisa em Educação (CONPEDUC). Rondonópolis, 2019.
- COSTA NETO, Antonio Gomes da. A linguagem no Candomblé: um estudo linguístico sobre as comunidades afro-brasileiras. Disponível em <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/A-Linguagem-no-Candomblé.pdf>. Acesso em 25 de nov. 2020.
- FALCÃO, Kary Jean. Casas e terreiros de cultos africanos: território de identidade, resistência e de construção de linguagem. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 187, dez., 2016.
- FERRETTI, Sérgio E. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998.
- HUBERT, Stefan. **Manjar dos deuses**: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 1, p. 81-104, 2011.
- OLIVEIRA FILHO, Sidney Pereira de. Comida de Santo: oferendas gastronômicas votivas na religião de Umbanda. **Anais. Congresso de Pesquisa em Educação (CONPEDUC)**. Rondonópolis, 2019.

ROCHA, Denise. Comida de santo: oferendas aos Orixás. *Tenda dos milagres* (1969), de Jorge Amado. **Ca-poeira – Revista de Humanidades e Letras**, v. 1, n. 3, 2015.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacio-nal: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos Linguística Aplicada**, Campinas, n. (57. 1): 353-381, jan./abr. 2018.

SILVA, Anairan Jeronimo da. **O léxico do Tambor de Mina: uma proposta de glossário da linguagem afro-brasileira em São Luiz**. Dissertação. Mestrado em Linguística. Centro de Humanidades. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, 2009.

SOARES, Afonso Mario Ligorio. Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio. **Revista de Estudos da Religião**, n. 3, p. 45-75, 2002.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

AUTORES

Áurea de Santana Bueno

Atualmente, é professora efetiva da rede municipal pela Secretaria Municipal de Educação (SME/Cuiabá-MT); Mestre em Estudos de Linguagem (2020), pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Especialista em Libras e Educação Inclusiva (2019), pelo Instituto Federal de Ciências, Educação e Tecnologia (IFMT); graduada em Pedagogia (2016) e em Letras-Libras, Licenciatura (2021), pela UFMT; professora pesquisadora na área da Educação e da Linguagem. Interessa-se em pesquisa relacionadas às temáticas: Alfabetização/Letramento, Alfabetização de Visuais, Formação de professor, Ensino de línguas, Língua de Sinais - Libras, Escrita de Língua de Sinais - VisoGrafia, Estratégias de aprendizagem por recursos imagéticos, Educação inclusiva, Língua Portuguesa como L1 e L2, Libras como L1 e L2.

Derli Aparecida Freitas Afonso

Graduada em Letras-Libras Licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Educação Inclusiva em Libras pelo Instituto Federal de Ciências e tecnologia de Mato Grosso. Possui habilitação em tradução/Interpretação pelo CASIES Mato grosso. Experiência na área de Interpretação desde 2019, atuando em escolas, secretarias e eventos.

Franciele de Jesus Ferreira Leite

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pós-graduada em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário de Várzea Grande - Mato Grosso (2019) e Pós-graduada em Educação Inclusiva e Libras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (2019). Graduada em Letras-Libras pela UFMT (2018) e em Radiologia pelo Centro Universitário de Várzea Grande (2015). Graduada em 2º Licenciatura: Letras/Português pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (2021). Atua como professora interina de português na rede estadual de educação do Mato Grosso e como professora na área de linguagens do Centro Universitário Invest. Atuou como professora substituta nas graduações em licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso (2019). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em LIBRAS e português.

Jislaine da Luz

É professora da educação básica do estado de Mato Grosso, possui graduação em Letras - Português pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2004), com especialização em Tecnologias da Educação pela FAR – Faculdade Reunida (2013) em Tecnologia na educação, EAD e Metodologia do Ensino Superior. De 2009 a 2020, foi professora formadora no Centro de Formação de profissionais da Educação Básica CEFAPRO de Matupá - MT, responsável pela formação de professores atuantes na Educação Básica do ensino público na área de Linguagens, códigos e tecnologias, com pesquisas, orientação e mediação de Projetos de Formação Continuada. Participante do Grupo de Pesquisa GEPLIAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, campus de Sinop, atuando como pesquisadora no Projeto "Práticas docentes e Formação: mapeamento e análise do processo formativo e do fazer docente dos professores da área de linguagens do ensino público estadual das regiões norte e noroeste matogrossenses". Ainda pela Universidade do Estado

de Mato Grosso, é mestra pelo programa de Pós-graduação PPGLetras (2018/2), na linha de pesquisa de Estudos Linguísticos, com enfoque em estudos Sociolinguísticos de línguas em contato, especialmente a língua Terena, além de estudos no campo dialetológico. Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, na linha de pesquisa de estudos linguísticos, tendo atualmente suas pesquisas voltadas à área de concentração de História, descrição, análise e documentação de línguas faladas no Brasil.

Marcus Garcia de Sene

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. Atualmente, é Professor do Curso de Licenciatura em Letras do Centro Universitário Newton Paiva. Líder do projeto de pesquisa “Diversidade linguística, avaliação subjetivo e respeito linguístico” aprovado pela instituição em que atua como docente. É editor-assistente da Revista Diálogos (RevDia). Desenvolve pesquisas em Sociolinguística, com ênfase em produção e percepção sociolinguística, o significado social da variação, o ensino de variação e a competência sociolinguística, etc.

Maria Emília Novaes dos Santos

Graduada em LETRAS - LIBRAS / UFMT. Especialista em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS / Unirondon. Especialista em Libras e Educação Inclusiva / IFMT. Mestranda em Estudos de Linguagem PPGEL IL-UFMT Cuiabá. Trabalho como Tradutor e Intérprete Educacional no Estado de Mato Grosso / SEDUC e pela Secretaria Municipal de Cuiabá / SME. Trabalhou como Professora Substituta no Departamento de Letras / UFMT e como Tradutor e Intérprete Educacional na Universidade de Cuiabá / UNIC. Atualmente participo do Grupo de Estudos Licor de Pequi na área da Escrita de Sinais e Linguística da Libras UFMT sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Alves Benassi.

Quézia Mary da Silva Reis

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem/UFMT, especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e possui graduação em Letras – Espanhol pela Universidade de Cuiabá (2003). Atualmente é professora de Língua Portuguesa, Redação e Literatura, no Sistema Fiemt – Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em Linguística Aplicada.

Rayane Thaynara Santos

Mestre em Estudos Linguístico PPGEL/UFMT, Bolsista CAPES/ds. Especialista em Libras (2019), Educação Especial Inclusiva (2020) e Docência no Ensino Superior (2021) pela UNIASSELVI. Graduada no Curso de Letras-Libras licenciatura (UFMT). Proficiente na Tradução e Interpretação de Libras por meio do ATESTO - MT. Membro do grupo de pesquisa FÓLIUM CAPES/CNPQ (2019-atual). Bolsista do PIBID/CAPES/CNPQ (2018). Atualmente professora substituta do Curso de Letras-Libras licenciatura da UFMT e orientadora pedagógica de Libras do projeto de extensão de idiomas da UFMT.



Sidney Lopes de Oliveira Filho

Professor e gastrônomo. Atua como professor de História, na rede de Educação do Estado de Mato Grosso, na Escola Quilombola Maria de Arruda Müller. Devolve atividades ligadas a difusão da história dos povos afrodescendentes, a popularização dos cultos afro-brasileiros e sua desmistificação. Tem importantes trabalhos prestados às comunidades quilombolas e ao povo afro-brasileiro, além de nutrir e desenvolver especial interesse sobre a gastronomia votiva (comida de santo).

A presente obra tem como principal finalidade, dar visibilidade aos resultados do projeto de pesquisa “Caminhos para o registro histórico da Libras falada em Mato Grosso e das reminiscências do Yorubá e da Língua Bantu presentes nas linguagens de terreiro”, que fomentou a formação de um grupo de estudos que reuniu estudantes e pesquisadores em torno de dois eixos teóricos: a linguística saussuriana e a teoria enunciativa de Bakhtin. Assim, apresentam-se capítulos de autoria dos membros do grupo de estudo nessas duas vertentes pesquisadas, durante o período de dois anos, entre 30 de maio de 2020 a 30 de maio de 2022.

